



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**A RECEPÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA ARGENTINA DURANTE A
'NORMALIZAÇÃO DEMOCRÁTICA': O CASO DA UBA**

SÃO CARLOS
2014



Universidade Federal de São Carlos

Virginia Irene Rubio Scola

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**A RECEPÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA ARGENTINA DURANTE A
‘NORMALIZAÇÃO DEMOCRÁTICA’: O CASO DA UBA**

VIRGINIA I. RUBIO SCOLA
Bolsista: Fapesp Processo nº: 2011/04935-9

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção
do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser
Baronas
Co-orientadora: Prof(a). Dr(a). Florencia
Miranda

São Carlos - São Paulo - Brasil
2014

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

R896ra

Rubio Scola, Virginia Irene.

A recepção as análise do discurso na Argentina durante a
“Normalização democrática”: o caso da UBA / Virginia Irene
Rubio Scola. -- São Carlos : UFSCar, 2014.
124 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2014.

1. Análise do discurso. 2. Argentina. 3. História da
linguística. I. Título.

CDD: 401.41 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DE VIRGINIA IRENE RUBIO SCOLA**

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
UFSCar/São Carlos
Orientador – Presidente

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado
UFSCar/São Carlos
Membro Interno

Prof. Dr. Dominique Maingueneau
Universidade Paris IV/Paris
Membro Externo

*¿Por qué la tierra es mi casa?
¿Por qué la noche es oscura?
¿Por qué la luna es blanca
que engorda como adelgaza?
¿Por qué una estrella se enlaza
con otra, como un dibujo?
Y ¿por qué el escaramujo
es de la rosa y el mar?
Yo vivo de preguntar:
saber no puede ser lujo.*

El Escaramujo, Silvio Rodríguez

A todos os que lutam dia a dia por um ensino inclusivo, engajado e gratuito.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Roberto Leiser Baronas, e co-orientadora, Florencia Miranda, de quem recebi grande ajuda no desenvolvimento do trabalho e na minha carreira como pesquisadora.

Ao professor Dominique Maingueneau que gentilmente me acolheu na Sorbonne.

Aos professores da Universidade de Buenos Aires e da Universidade de Rosario, em especial Nora Bouvet, Elvira Narvaja de Arnoux, María Laura Pardo, Salvio Martín Menéndez e Alejandro Raiter com quem tive a oportunidade de conversar sobre a pesquisa.

Ao grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDIM) que me abriu as portas para pensar e desenvolver a pesquisa.

À família pelo constante apoio e confiança nos meus projetos acadêmicos.

Aos amigos que esta pesquisa me fez felizmente encontrar em São Carlos: Samuel, Lígia, Elis, Helena, Jocenilson, Marina, Maysa.

Aos amigos de Rosario e espalhados pelo mundo que apesar das distâncias sempre estão no coração.

À Fapesp pelo auxílio na pesquisa e pela oportunidade de realizar o estágio de pesquisa no exterior.

RESUMO

A presente pesquisa se apresenta enquanto um estudo sobre a história da linguística na Argentina no momento em que se introduzem as correntes da Análise do Discurso. Procuramos mostrar de que forma se dá este processo em relação ao particular momento histórico que estava se vivendo na Argentina: a normalização democrática. A democracia trouxe grandes mudanças na sociedade em geral e nas universidades argentinas, sobretudo nas ciências humanas e sociais. As grades curriculares abriram-se para novos paradigmas e, especificamente, no curso de Letras na Universidade de Buenos Aires, se constituiu a linguística como uma disciplina consolidada e com orientações próprias. Dessa forma, reformula-se o programa de Linguística e conforma-se uma nova disciplina chamada “Elementos de Semiología y Análisis del Discurso”. Nosso estudo consiste em compreender, no âmbito do trabalho pedagógico e no da pesquisa, de que forma foi se instaurando a Análise do Discurso e quais características esta disciplina foi adquirindo. Abordamos esta questão com base na noção de história de Foucault, da historiografia linguística e das noções de arquivo e condição de produção da própria Análise do Discurso. Pensamos em quais foram os materiais de análise, e com base em que unidades e metodologias de estudo foram abordados. Chegamos às conclusões de que os *corpora* analisados nos artigos e nas disciplinas se encontram completamente relacionados com o contexto de democratização da Argentina e as análises apresentam um forte engajamento com a realidade Argentina no contexto latino-americano.

ABTRACT

The following research consists in a study about Argentina's linguistic history at the moment where Discourse Analysis studies were introduced. We show this process in relation to the historical moment in Argentina: the democratic normalization. Democracy brings important changes in the society and in the universities, mainly in humans and social science. The curricula were opened to news paradigms and, particularly, at the Letter Bachelor's at the University of Buenos Aires. Linguistic was consolidated as a main discipline with her owns orientations. In this way, the Linguistic program was reformulated and a new discipline is defined: "Elementos de Semiología y Análisis del Discurso". Our study consists in thinking about these changes in the research and academic's domains in which form Discourse Analysis were established and which were their characteristics. The approach is based on the concept of history by Foucault, the linguistics historiography and the notions of archive and conditions of production from Discourse Analysis. We consider which were the linguistic materials analyses and in which concepts and methodology the studies were developed. Finally, we concluded that the *corpora* analyzed in papers and in the two disciplines are strongly related with the context of democratization in Argentina and the analysis show a huge engagement with this reality in a latinoamerican context.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Recorte de jornal sobre Videla e a Copa do Mundo de 1978.....	76
Figura 2 Charge e exercício sobre conotação.....	77
Figura 3 Cartaz da “Unión Obrera Metalúrgica”, 1962.....	79
Figura 4 Crônica Jornalística sobre a comemoração da ocupação argentina das Ilhas Malvinas..	81
Figura 5 “La vuelta de Obligado” de J. Limura.....	83
Figura 6 Relato sobre a destituição de H. Yrigoyen.....	84
Figura 7 “Manifiesto Liminar de la Reforma Universitaria”	89
Figura 8 Artigo jornalístico sobre o testemunho de um ex-militar da marinha.....	92
Figura 9 O voto feminino de A. Moreau de Justo.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 TEORIAS DO DISCURSO	13
1.1 A PRAGMÁTICA	16
1.2 TEORIAS DA ENUNCIACÃO	19
1.3 TEORIAS DO TEXTO	22
1.4 ANÁLISE DO DISCURSO ANGLO-SAXÃ	24
1.5 ANÁLISE DO DISCURSO DA ESCOLA FRANCESA	25
2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL.....	36
2.1 A DITADURA NAS UNIVERSIDADES	36
2.2 RECUPERAÇÃO DEMOCRÁTICA	39
2.3 A FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS UBA.....	41
2.3.1 Cátedra de Elementos de Semiología y Análisis del discurso	44
2.3.2 Instituto de Filologia.....	45
2.3.3 Instituto de Linguística	47
3 ANÁLISE DO ARQUIVO	49
3.1 PUBLICAÇÕES	49
3.1.1 Análise sociolinguística do discurso.....	51
3.1.1.1 <i>Cadernos do Instituto de Linguística I</i>	54
3.1.1.2 <i>Cadernos do Instituto de Linguística II</i>	60
3.1.1.3 “Missing people in Argentina”	65
3.1.1.4 A linguagem: contexto sócio-cultural	66
3.1.2 <i>Lenguaje en Contexto</i>	68
3.1.3 <i>Lengua, Lenguaje y Comunicación</i>	69
3.1.4 <i>Signo y Seña</i>	70
3.2 DISCIPLINAS	71
3.2.1 Elementos de Semiología y Análisis del Discurso	72
3.2.1.1 As oficinas de leitura e escrita	94
3.2.2 Linguística.....	95
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	103

MATERIAL DO ARQUIVO	103
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXOS	111
1 ENTREVISTAS.....	111
2 APENDICES	118

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa de mestrado procuramos entender de que forma a corrente Análise do Discurso se introduz na Linguística, enquanto disciplina acadêmica, na Argentina. Esta ideia surgiu de um estranhamento percebido pela autora sobre a grande hegemonia dos estudos filiados na Análise do Discurso no Brasil e, particularmente, à Análise do Discurso dita de tendência francesa que retoma - em forma de pré-construído - os estudos de Pêcheux nos anos 60 aliando a Linguística de base saussuriana com o Materialismo Histórico e com a Psicanálise. Em relação a essa problemática recentemente, Orlandi (2005) defende a existência de uma Análise do Discurso genuína do Brasil e propôs nomeá-la “Análise do Discurso Brasileira” (ADB). Esta corrente dentro da linguística no Brasil tem uma filiação com a Análise do Discurso da escola francesa proposta por Pêcheux, mas apresenta sua própria produção no Brasil e se distancia explicitamente da atual Análise do Discurso francesa (COURTINE 1999, 2005; ORLANDI, 2005, 2012; GREGOLIN, 2004, 2007). Essa questão despertou nossa curiosidade com o objetivo de entender como se desenvolveu a Análise do Discurso nos outros países da América Latina, já que a autora, que realizou seus estudos de graduação na Argentina, não identificava esta corrente tão marcada nos estudos linguísticos na Argentina.

Trabalhar com a Análise do Discurso do mirante da linguística permite entender como a linguística, enquanto ciência da língua, se abre ou não¹ às rupturas propostas pela Análise do Discurso nas suas diferentes vertentes. Com isto, me refiro a que a linguística concebida nas leituras estruturalistas do *Curso de Linguística Geral* de Saussure, como disciplina positivista - que exclui do seu estudo o social, a história, o discurso, a variação na língua - é repensada no sentido que suas fronteiras são atravessadas e busca à interdisciplinaridade. Da oração, ao texto, sobretudo, a análise do discurso político mostra grandes mudanças no objeto de estudo pensado pela linguística. Interessa-nos particularmente este processo; por esta razão o estudo se debruça sobre a Análise do Discurso que começa a se incorporar na área de Linguística. Com efeito, não serão analisados os trabalhos de Análise do Discurso nas áreas de Comunicação Social, Sociologia, por exemplo.

¹ Refiro-me a paradigmas dentro da linguística como, por exemplo, a teoria gerativa que se mantém na concepção da linguística como estudo do sistema da língua com falantes ideais e sem contexto.

Assim, será estudada a incorporação da Análise do Discurso no curso de Letras da Universidade de Buenos Aires e na pesquisa desenvolvida pelos seus professores. A Universidade de Buenos Aires (UBA) é uma instituição nacional de caráter público que se encontra na cidade de Buenos Aires. Trata-se da maior universidade do país, com grande prestígio e renome dentro da Argentina e no exterior. Por se encontrar na cidade autônoma de Buenos Aires e capital do país tem funcionado ao longo da história como centro difusor de saberes. A importância desta cidade na geografia argentina representa o resultado de políticas centralizadoras implantadas ao longo da história do país. Sem pretender reforçar essa política de centralização, a pesquisa é desenvolvida em base ao curso de Letras da UBA pela trajetória da instituição e pelo papel difusor que lhe concedeu sua posição estratégica. O curso de Letras envolve diferentes orientações, entre elas a orientação em Linguística, e diferentes institutos de pesquisa. Destacamos o Instituto de Filologia que é um representante da longa trajetória e do papel difusor não somente na Argentina, mas na América Latina da produção científica da UBA (ver *infra* 3.3.2).

O período recortado para a nossa análise é o chamado de normalização universitária entre os anos 1984 e 1989 (BUCHBINDER, 2010), isto é, depois da última ditadura militar argentina (1976 até 1983). Essa época da história argentina revela-se pertinente para nosso trabalho, já que os cursos de humanidades, ciências sociais e letras são marcados por um forte impulso de reconstrução e atualização, produto da democratização do país e das grandes mudanças institucionais que experimentaram as universidades argentinas.

Conforme enunciado, nessa pesquisa será estudado particularmente o curso de Letras da UBA com sua mudança na grade curricular em 1984 que implicou, entre outras reformas, a criação da disciplina do primeiro ano comum “Elementos de Semiología y Análisis del Discurso” e a reformulação da disciplina Linguística. Consideramos que as cátedras² destas duas disciplinas foram o elemento desencadeador dos primeiros trabalhos e estudos em Análise do Discurso, mobilizando *corpora* amplos: discurso político da época, discurso histórico da Argentina, assim como o estudo de toda forma de manifestação da linguagem desde o discurso cotidiano até o discurso científico.

² Cada disciplina na Argentina possui sua equipe de cátedra conformada por diferentes professores com diferente hierarquia que se ocupam de diferentes tarefas no ditado das aulas teóricas, práticas e das oficinas, quando houver.

Para compreender e delimitar o que se denomina por “Análise do Discurso”, buscamos respaldo nas reflexões elaboradas por D. Maingueneau (1976, 1997, 2006, 2007, 2008), o que consiste em uma concepção ampla que entende o surgimento da Análise do Discurso como conjuntura e participação de diferentes correntes do estudo da língua em uso.

Para poder pensar nas questões da história da linguística recorreremos à concepção da história de M. Foucault, reflexões da historiografia linguística e alguns conceitos da própria Análise do Discurso (doravante, vez ou outra, AD) como condições de produção e arquivo.

A história, segundo as reflexões de Foucault (2002), nos permite discutir modelos estabelecidos para uma melhor interpretação. Foucault propõe pensar em uma história-problema, que tenta desconstruir o passado enquanto discurso e, sobretudo, questioná-lo. Em vez de partir da estrutura social como realidade objetiva, deve-se estudar como foram instituídas culturalmente as referências paradigmáticas da modernidade em relação ao social, à posição dos sujeitos ao poder e às formas de produção do conhecimento.

Segundo M. Rago (1995), em “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”, a partir da virada epistemológica proposta por Foucault, a função do historiador é de construir a trama correspondente ao acontecimento partindo do fato de que não existe um passado organizado, nem objetos de estudo prontos, nem sujeitos determinados, nem o fio da continuidade. Esta concepção de estudo da história tem como objetivo descrever e mostrar como se constituiu a unidade por meio das dispersões, das rupturas. Isto é, pensar os documentos nas suas mudanças, e não em seus monumentos (os heróis, os símbolos mais visíveis dos acontecimentos históricos), já que a verdade é produto das práticas discursivas, fruto de embates em torno da própria verdade.

A historiografia linguística nos ajuda a pensar os problemas linguísticos que se apresentam em um determinado momento da história. Cristina Altman (2012) afirma que:

A atividade de escrever a história da linguística presume, pois, a tarefa de reconstrução dos “fatos” a partir dos quais o historiógrafo constrói seu sistema de referências, mas pressupõe também a tarefa de selecionar e interpretar como os problemas linguísticos se constituíram, se formularam e se reformularam através do tempo. (2012, p. 29)

Desta forma, podemos pensar quais são os materiais que servirão como fontes a ser descritas, interpretadas e consequentemente analisadas. No presente trabalho não analisaremos somente as produções efetivamente publicadas ou os livros cânones que podem ter sido mobilizados. Seguindo esta linha da historiografia linguística estudaremos, além das publicações oficiais, documentos como a grade curricular do curso de Letras, programas das disciplinas, apostilas de aula, gravações de aulas, currículo dos professores e entrevistas a professores. Entendemos que desta forma podemos mostrar de uma forma mais representativa como foram se incorporando as correntes da AD, levando em conta o contexto universitário argentino que economicamente não tinha condições de financiar muitos projetos editoriais. A presença do contexto em todos os aspectos (materiais, sociais, político, histórico) será constitutivo do trabalho.

A historiografia linguística que ambiciona descrever e explicar a história das ciências da linguagem, e os fatores que puderem ser associados ao seu desenvolvimento, deve ambicionar igualmente examinar as circunstâncias de produção e de recepção do conhecimento que se constrói sobre a linguagem e as línguas (ALTMAN, 2012, p. 22)

Pretendemos considerar as circunstâncias de produção por intermédio do conceito de condições de produção próprio da Análise do discurso, já que como será demonstrado ao longo da pesquisa todo o trabalho realizado com a AD está em completa interdependência com o contexto, com a realidade que se vivia na época, e com um projeto bem explícito de interferir nessa realidade.

Construímos um arquivo no sentido de Foucault como agrupamento dos enunciados segundo um determinado sistema de dispersão que rege uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas (FOUCAULT, 2002). Esta abordagem do arquivo nos permite pensar quais textos da Análise do Discurso foram mais retomados no contexto da Argentina em detrimento de outros, quais materiais textuais são objeto desta Análise do Discurso na Argentina em detrimento de outros, para poder entender com quais objetivos foram feitas estas seleções.

1 TEORIAS DO DISCURSO

Estudar a Análise do Discurso (AD) como objeto de estudo apresenta diferentes dificuldades por causa da própria corrente que conforma um campo interdisciplinar de difícil delimitação, como afirma Maingueneau:

Um debate habitual vem, aliás, opor os que desejam ver na Análise do Discurso uma disciplina de pleno direito e aqueles que preferem nela ver um espaço de encontro privilegiado entre os diversos campos das ciências humanas, todos confrontados com a questão da linguagem. [...] Hoje, quando falamos de Análise do Discurso, não podemos mais ignorar que esse rótulo se aplica a trabalhos de inspirações muito diferentes em todo o mundo (MAINGUENEAU, 2007, p. 14- 15).

Esta dificuldade de delimitar as fronteiras leva-nos a considerar que, no nosso estudo, no ambiente acadêmico-pedagógico da Argentina, não reconhecamos exatamente a mesma delimitação do campo da AD que é trabalhado no Brasil. Um exemplo disto é o que mencionamos na Introdução sobre o pré-construído da AD brasileira, do fato de esta envolver os trabalhos de Pêcheux e, como consequência disso, rejeitar a pragmática, as teorias da enunciação. Esta concepção de AD no Brasil é questionada por pesquisadores brasileiros como, por exemplo, Possenti (2009) e Mussalim (2001), entre outros.

A seguir, refletimos sobre a noção de discurso e como ela foi pensada ao longo da história da linguística de forma a apresentar um mapa geral do que é chamado AD. Na historiografia tradicional, considerando a origem da linguística moderna a partir da teorização do *Curso de Linguística Geral* (CLG), esta noção teria sido objeto de reflexão tardiamente no desenvolvimento da disciplina, mais especificamente nos anos 60 do século passado. Isto se deve ao fato de que o conceito do discurso supera os limites do que foi definido como linguística, o *estudo da língua por si mesma*, que teria afirmado Saussure³ no CLG, fundando a ciência linguística como estudo formal da língua, excluindo dessa maneira os estudos sobre a língua em uso. Para pensar o discurso é preciso se deslocar da estrita separação dicotômica entre

³ Essa expressão não foi utilizada por Saussure, mas pelos editores do CLG, Charles Bally e Albert Sechehaye, que reúnem nesta obra póstuma apontamentos de alunos que assistiram ao Curso. Os editores reconhecem que “a frase final do CLG tão citada – *a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua encarada em si mesma e por si mesma* - não é de Saussure” (SALUM, 2006, p. XVIII).

langue/parole, sendo que a primeira foi entendida tradicionalmente como o sistema abstrato de signos e a segunda como a produção individual. Pretendemos desenvolver o lugar do discurso perante esta dicotomia inaugural da linguística, pensando nas diferentes correntes que trabalham com o discurso e se incluem sob o nome de Análises do Discurso. Estas correntes identificam o discurso de diferentes maneiras enfatizando: na situação comunicativa, nas intenções/inferências dos falantes, nos sentidos em contexto, nas interpretações dos textos, na produção dos textos.

Desse modo, no momento em que se pensa o discurso como objeto de estudo é necessário levar em conta elementos contextuais, extralinguísticos, já que a interpretação de um enunciado não é possível, levando-se consideração apenas a informação linguística. Além da busca pelo sentido no contexto, para chegar a uma teorização do discurso, é mister que se mobilize noções sobre a subjetividade do falante, isto é, o ter em conta o sujeito falante na sua presença/ausência e no seu grau de engajamento com o seu discurso. Isto leva à linguística ter que recorrer a outras disciplinas - sociologia, a história, a psicologia etc. - para dar conta da interpretação dos sentidos presentes no discurso. Este objeto, pensado na interpretação, posto em relação com elementos extralinguísticos, já vinha sendo trabalhado *pré-linguisticamente* por outras disciplinas como a filologia, a estilística, a retórica e a hermenêutica.

As reflexões da tradição filológica têm como objetivo a interpretação de textos históricos em relação a seu contexto de produção. A filologia é uma disciplina que consiste em reconstruir os sentidos “originais” próprios dos textos, que teriam sido obscurecidos pelo decorrer da história (MAINGUENEAU, 1997). Os estudos filológicos buscam relacionar os textos com seu contexto histórico original, autêntico, com as particularidades da época, registrando as falsificações e os acidentes na história do texto.

A estilística consiste, por seu lado, no estudo dos processos estéticos próprios do autor (PAVEAU; SARFATI, 2006). Esta disciplina trabalha com a imbricação do sujeito no discurso, produzida por ele próprio. Mesmo tendo começado com finalidades estéticas, orientada para a literatura, a estilística faz parte de uma forma de entender o discurso. Bally desloca a noção de estilo do domínio estético e literário, define estilística como o estudo

(...) dos fatos da expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, da expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem

e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 92).

Bally amplia a noção a todos os fatos da linguagem elaborando desta forma uma concepção pragmática enunciativa e sociolinguística da língua falada (PAVEAU; SARFATI, 2006). Isto é, uma análise da subjetividade na fala que leva em conta o caráter social e historicamente determinado da atividade linguística. “Segundo Bally, troca verbal é fundamentalmente dominada pela situação extralinguística assim como pelo contexto (ambiente linguístico), ou pelos parâmetros semióticos associados ao verbal” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 98).

Os aportes de Bally tiveram grandes repercussões e convergências do objeto de estudo com as teorias mais recentes, uma vez que promovem uma concepção pragmática do ato de linguagem que converge com a filosofia analítica e com a pragmática, e caracteriza a língua falada problematizando o que seria depois trabalhado pela sociolinguística americana. Ademais, os trabalhos tiveram grandes influências na linguística francesa: na teoria da enunciação (sem estar explícita em Benveniste e tardiamente reconhecida por Ducrot), na sociologia de Bourdieu e na Escola Francesa da AD.

Dentro da linguística, Maingueneau (2008) situa a proliferação do termo discurso nos anos 80 e a atribui a uma mudança no modo de conceber a linguagem devido à influência de correntes da pragmática e à “demanda” da parte das ciências humanas para analisar objetos textuais para os quais a linguística se apresentava insuficiente, sobretudo quando se tenta manter o mito de uma linguística “pura”. Essa demanda da parte dos não-linguistas geralmente consiste em uma técnica “científica” que lhes permitiria obter resultados formalizados, diretamente utilizáveis para suas interpretações extralinguísticas.

Os estudos do discurso no campo da linguística têm uma organização particular, já que eles se encontram privilegiados, como diz Maingueneau, de se encontrar em contato com as outras ciências humanas. Representada em um esquema (MAINGUENEAU, 1997), esta organização consiste em um “núcleo rígido”, que estuda a língua como sistema formal, ao qual se acrescentaria uma “periferia” em contato com disciplinas vizinhas que entendem por linguagem os sentidos mobilizados por sujeitos inscritos em uma sociedade determinada por uma conjuntura

histórica. É a esta periferia que remetem os conceitos de discurso e de AD. Esta dualidade, núcleo/periferia, pode ser entendida de forma hierárquica, o que depende da linguística e as margens pouco científicas do núcleo rígido, ou como dualidade radical da linguagem ao mesmo tempo formal e atravessada pelos embates subjetivos e sociais.

Maingueneau defende que a AD não foi fundada unicamente por Michel Pêcheux, mas é um produto da convergência de diferentes modos de abordagem do discurso:

Aqueles que, por exemplo, fizeram de Michel Pêcheux o fundador da AD têm uma certa concepção da AD. Aqueles que, como eu, pensam que houve diversos atos de fundação da AD têm uma outra concepção. A meu ver, as correntes como a etnografia da comunicação, as correntes pragmáticas, a linguística textual ou as problemáticas de Foucault participaram sem saber do desenvolvimento desse agrupamento de pesquisas que se encontram hoje em dia sob o rótulo de Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 2006).

A seguir apresentamos, seguindo esta concepção, diferentes linhas teóricas que consideram como objeto de estudo, a língua em uso e são incluídas no que se acostuma denominar como análises do discurso. Isto, provavelmente, difere com a concepção de AD no Brasil – associado com uma análise materialista do discurso, mas a delimitação na Argentina dá-se de maneira diferente envolvendo sob este rótulo diferentes correntes, por exemplo, a pragmática. O percurso não pretende ser exaustivo, procuramos elaborar um panorama geral das diferentes formas de abordar a língua em uso. Também, encontramos no nosso arquivo sob o nome de “Análise do Discurso” esta diversidade de correntes.

1.1 A PRAGMÁTICA

Dentro das diferentes teorias do discurso podem-se distinguir três tradições epistemológicas bem marcadas: a tradição anglo-saxônica, a tradição francesa e a tradição holandesa-alemã. Da primeira surge a pragmática, que se interessa pelas relações dos signos com seus usuários, o uso dos signos e seus efeitos nos usuários. Segundo Maingueneau (2008) no Dicionário de AD, quando se fala em componente pragmático se designa um processo pelo qual se visa à interpretação dos enunciados em contexto (MAINGUENEAU, 2008). “Definiremos a

pragmática como o estudo do uso da linguagem, em oposição ao estudo do sistema linguístico” (MOESCHLER; REBOUL apud MAINGUENEAU, 2008, p. 394). Os pragmaticistas defendem que a interpretação de um texto não pode ser entendida somente por meio de procedimentos linguísticos, não-contextuais, em razão de que o falante geralmente significa muito mais do que ele realmente diz.

A pragmática consiste em uma determinada forma de conceber a linguagem não como um objeto independente da prática, mas como uma forma de reconhecer certas propriedades em si mesma, como fato de a linguagem possibilitar transações (LATRAVERSE apud MAINGUENEAU 2008, p. 395). Nessa concepção, a pragmática está presente em todas as ciências humanas, ela não se definiria por uma disciplina específica, mas reagruparia diversas correntes que coincidem em certos postulados teóricos:

(1) a semiótica inspirada pelo filósofo Peirce; (2) a teoria dos atos de linguagem, proveniente das pesquisas do filósofo inglês Austin, continuada por Searle, no que diz respeito à dimensão ilocutória da linguagem, sobre aquilo que se faz falando; (3) o estudo das inferências que os participantes extraem de uma interação (Grice, Sperber e Wilson); (4) os trabalhos sobre a enunciação linguística, que foram desenvolvidos na Europa por Bally, Jakobson, Benveniste, Culioli; (5) as pesquisas sobre a argumentação; (6) o estudo da interação verbal, em particular de inspiração etnometodológica ou psicossociológica; (7) certas teorias da comunicação, como as da Escola conhecida como de Palo Alto (Batestan, Watzlavick...) (MAINGUENEAU, 2008, p. 395)

Destes postulados serão descritos os mais significativos para nossa pesquisa. A pragmática surge dentro da filosofia analítica de Austin, em reação a um logicismo levado ao extremo, com uma proposta de estudar a dimensão acional da língua deixando de lado o seu valor de verdade. A idéia de Austin parte do pressuposto que se deve considerar a linguagem não como uma mera descrição de um estado de coisas ou simples transmissão de informação, mas como uma forma de pensar em uma outra função da linguagem, a ação. Daí o título da obra que reúne as conferências de Austin ([1962] 2008): *Como fazer coisas com palavras*. Ele busca incorporar dentro da reflexão filosófica os enunciados não descritivos.

Este tópico constituye un desarrollo – hay muchos otros – dentro del reciente movimiento que cuestiona una vetusta posición filosófica: la suposición de que decir algo, al menos en todos los casos dignos de ser considerados, esto es, en

todos los casos considerados, es siempre enunciar algo, y nada más que eso. No hay duda de que esta suposición es inconsciente y errónea, pero al parecer es completamente natural en filosofía (AUSTIN, 2008, p. 52).

Com tal objetivo Austin, distingue entre oração (tipo de estrutura gramatical abstrata) e enunciado (realização concreta de uma oração emitida por um falante em determinadas condições). O que a filosofia classificava como verdadeiras ou falsas não eram expressões linguísticas, mas enunciados, já que sua compreensão depende das circunstâncias contextuais. O autor dá particular atenção aos enunciados que denomina realizativos (*performatives*), já que não descrevem simplesmente um estado de coisas, mas realizam uma ação. Portanto, não podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos. Trata-se de enunciados com verbos no presente do indicativo e na primeira pessoa (por exemplo: “Eu juro”, “eu prometo”, “peço desculpas”). Devem-se adequar a determinadas circunstâncias e cumprir certas regras respeitando os atos ritualizados (como são: a promessa, o juramento etc.).

Além dos enunciados realizativos, todos os enunciados podem de alguma forma funcionar como ações. Desta maneira, Austin (2008) elabora a classificação dos atos de linguagem.

Acto locucionario (y dentro de él los actos fonéticos, “fáticos” y “réticos”) que posee *significado*; el acto ilocucionario, que posee una cierta *fuerza* al decir algo; y el acto perlocucionario, que consiste en *lograr* ciertos *efectos* por (el hecho de) decir algo (AUSTIN, 2008, p. 166).

A delimitação proposta por Austin é uma distinção teórica devido a que os três geralmente se realizam simultaneamente. Segundo Escandell Vidal (2003), as ideias de Austin constituem as bases da pragmática e o ponto de origem que se deve ter em conta para uma visão completa do que representou a incorporação à teoria geral da linguagem dos princípios que regem as ações.

O principal sucessor de Austin foi Searle, quem também teve grande reconhecimento na filosofia. A teoria de Searle se sustenta na ideia de que falar uma língua é parte de uma conduta muito complexa que consiste em dominar determinadas regras (SEARLE, [1969] 1980). A teoria da linguagem faz parte de uma teoria geral da ação que considera o ato de fala como a unidade mínima da comunicação linguística. Searle defende que um estudo meramente formal de uma língua não faria sentido, sem ter em conta as condições que se precisam na circunstância de emissão para poder realizar com sucesso um tipo de ato. Para o pragmaticista Searle, a relação

entre a força ilocucionária e a forma linguística é regular e constante. Segundo Escandell Vidal (2003), isto acarreta consequências na teoria o que acarretou grandes críticas, já que implicou incluir na semântica uma grande parte do que se considera como pragmática.

A pragmática também consiste em uma corrente de estudo do discurso com base no princípio de cooperação e nas máximas conversacionais elaborados por Grice (1975). O princípio de cooperação consiste em que falante e ouvinte devem estar dispostos a cooperar para que a comunicação seja efetivada com sucesso. A comunicação continuaria até que os participantes concordem em terminar. Este princípio consiste em quatro máximas conversacionais, condições de racionalidade para que o discurso seja inteligível e faça sentido: 1) quantidade de informação que não deve exceder o necessário; 2) qualidade, a informação deve ser verdadeira; 3) a relevância da informação; e 4) a modalidade, a informação deve ser breve, clara e ordenada, não deve ser ambígua. O rompimento de uma destas máximas só pode ser explicado pela intenção do locutor de acrescentar uma significação ao enunciado e leva ao alocutário a formular uma hipótese determinada.

1.2 TEORIAS DA ENUNCIACÃO

Do lado francês, as teorias da enunciação integram as diferentes formas de pensar a língua em uso saindo da dicotomia língua e fala e da imanência do objeto língua.

Lo que ocurre es que estas investigaciones sobre las leyes estructurales muy abstractas que organizan los códigos fonológicos, sintácticos y léxicos, que caracterizaban la empresa lingüística hasta los diez o veinte últimos años [...], han significado al mismo tiempo, para algunos, como árboles que esconden el bosque de las realidades de la lengua en su funcionamiento y sus disfunciones (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.9).

Kerbrat-Orecchioni ([1980] 1986) expõe esta situação propondo discutir cinco postulados que norteavam a linguística até os anos 1970, que se baseavam na hegemonia da língua: 1) uma linguística do código, sem realidade empírica, que só funciona para um falante ideal, representante perfeito de uma comunidade linguística homogênea, e que não explica de que forma este código se realiza na fala; 2) A frase como unidade superior de análise, não da conta

das regras de combinatória transfrástica; 3) o mecanismo de produção de sentido é simplificado ao significado lexical e a certas construções sintáticas, quando, na verdade, se observa que todas as unidades linguísticas podem participar da construção dos sentidos, unidades fonéticas, gráficas, rítmicas, textuais; 4) o problema da fala é considerado dentro do esquema “de diálogo ideal” da comunicação proposto por Jakobson, como se falar fosse simplesmente intercambiar pacificamente informações indiferentes às condições concretas da situação de fala; e, finalmente, 5) o postulado da imanência pelo qual se deve estudar “a língua nela mesma e por ela mesma”, desconsiderando o extralinguístico. O intuito da autora é sair destas limitações (desta “linguística bloqueada”, “ameaçada de asfixia”) para poder incorporar as reflexões que vinham sendo elaborados por Foucault, pelo marxismo e pela teoria freudiana (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986).

No mesmo período em que Austin realizava seus estudos sobre os atos de linguagem, Benveniste ([1959] 2005) desenvolvia na França suas teses sobre a enunciação com outra perspectiva, desta vez no interior mesmo do que Saussure tinha denominado de ciência linguística. As teorias da enunciação partem dos postulados da linguística, mas constataam que esta ciência não se pode limitar à língua enquanto sistema de signos auto-referencial que deixa de lado as subjetividades, como aspectos acessórios próprios da fala. Não apenas se vê na enunciação determinadas particularidades que afetam a totalidade do sistema da língua, mas também, determinados elementos da língua que são específicos somente à enunciação. Estes elementos foram identificados por Pierce e Jakobson, denominados *shifters* ou *embrayeurs*; consistem em signos que não podem ser definidos sem sua referência à situação de enunciação (GARCÍA NEGRONI; TORDESILLAS, 2001) e são retomados e analisados por Benveniste sob a denominação de *dêiticos*.

A principal preocupação de Benveniste era entender o fenômeno intersubjetivo que se estabelece no mecanismo da enunciação. O linguista francês define enunciação como a “colocação em funcionamento da língua” mediante um ato realizado por um indivíduo (BENVENISTE, [1970] 2005). Segundo García Negroni e Tordesillas, analisando a proposta de Benveniste considera-se que a enunciação está integrada na língua; isto é, por traz de cada enunciado tem uma enunciação. No enunciado se identificam as marcas da enunciação, os dêiticos, que se organizam a partir da pessoa que enuncia (eu/tu, nós/vós) do tempo (hoje, ontem,

agora etc.) e do espaço (aqui, ali, etc). Benveniste trabalha a temporalidade representada no discurso, o *tempo linguístico*, diferenciando-o do *tempo físico* e do *tempo cronológico* (BENVENISTE, [1958] 2005). Outra delimitação elaborada pelo linguista, que será retomada pelos sucessivos trabalhos sobre a enunciação, é a distinção entre o plano do *discurso* e o plano da *história* (BENVENISTE, [1959] 2005). Estes planos se definem segundo o engajamento do locutor com o texto, em outras palavras, a presença da subjetividade no texto, entendendo esta como o uso dos dêiticos por parte do locutor.

Paveau e Sarfati (2006) observam em Benveniste uma abordagem gramatical da enunciação, já que sua definição não vai além da frase, considerada como unidade de análise. São os linguistas do texto e do discurso que ampliarão este conceito. García Negroni e Tordesillas (2001) afirmam que Benveniste constitui uma referência para a linguística da enunciação e para a AD.

Piénsese entre otras propuestas teóricas en las Escuelas francesas de análisis del discurso potenciadas inicialmente por Michel Pêcheux y Jacqueline Authier-Revuz en el marco de las cuales habría que situar los estudios desarrollados por Catherine Kerbrat-Orecchioni, o en la Escuela holandesa de análisis crítico del discurso cuyo máximo exponente es Teun Van Dijk, o en la escuela ginebrina de análisis conversacional desarrollada por Roulet y posteriormente por Moeschler entre otras propuestas teóricas (GARCÍA NEGRONI; TORDESILLAS, 2001, p. 91).

Abrimos um parêntese dentro da tradição francesa para outra definição de enunciação, que contrariamente ao escopo de Kerbrat-Orechioni que busca transpassar os limites extralinguísticos, procura estudar de um ponto de vista estritamente linguístico os elementos próprios à enunciação. Ducrot nos anos 1970, a partir dos trabalhos de Benveniste define a enunciação como “o acontecimento histórico constituído pelo fato de que um enunciado foi produzido, isto é, que uma frase foi realizada” (DUCROT apud PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 178). A partir desta noção, o linguista francês elabora a teoria polifônica da enunciação, que critica a unicidade dada até então ao sujeito falante, e consiste em considerar as diferentes vozes presentes no enunciado. Junto com Anscombe, desenvolve a teoria da argumentação que pretende pesquisar sobre os princípios que determinam a adequação dos enunciados em função do contexto linguístico, considerado como a continuação do discurso com uma determinada direção ilocutória. Esta direção ou encaixamento

de frases com um determinado alvo é pensada na argumentação. Os estudos de Anscombe e Ducrot podem ser considerados dentro da pragmática. Porém, se diferenciam da pragmática inglesa, já que nesta última para estudar a adequação dos enunciados se considera como contexto a situação externa, pelo contrário, para os pesquisadores franceses os princípios que são estudados como determinantes da adequação se restringem ao contexto linguístico (ESCANDELL VIDAL, 2003). Possenti (2009) trata especificamente esta questão da relação de Ducrot com a AD, sendo em princípio incompatíveis pela forma na qual a AD pensada a partir de Michel Pêcheux concebe o sentido. Porém, retomando as afirmações de Maingueneau ([1987] 1997) e de Courtine (1981), Possenti defende que a AD deve incorporar os avanços da linguística mesmo tendo pressupostos as vezes contraditórios. Como afirma Courtine (apud POSSENTI, 1997) estas descrições linguísticas como a de Ducrot podem ser reinterpretadas na perspectiva discursiva.

1.3 TEORIAS DO TEXTO

As teorias do texto são contemporâneas à AD francesa, elas têm sua origem na Europa (em especial na Alemanha) e nos Estados Unidos. Em 1977, Maria-Elisabeth Conte na sua introdução à linguística textual identifica três momentos: a análise transfrástica, a gramática do texto e a linguística do texto (CONTE apud MIRANDA, 2007). Esses momentos não se referem a uma ordem cronológica nem evolutiva, apesar de terem predominado algumas tendências para diferentes períodos.

A análise transfrástica consistia em ampliar as categorias de análise da frase ao texto por meio de uma descrição formal considerando o texto como estrutura acabada.

Provavelmente o maior obstáculo com que se defrontaram os investigadores – quer estruturalistas (como Weinrich ou Harweg), quer generativistas (como Isenberg, Steinitz ou Karttunen) foi o facto de assumir que frase e texto só se diferenciam em termos quantitativos e não qualitativos (MIRANDA, 2007, p. 2)

A gramática do texto é uma corrente oriunda da gramática gerativa proposta por Chomsky, que explica por que as sequências arbitrárias de palavras não são orações, Van Dijk ([1978] 1983) propôs uma gramática do texto que busca explicar por que as sequências arbitrárias de orações não definem um texto. Os trabalhos de Van Dijk fazem parte da tradição alemã e nórdica da linguística textual que se desenvolve nas décadas de 60 e 70, baseando-se numa abordagem cognitiva. Trata-se de um modelo de reconhecimento e de produção de textos que correspondem a uma competência textual do falante. Este modelo apresenta três níveis: 1) o nível microestrutural, trata-se das proposições que possuem um sentido e correspondem aos atos de linguagem; 2) o nível superestrutural “determina el orden global de las partes del texto” (VAN DIJK, 1983, p. 143); e 3) o nível macroestrutural, “una representación abstracta de la estructura global de significado de un texto” (VAN DIJK, 1983, p. 55)

Van Dijk mais tarde acabará renunciando a este projeto:

[...] la manera en la que hicimos la gramática textual fue realmente muy primitiva, y en gran parte especulativa, imprecisa, y algo equivocada. Lo que se mantuvo, sin embargo fue la importante noción de coherencia en cualquier teoría semántica del discurso, y la idea obvia de que los textos también están organizados en niveles más globales, más generales de descripción. (VAN DIJK, 2006, p. 3)

Finalmente, no terceiro momento, as teorias do texto se propõem determinar os processos e mecanismos textuais que os usuários mobilizam quando buscam compreender, interpretar sequências linguísticas. O texto não é entendido como categoria fechada, mas como atividade interacional entre os locutores considerando o contexto de produção do texto. Não se pretende determinar se uma sequência linguística é ou não um texto, mas se essa sequência responde a certos princípios de textualidade: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade (BEAUGRANDE; DRESSLER, [1981] 1997).

No espaço francófono, a linguística textual realizada por Adam retoma parte dos trabalhos de Van Dijk, mas não parte dos pressupostos da gramática gerativa estendendo a teoria da frase ao texto, pelo contrário, elabora uma linguística transfrástica que formula hipóteses sobre as macroestruturas textuais (superestruturas, gêneros, sequências) (ADAM, 2008).

Nos anos 80 Van Dijk (2006) dá um outro rumo ao seu trabalho engajado com temáticas sociais e políticas, como o racismo, que foi central nas suas primeiras pesquisas neste novo âmbito. O linguista holandês muda o seu objeto para poder estudar os preconceitos e estereótipos das elites em diferentes suportes: conversas cotidianas, jornais, livros da escola, discursos políticos etc. Esta nova preocupação dá lugar à corrente no interior do que hoje se denomina Análise Crítica do Discurso, pensada inicialmente no espaço anglófono por Norman Fairclough.

1.4 ANÁLISE DO DISCURSO ANGLO-SAXÃ

A análise do discurso realizada nos Estados Unidos se constitui numa disciplina que mobiliza as correntes interacionais e etnometodológicas e centra seu objeto de estudo na conversação ordinária (MAINGUENEAU, 1997 [1987]). Esta corrente de estudo da linguagem tem sua gênese na Antropologia. Seus propósitos estão restritos ao nível comunicacional e o método é descritivo centrado na imanência do objeto de estudo. A linguagem é concebida pelo interacionismo baseado nas teorias psicológicas e sociológicas. Nesta linha de pesquisa encontra-se a análise conversacional, etnografia da comunicação e a sociolinguística. A primeira, *Conversation Analysis*, consiste em uma corrente da etnometodologia desenvolvida nos Estados Unidos no final dos anos 70 que estuda trocas verbais autênticas (TRAVERSO, 2004). Esta linha de estudo considera a fala como uma atividade central da vida social e coloca o ênfase na co-elaboração dos participantes. A análise conversacional conforma seu *corpus* a partir de gravações de interações naturais. Sua metodologia é indutiva parte destes dados e se recusa as categorizações prévias por parte do analista. Desta forma, diferencia-se das análises de interação de Goffman, das análises da interação verbal de Kerbrat-Orecchioni e de Brange, e da Escola de Genebra (TRAVERSO, 2004).

A etnografia da fala, descrita por Branca-Rosoff (2004), consiste em uma das correntes interacionista norte-americanas, foi concebida por Gumpertz e Hymes nos anos 60. Esta corrente tem seus fundamentos na antropologia apresentando como domínio de pesquisa, o estudo comparativo dos comportamentos comunicativos em diversas sociedades.

... um *objetivo teórico* - constituir a comunicação em sistema cultural tal que o parentesco ou a sexualidade-, uma *abordagem interdisciplinar*- constituída pela etnologia, pela linguística e pela sociologia – e uma *metodologia de campo* – fundada na observação das práticas comunicativas (BRANCA-ROSOFF, 2004).

Os estudos de Hymes partem de duas modificações e reajustes de concepções da linguística: 1) rejeitar a primazia do verbal, defendendo que as práticas linguageira funcionam em múltiplos canais; 2) levar em consideração a inscrição dos indivíduos em relações sociais e em sistemas de saberes e normas culturais. Seguindo estas considerações é reformulada a concepção de competência comunicativa de Chomskysy, por um conhecimento que dá conta de normas de gramática e de normas de uso (BRANCA-ROSOFF, 2004). Trata-se de uma proposta que pretende uma articulação entre o linguístico e o social inscrevendo as condutas discursivas em um contexto global de crenças e de normas.

1.5 ANÁLISE DO DISCURSO DA ESCOLA FRANCESA

Três principais centros de pesquisa na França contribuíram com os começos da AD: 1) o departamento de linguística da Universidade de Paris X – Nanterre, dirigido por J. Dubois; o centro de lexicometria política da École Normale Supérieure de Saint Cloud e 3) o laboratório de psicologia social associado ao Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) (MAINGUENEAU, 1976)

Existe um consenso sobre a data, 1969, como momento fundador da AD na França. Ao longo deste ano publicam-se três trabalhos que irão delinear esta corrente de estudo. A revista *Langage* nº 13, sendo J. Dubois responsável por este número, e as obras *Archéologie du Savoir* de Michel Foucault e *Analyse Automatique du Discours* de Michel Pêcheux. É preciso assinalar que as três obras consistiam em três projetos de pesquisas independentes, com objetos de estudo distintos.

Na revista *Langage* 13 se encontrava a tradução ao francês do artigo de Harris “Discourse Analysis” publicado em 1952, uma abordagem da linguística muito diferente da tradição francesa, já que correspondia aos estudos desenvolvidos no quadro do estruturalismo de

Bloomfield. A noção de “Discours” se define como um enunciado maior que a frase e “Analysis” consistia em uma análise linguística distribucionalista que não levava em conta o sentido, nem a história. Segundo Provost-Chauveau (1971), este método permitiria abordar as questões de AD com uma ferramenta que pela primeira vez será rigorosamente científica linguística, formal, precisa e adaptada. O método consistia em identificar as recorrências de classes de equivalência definidas sintaticamente constituídas por elementos que possuem distribuições similares. « *Il se peut que nous ne sachions pas exactement ce que le texte dit, mais nous pouvons déterminer comment il le dit — ce que sont les schèmes de récurrence des principaux morphèmes qui le forment.* » (Harris, 1969)

Segundo Maingueneau (1976), a lexicografia desenvolvida nas pesquisas de J. Dubois explorou muito este método já que o sentido de uma palavra não é definido nele mesmo, mas em relação às proposições que o constrói, por esta razão a elaboração de classes de co-ocorrências permite este tipo de estudo semântico, por exemplo, « *Lexicologie et Analyse d'énoncés* » de J. Dubois (1969).

É curioso o fato de que na mesma *Langage* 13, J. Dubois publica o artigo “Enoncé et Enonciation” apresentando uma visão diferente do discurso em base ao sujeito e ao processo da enunciação que se distancia da posição defendida por Harris.

Apesar das dificuldades do método, se limitando estritamente a superfície textual, permitiu desenvolver diferentes trabalhos na França: *Analyse Automatique du Discours* de M. Pêcheux ([1969]1997), “Les parlementaires contre Turgot” de R. Robin et D. Mالدیدیر (1974), *Analyse linguistique du vocabulaire politique de la guerre d'Algérie d'après six quotidiens parisiens* de D. Mالدیدیر (1971), entre outros.

Em *Analyse Automatique du Discours* (AAD), M. Pêcheux apresenta a linguística saussuriana como uma ciência que separa língua e fala deixando sem resposta a questão sobre o sentido de um texto. Esta problemática foi abordada em uma primeira instância pela Análise de conteúdo que não levava em conta a materialidade linguística, segundo M. Pêcheux ([1969] 1997) ela se constitui como supra-linguística. Esta consiste em caracterizar os segmentos de textos em categorias definidas pelas equivalências de suas significações. O processo de caracterização destes segmentos implica a intervenção de um conhecimento do codificador supondo um aprendizado da leitura e uma determinada sensibilidade do leitor.

A AAD é um projeto de um programa informático que permitiria dessubjetivizar a análise dos textos. M. Pêcheux procurava realizar uma ciência da ideologia com uma grande preocupação epistemológica. Com este propósito ele elabora uma teoria do discurso que explicaria a determinação histórica dos processos semânticos. Ele desconstrói a separação saussuriana entre língua e fala e considera como instância de linguagem o discurso já que esse permite pensar o nível linguístico e extra-linguístico incorporando o sujeito na sua dimensão histórica e social. O sentido, ou caráter material do sentido, depende das posições ideológicas determinadas pelos processos sócio-históricos. Isto explica o fato que as palavras mudem de sentido em função das posições ideológicas dos que as empregam determinando um processo discursivo que se manifesta em relações de substituição, sinonímia, paráfrase dos elementos linguísticos.

L'effet de sens discursif se constitue à partir de la relation intérieure à cette famille de substituts ; ainsi un mot n'a pas un sens fixe qui lui soit propre, mais le sens est indissolublement lié à la métaphorisation : le sens « glisse », de manière imprévisible, dans des ensembles de paraphrases, substitutions, etc. propre à chaque formation discursive. (...) la méthode d'AAD s'oriente essentiellement vers la construction de ces domaines de substitution. (MAINGUENEAU, p. 84, 1976)

O método harrissiano servirá de modelo para construir o programa informático, no prefácio de AAD, F. Gadet afirma:

[...] é adotado o distribucionalismo harrissiano e não a gramática gerativa, é certamente porque ele permite que se permaneça na superfície discursiva (plano em que não se tem dúvida de que tudo se passa quanto a forma enunciativa e, logo, quanto ao sentido) (GADET, p. 8, 1997)

A terceira obra que marcará a conformação da AD é *l'Archéologie du Savoir*, apesar de M. Foucault nunca ter usado a expressão “Análise do Discurso”. A preocupação deste autor é centrada no acontecimento ao longo da história, esta é construída de momentos, onde se instauram enunciados. A formulação destes segundo as condições históricas é dada por um dispositivo de enunciação, desta forma « *l'objet ne préexiste pas par lui-même. Il existe sous les conditions positives d'un faisceau complexe de rapport* » (FOUCAULT, p. 64, [1969] 2002)

A formação discursiva consiste em uma lei de aparição do enunciado, sua delimitação e sua especificação. M. Foucault procura compreender o discurso na sua complexidade sem cair na redução ao referente:

En un mot, on veut, bel et bien, se passer des « choses » (...) Définir des objets sans références au fond des choses en les rapportant à l'ensemble des règles qui permettent de les former comme objet d'un discours et constituant ainsi leur conditions d'apparition historique. (FOUCAULT, 1969, p 69)

Trata-se de práticas discursivas que conformam o objeto que é falado:

Les discours ne doivent pas être traités comme ensemble de signes mais comme des pratiques qui forment systématiquement les objets dont ils parlent. (...) Une pratique discursive consiste en un ensemble de règles historiques, anonymes, toujours déterminé dans le temps et dans l'espace qui ont défini à une époque donnée, pour une aire sociale, économique et géographique ou linguistique donnée, les conditions d'exercice de la fonction énonciative. (FOUCAULT, 1969, p. 73)

Estas práticas fornecem o sentido, já que elas possuem o sentido nelas mesmas. O grande questionamento de M. Foucault não é o de encontrar um ou diferentes sentidos ou de fazer uma leitura dessubjetivada dos textos, mas de entender porque existe um enunciado e não outro no seu lugar.

Depois de AAD, Pêcheux publica um segundo livro *Les vérités de la Palice* ([1975] 1997) no qual deixa em suspenso o projeto informático e se propõe aprofundar na semântica do discurso seguindo os princípios do materialismo histórico. Isto é, uma teoria do discurso que deve levar em conta a existência do real histórico independente do pensamento e fora dele (PÊCHEUX, [1975] 1997). Este real histórico é dado pelas condições materiais de produção como é conceituado nas reflexões de Marx por meio de uma releitura de Althusser (1970). Desta forma, Pêcheux deixa explícita a ruptura com a linguística idealista que vinha sendo realizada até então, na qual identifica três tendências:

- 1) Formalista-logicista, essencialmente organizada na escola Chomskyana, enquanto desenvolvimento linguístico através das teorias “gerativas”. Com aval filosófico nos trabalhos da escola de Port-Royal.
- 2) A tendência histórica, formada desde o século XIX enquanto linguística histórica (Brunot, Meillet), desembocando em teorias de variação e da mudança linguística (geo-, etno-, sócio-linguísticas).
- 3) A linguística da fala (ou da enunciação, de performance, da mensagem, do texto, do discurso, etc) em que reativam preocupações da Retórica Poética,

através da crítica do primado linguístico da comunicação. Essa tendência desemboca em uma linguística do estilo como desvio, transgressão, ruptura etc, e sobre uma linguística do diálogo como jogo de confrontação (Jakobson, Benveniste, Ducrot, Barthes, Greimas, Kristeva) (PÊCHEUX, 1997, p.19).

Dentro do que é denominado “linguísticas da fala” encontram-se a pragmática e as teorias enunciativas antes apresentadas. Pêcheux critica a pragmática questionando a noção de interação, já que considera que o sentido não pode ser entendido em termos de uma relação meramente interindividual, nem também levando em consideração somente o contexto situacional como o exterior da linguagem. Das teorias da enunciação o filósofo francês critica a noção de enunciação que, tal como definida por Benveniste, por entender que a definição benvenistiana consiste em uma noção inscrita no idealismo, o homem que usa a língua como meio para apreender o mundo, “o ato de apropriação da língua” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 20).

A preocupação está em compreender de que modo os indivíduos são interpelados pela ideologia em sujeitos, isto é, de que modo recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem. Pêcheux retoma da obra de Althusser (1988 [1970]), *Ideología y aparatos ideológicos de Estado*, o conceito de ideologia e de Lacan, os conceitos de inconsciente e de língua.

[inconsciente e ideologia] produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”: “[...] tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais etc.) (PÊCHEUX [1975] 1997, p. 139).

A evidência é entendida como efeito ideológico pelo qual o sujeito se considera como origem e causa de si mesmo, a mesma evidência pela qual uma palavra designa uma determinada coisa ou possui um único significado. Já Althusser tinha ressaltado que os linguistas apresentavam grandes dificuldades, já que desconheciam o jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos – inclusive nos discursos científicos. Este papel da ideologia é central no trabalho de Pêcheux para entender a constituição do sentido que resulta totalmente do processo de imbricação com a constituição do sujeito na forma da interpelação. Ter em conta este apagamento do sujeito como causa de si é indispensável para não cair no que Pêcheux denomina as fantasias metafísicas, ilustrada por meio da metáfora do “efeito Münchhausen”, o barão que tinha sido

capaz de elevar-se puxando-se pelos seus próprios cabelos para sair de um pântano onde se afogava.

Compreender esta evidência é o intuito da obra *Les vérités de La Palice*, isto se encontra plasmado no subtítulo da tradução em português, “crítica à afirmação do óbvio”, ou seja, tentar desmascarar a “transparência da linguagem”. Segundo Pêcheux, o sentido, ou o que ele designa como caráter material do sentido, depende das posições ideológicas determinadas pelos processos sócio-históricos. Estes sentidos produzidos por sujeitos em determinadas condições de produção agrupam-se em formações discursivas; isto explica o fato de que as palavras mudem de sentido em função das posições sustentadas por aqueles que as empregam. Este conceito de formação discursiva, como foi desenvolvido acima, é proposto por M. Foucault como sendo:

Un ensemble de règles anonymes, historiques, toujours déterminées dans le temps et dans l'espace qui ont défini à une époque donnée, et pour une aire sociale, économique, géographique ou linguistique donnée, les conditions d'exercice de la fonction énonciative (FOUCAULT [1969] 2002, p. 153).

Foucault se distancia das noções de ideologia, ciência, teoria ou domínio da objetividade, já que defende que estes conceitos se encontram demasiadamente carregados de condições, consequências e resultam inadequados para designar um sistema de dispersão, que regeria uma determinada regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas (FOUCAULT, 2002). O intuito de Foucault é questionar a estrutura social como realidade objetiva para poder estudar como foram instituídas culturalmente as referências paradigmáticas da modernidade em relação ao social, à posição dos sujeitos ao poder e às formas de produção do conhecimento.

Voltando a Pêcheux, a formação discursiva consiste em

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. Isso equivale a afirmar que as palavras expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (PÊCHEUX, 1997, p. 147).

Pêcheux resume estes conceitos na figura da interpelação:

“Os indivíduos são interpelados em sujeitos, sujeitos de seus próprios

discursos, pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997, p. 147).

O sentido estaria inscrito em uma formação discursiva, uma matriz provedora do sentido, na qual o sujeito se reconheceria a si mesmo (em si mesmo e em outros sujeitos) e onde estaria configurado seu “domínio de pensamento” estabilizado por aquilo que se lhe dá a ver, compreender, fazer, temer, esperar, etc. Trata-se de “um ‘consenso’ intersubjetivo por meio do qual o idealismo pretende compreender o ser a partir do pensamento” (PÊCHEUX, 1997, p.148).

A formação discursiva dissimula, “na transparência do sentido”, que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, “sob a dominação do complexo das formações ideológicas”. O interdiscurso é o “todo complexo com dominante” das formações discursivas, consiste no real exterior à formação discursiva onde se encontra imerso. O sujeito não tem acesso ao interdiscurso, já que ele se constitui-reproduz como interior sem exterior.

Pelo fato de não levar em conta a Formação Discursiva, isto é, a determinação ideológica, as teorias idealistas trabalham na evidência dos sentidos sem questioná-la, em relação a isso Pêcheux afirma o seguinte:

Compreende-se, pois, que o idealismo não é, de início, uma posição epistemológica, mas, sobretudo, o funcionamento espontâneo da forma-sujeito, por meio do qual se dá como essência do real aquilo que constitui seu efeito representado por um sujeito (Pêcheux, 1997 : 150).

Nas diferentes publicações da revista *Langage*, é possível acompanhar o desenvolvimento da AD francesa alguns trabalhos nos parecem mais representativos Guespin (1971), Haroche, Henry e Pêcheux (1971), Pêcheux e Henry (1975), Sumpf (1976), Marandin (1979), o artigo já mencionado de Pêcheux e Fuchs (1975) e o artigo de Pêcheux (1981), entre outros.

Guespin (1976) elabora uma crítica à AD proposta por Harris demonstrando que a metodologia reduz o texto a um enunciado informativo, as frases de base, e esta redução consiste em “empobrecimento do texto”. Citando a Provost-Chauveau (1971), Guespin reafirma que o obstáculo maior é a enunciação e não o texto nele mesmo. Mesmo assim, as pesquisas que

utilizaram o método harrissiano permitiram abrir a análise a um novo objeto científico, o discurso, mas desde uma perspectiva marxista. O autor cita os trabalhos de Mالدیدیر (1971), Marcellesi (1971), entre outros, tendo em comum o tratamento do discurso político e determinam o nível do discursivo onde linguística e sociedade se articulam. O autor utiliza a denominação *École Française d'analyse du discours* para os trabalhos publicados nos números de *Langage* e *Langue française*, assim como os livros de Marcellesi, Pêcheux e Robin. Estas pesquisas compartilham a preocupação por identificar: “*la présence d’une dominante discursive dans des discours-occurrences données. Ils présupposent ou tendent à démontrer le rôle des formations discursives contrastées dans la construction de la signification*” (Guespin, 1976, p. 8).

O trabalho de Marandin (1979) faz uma síntese sobre a AD francesa em relação às publicações das revistas *Langage* e *Langue Française* questionando a “bricolagem epistemológica” de trabalhar com instrumentos da linguística transformacionista e expõe a ruptura que elabora Pêcheux na AAD.

O número nove de *Langue Française* intitulado “Linguistique et Société” (1971) dialoga com a revista *Langage*, por exemplo, na introdução de Marcellesi que expõe as diferentes abordagens da linguística em relação à sociedade, e os artigos de G. Provost-Chaveau nos quais o autor se interroga pela metodologia da AD e de R. Robin sobre a história e a linguística.

No nº 15 da revista *Langue Française*, as autoras Mالدیدیر, Normand e Robin (1972), discutem sobre as relações entre discurso e ideologia realizando uma retrospectiva das diferentes abordagens da linguística do discurso, a *Arquéologie du Savoir* de Foucault e a semiologia como ciência do texto plural constituído por uma “*galaxie de signifiants et non structure de signifié*” (1972, p. 133).

O começo da década de 1980 foi de completa mudança para o desenvolvimento da AD empreendida por Pêcheux. Segundo Mالدیدیر (2003), trata-se de uma fase de “desconstrução domesticada” do projeto epistemológico de 1969. São identificadas diferentes causas na conjuntura histórica francesa que farão repensar a AD: 1) decepções políticas; 2) fragmentação das esquerdas; 3) crise do marxismo e do estruturalismo; 4) afastamento de Althusser do âmbito político e acadêmico (GREGOLIN, 2004). Segundo Mالدیدیر (2003), a desconstrução do aparato teórico-metodológico foi controlada; ao contrário Courtine (1999) entende esta

desconstrução como um efeito do vazio teórico e político devido à desmarxização no campo da linguística. A conjuntura histórica e econômica tinha mudado e não era possível seguir com a mesma leitura marxista das lutas de classes. Vivia-se uma reorganização da sociedade, produto da globalização que implicou transformações do trabalho; a classe operária adquiria uma nova identidade. Além disso, vivia-se uma revolução tecnológica áudio-visual que permitia uma expansão da mídia e o reinado das imagens, mudando completamente as práticas políticas: a constituição e circulação dos discursos políticos. Frente a estas mudanças, Pêcheux começa a incorporar outras noções que se adequavam melhor a esta conjuntura como são: a) a heterogeneidade, proposta por Jacqueline Authier, que incorpora as reflexões de Bakhtin sobre a presença do outro no próprio discurso; b) a aproximação com a Nova História e principalmente com as ideias de Foucault para dar conta das novas materialidades do mundo ordinário: a “língua de vento” da mídia e a predominância das imagens (GREGOLIN, 2004).

Esta reformulação da AD é resultado de uma grande auto-crítica do próprio Pêcheux (1981) ao método automático, que implementava a análise dos processos parafrásticos propostos por Harris baseando-se em um objeto de análise homogêneo, uma formação discursiva determinada por condições de produção específicas. No prefácio da publicação da tese de Courtine: “O discurso comunista endereçado aos cristãos”, Pêcheux aprova a proposta de Courtine que defende a necessidade de uma releitura de Foucault e uma revisão do conceito de Formação discursiva da análise automática do discurso.

Par rapport aux positions sous-jacentes à l'Analyse automatique du discours dans sa version originale (1969), qui impliquait brutalement une homogénéité du corpus discursif, en tant que fondement du répétable, cette relecture souligne le fait que le caractère répétable de l'énoncé, avec les conséquences qui en résulte quant à l'effet d'identité de sens associé à la paraphrase, ne doit pas occulter l'hétérogénéité structurelle de toute formation discursive. (PÊCHEUX, 1981, p. 6)

A proposta de Courtine consiste em uma crítica à máquina discursiva de assujeitamento inscrita na noção de Formação Discursiva na obra *Semântica e Discurso* (1997), já que sendo baseada na repetição respondia a uma concepção estrutural da discursividade que apagava o acontecimento por meio de uma “sobre-interpretação antecipadora”. Na pergunta de sua última

conferência *O Discurso: estrutura ou acontecimento?*⁴, Pêcheux ([1983] 2008) relativiza as teses de assujeitamento radical e de máquina discursiva. A heterogeneidade é, a partir desse momento, pensada como conceito que explica o funcionamento das formações discursivas (já não como exterioridade ideológica, mas como dispersão de diferentes lugares de enunciação do sujeito) e como forma de pensar e de selecionar o *corpus*.

Incorporamos também nesta tradição francesa os trabalhos realizados no quadro da sócio-semiótica defendida por Verón e Charaudeau. Apesar de estes autores não se citarem com os autores precedentes e mais precisamente não tenham interação com a teoria proposta por Pêcheux consideramos que compartilhavam preocupações semelhantes em relação à sociedade, o discurso, a ideologia.

Na revista *Communications*, no artigo “*Sémiosis de l’idéologie et du pouvoir*” E. Verón⁵ (1978) apresenta uma abordagem semiológica do discurso do ponto de vista da ideologia e do poder. O autor propõe uma forma de abordar o sentido que leva em consideração as determinações de produção, circulação e de consumo. Estas não são homogêneas e resultam da ordem ideológica e da ordem do poder remetendo a dimensões de análise dos fenômenos sociais, isto é, condições de produção e condições de reconhecimento. As primeiras correspondem a uma gramática de produção, porém as segundas, que são o resultado dos textos que circulam em diferentes tempos e espaços, correspondem a uma série de gramáticas de reconhecimento. Estas últimas consistem em diferentes momentos históricos nos quais o texto produziu efeitos de sentido. Desta forma, a gramática de produção de um enunciado define o campo de efeitos de sentido possível determinado pelas gramáticas de reconhecimento.

Verón critica a transferência da linguística fundada na descrição da língua para descrever fenômenos discursivos. A ordem da discursividade possui uma dispersão espacial e é estruturado

⁴ Em português foi traduzido como afirmação, mas no original na versão inglesa é uma interrogação: *Discourse: Structure or Event?* In: Nelson, C. & Grossberg, L. [eds.] *Marxism and the interpretation of culture*. Illinois University Press, 1988.

⁵ Sociólogo argentino, recentemente falecido, que no período dos anos 70 até 1995 teve atuação na França como diretor associado da EHESS, e professor nas Universidades de Paris 1, 3, 4, no Instituto de estudos políticos de Paris, no Instituto Franco-ibérico de la communication, na Universidade de Bordeaux, na École Supérieure de Commerce de Toulouse e diretor de doutorado na Universidade Paris 8, entre outras atividades de pesquisa (CV E. Verón Disponível em: <http://www.udesa.edu.ar/files//UAHumanidades/CVPROFESORES/veron09.pdf>). E. Verón foi de grande influência na conformação da semiótica na Argentina. Foi fundador da Associação Argentina de Semiótica e diretor do projeto editorial da revista *Lenguaje* que teve quatro volumes publicados na Argentina.

em uma sequência temporal ligada a formas complexas que não respondem a uma ordem linear. O autor identifica a ideologia com a gramática de produção e uma gramática de reconhecimento com o poder: “*le pouvoir d’un discours est les effets du discours à l’intérieur d’un tissu déterminé de rapport sociaux*” (Verón, p. 16, 1978). Verón acrescenta que esta teoria da produção deve ser acompanhada de uma teoria do sujeito centrada nos dispositivos de enunciação.

Em *Langage et Société* é publicado um número dedicado à “Socio-sémiotique ” com os trabalhos de Verón (1984) et Charaudeau (1984), entre outros. Os autores elaboram uma abordagem das materialidades significantes levando em conta o discurso em relação à situação de comunicação. Charaudeau propõe pôr em relação conceitos como discurso, língua, sujeito de um ponto de vista que leva em consideração a performatividade dos enunciados. Verón propõe uma ciência, a sócio-semiótica, que estuda os discursos sociais. O artigo se centra na linguística enquanto discursividade científica e se interroga sobre as condições de produção de seu objeto: a linguística. Desta forma, o autor elabora uma crítica ao grande espaço acadêmico que tem ocupado a linguística tradicional nos últimos anos.

2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Este capítulo consiste na descrição do contexto histórico social e político das universidades argentinas no período da normalização democrática. Isto nos permite entender por um lado o contexto no qual se realizam as reformas nas universidades que habilitam a abertura de novas correntes de estudo, entre elas a AD, e por outro lado esse contexto coincide, na maioria dos casos, com as condições de produção dos discursos analisados por estas correntes. Também, neste trabalho nos interessa particularmente a interação da emergência da AD nas pesquisas teóricas e nas aulas de graduação com o contexto sócio-histórico que estava se vivendo na época.

Para tal propósito consultamos as obras: “Historia de la Argentina” de Marcos Novaro (2011), “Breve historia contemporanea de la Argentina” de Luis Alberto Romero (2011), o trabalho do historiador Pablo Buchbinder (2010) sobre a história das universidades argentinas, e a tese de Federico Navarro (2011) que trata da história do Instituto de Filologia da Universidade de Buenos Aires e elabora um relato cronológico do curso de Letras nessa mesma faculdade - grupos de estudo, e conformação das cátedras.

2.1 A DITADURA NAS UNIVERSIDADES

Como testemunha a obra de Buchbinder (2010), desde suas origens, as universidades argentinas tiveram grandes influências na sociedade e política do país; assim também a sociedade e a política do país condicionaram o funcionamento das instituições universitárias. Desde 1930, a Argentina passou por diferentes ditaduras que modificaram de forma radical a realidade universitária.

O governo de Cámpora em 1973 que trazia o peronismo ao país, proibido desde 1955 pela ditadura de Aramburu, resultou na volta de Perón ao poder (NOVARO, 2011). Este governo peronista interveio nas universidades, já que, contrário à política de uma universidade científica e

despolitizada que estava em funcionamento até esse momento, considerava-se que as universidades deviam estar a serviço da sociedade, isto é, contribuir com a cultura sendo estas autônomas, nacionais e populares, e estabelecer a independência tecnológica e econômica (BUCHBINDER, 2010). Seguindo estas metas, em 1973 foram adaptadas as grades curriculares e foi modificado o sistema administrativo, eliminaram-se os exames que dificultavam o ingresso nas faculdades. As universidades contaram com a participação dos sacerdotes para o Terceiro Mundo e de peronistas de esquerda e os docentes que apoiaram a ditadura precedente de Onganía foram expulsos (BUCHBINDER, 2010).

Este projeto de acordo com Pablo Buchbinder (2010, p. 205) não conseguiu realizar-se, já que não apresentava uma estrutura sólida de poder no tocante ao planejamento das instituições, resultando em utopias e provocações das quais a classe média se afastava. Ademais, sofreu grandes críticas das mídias conservadoras e da direita política. Desse contexto testemunha o professor e doutor Funes da Universidade de Buenos Aires, nesse momento aluno de Letras.

Sobre todo, hay que recordar el contexto: una situación de revulsión política muy fuerte que se estaba dando en el '74, donde pasan la crisis y hay un neo-peronismo de Perón en persona con la izquierda peronista (y eso trajo terribles problemas y discusiones en el seno de nuestra Facultad), que culmina después con la muerte de Perón en julio y la incertidumbre de cómo eso iba a terminar (FUNES apud YUCHAK; COSTANTINI, 2006).

Em 1974 com a morte de Perón, assume sua mulher, Isabel de Perón, e se transforma completamente a realidade. O governo começa a atuar de forma conservadora e autoritária através de diferentes organizações paramilitares que tomaram posse das universidades implantando uma forte estrutura repressiva (BUCHBINDER, 2010). Esta política acentua-se com o último golpe militar de março de 1976.

A ditadura militar argentina de 1976 gerou mais de 30.000 desaparecidos dos quais 21% eram estudantes. Esta consistia de modo geral na proibição de reclamações populares e no apagamento de toda mobilização social.

El 21% de las desapariciones que años después documentaría la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas (CONADEP) tuvo por blanco a estudiantes y el 6% a docentes; los obreros y los empleados constituyeron respectivamente, el 30 y el 18%. Los militares sostenían que a través de la

educación se difundía el “virus subversivo” que penetraba luego en todos los estamentos y ámbitos sociales. (NOVARO, 2011, p. 145)

Como assinala Buchbinder (2010), no tocante às universidades ditou-se uma lei na qual, estas deviam responder ao Poder Executivo, já que se tratava de um dos principais centros de “doutrinação subversivo”. A política universitária versava sobre um estrito controle político e ideológico e na redução do sistema acadêmico que procurou diminuir a quantidade de estudantes e derivar as atividades de pesquisa científica para âmbitos extra-universitários (BUCHBINDER, 2010). Isto resultou na destruição de bibliotecas inteiras, supressão de cursos completos, expulsão de professores e alunos, e na modificação radical das grades curriculares em especial nos cursos de ciências sociais e humanas como Letras, Psicologia, Sociologia e Antropologia. Entre 1976 e 1977, na Universidade de Buenos Aires reduziu-se o orçamento em 45%, implantaram-se políticas de admissão e taxas que reduziram os estudantes a 38% (BUCHBINDER, 2010). Buchbinder descreve este processo:

El clima represivo que se impuso en las casas de estudios condicionaba toda la actividad académica. [...] En el ámbito de las humanidades y las ciencias sociales los miembros del cuerpo docente se caracterizaban, por su afinidad con la derecha más reaccionaria. Por otro lado, se controlaba estrictamente el acceso a los recintos de las casas de estudios por parte de personal policial y militar. Desde organismos vinculados con las Fuerzas Armadas se supervisaban el diseño de los programas y la bibliografía. Bibliotecas enteras fueron destruidas y miles de volúmenes publicados por editoriales universitarias incinerados. (BUCHBINDER, 2010, p. 210)

Em 1980, sanciona-se uma nova lei para a Universidade, consistia em que os reitores e decanos deviam ser designados pelo Poder Executivo, aprovava que os estudos podiam ser pagos e proibia aos membros diretivos das faculdades pertencer a partidos políticos ou organizações sindicais (BUCHBINDER, 2010). Esta lei gerou no começo alguns pequenos movimentos de oposição de militantes estudantis de diferentes partidos políticos que resistiam e atuavam de forma clandestina. A resistência foi se tornando mais forte e possibilitou às chapas estudantis organizarem-se e difundirem diferentes tipos de publicações em repúdio à nova lei e em defesa da gratuidade e livre acesso à universidade. Revistas culturais e centros independentes de pesquisa, sobretudo nas ciências sociais, também se expressaram contrariamente às políticas da ditadura (BUCHBINDER, 2010).

2.2 RECUPERAÇÃO DEMOCRÁTICA

Em 1982, depois da guerra de Malvinas, com o governo militar debilitado, deu-se início às campanhas eleitorais, fato que fez retornar a vida política nas universidades. Em dezembro de 1983, a Argentina retomava sua democracia depois de sete anos de governo de fato; a sucessão de ditaduras do século XX acabara.

Segundo o historiador L. A. Romero (2011) as medidas culturais e educacionais do governo de Alfonsín foram de grande alcance.

El gobierno atribuyó una gran importancia, simbólica y real, a la política cultural y educativa, destinada en el largo plazo a remover el autoritarismo que anidaba en las instituciones, las prácticas y las conciencias, representado en la difundida imagen del “enano fascista”. [...] las consignas generales fueron la modernización cultural, la participación amplia y sobre todo el pluralismo y el rechazo de todo dogmatismo. En este terreno se avanzó inicialmente con facilidad: se desarrolló un programa de alfabetización masiva, se atacaron los mecanismos represivos que anidaban en el sistema escolar y se abrieron los canales para discutir contenidos y formas –a veces puestas en práctica con una alta dosis de utopismo y voluntarismo-, lo que debía culminar en un Congreso Pedagógico que [...] determinaría qué educación quería la sociedad. (ROMERO, 2011, p. 245)

A volta da democracia foi um processo de transição de grande otimismo nas universidades como ilustra Romero (2011, p. 245):

En la Universidad y en el sistema científico del Estado volvieron los mejores intelectuales y científicos, cuya marginación había comenzado en 1966. Aunque en muchas universidades los cambios no fueron significativos, en otras como la de Buenos Aires, hubo profundas transformaciones. Estas instituciones, que debieron resolver el problema planteado por un masivo deseo de los jóvenes de ingresar a ellas, se reconstruyeron sobre la base de la excelencia académica y el pluralismo [...] Además de volver a la vida académica, los intelectuales se incorporaron a la política, y la política se intelectualizó.

O Poder Executivo decretou que as universidades deviam voltar aos seus estatutos suspensos desde 1966. As universidades tiveram um ano para normalizar a situação, isto é, realizar concursos e revisar os concursos aprovados pelos governos anticonstitucionais, reestabelecer as regras democráticas tendo participação no governo da instituição tanto os estudantes, como os docentes, e os já formados. Tratava-se de um período de grandes críticas aos governos militares e, também, às políticas do começo dos anos 70. Tentava-se acabar com

qualquer tipo de discriminação ideológica. Pela primeira vez, em vinte anos, foram conformadas as assembleias universitárias para nomear os dirigentes das instituições (BUCHBINDER, 2010).

Foram denominados reitores normalizadores para recompor a situação nas universidades. Como afirma o reitor normalizador da UBA⁶, a prioridade era garantir o sistema democrático e reter “el péndulo de cesantías y de exclusión” que vinha atravessando a universidade desde 1966. Ele acrescenta que a primeira resolução consistiu em suprimir as taxas cobradas pela universidade e suprimir as vagas restritas. Em 1984, realizaram-se exames de ingresso, sem vagas limitadas; em 1985, suprimiram-se os exames de ingresso e implantou-se o Ciclo Básico Comum (CBC), atualmente funcionando. Este primeiro ano comum para os diferentes cursos da UBA consiste em determinadas disciplinas comuns para o primeiro ano com o intuito de “brindar una formación básica integral e interdisciplinaria, desarrollar el pensamiento crítico, consolidar metodologías de aprendizaje y contribuir a una formación ética, cívica y democrática”⁷

A ditadura tinha deixado uma universidade de baixo nível acadêmico e escassa pesquisa, sobretudo nas ciências sociais, devido ao fato de que os pesquisadores mais ativos e renomados foram expulsos ou tinham abandonado o país (BUCHBINDER, 2010, p. 215). Para poder retomar um funcionamento ativo academicamente na pesquisa, implantaram-se diferentes medidas, como: 1) a lei da autonomia universitária que versava sobre o regime econômico financeiro; 2) incentivou-se a pesquisa com cargos de dedicação exclusiva junto com bolsas e financiamento; 3) criaram-se secretarias de Ciência e Tecnologia; 4) reformularam-se as grades curriculares e 5) começaram a se desenvolver estudos de pós-graduação. Além disso, criaram-se sistemas interuniversitários integrando as universidades nacionais no tocante a problemas de planejamento nas políticas universitárias em geral, constituídos pelos reitores (Conselho Interuniversitário Nacional - CIN) e na pós-graduação (Sistema Interuniversitário de Quarto nível) (BUCHBINDER, 2010).

⁶ Depoimento do reitor normalizador da UBA, Francisco Delich, na Jornada no quadro dos 190 anos da UBA, “La recuperación democrática y la normalización de la UBA”, organizados pela Cadeira “Libre Democracia y Estado de Derecho “Dr. Raúl Alfonsín”” faculdade de direito (UBA), participação junto ao reitor normalizador do decano normalizador da faculdade de direito (UBA), Eugenio Buligin, e da atual decana da mesma faculdade, Mónica Pinto. 19 de agosto 2011, http://www.derecho.uba.ar/institucional/noticias/not_2011_uba190-recuperacion-democratica.php

⁷ “Qué es el CBC?”, Disponível em: <http://www.cbc.uba.ar/dat/cbc/cbc.html>. Acesso em: 13 jan. 2012.

Um dos grandes objetivos do governo foi o julgamento dos repressores que conseguiu se efetuar, mas com limitações como foram a “Ley de Punto Final y Obediencia Debida”, isto porque existiam grandes pressões do setor militar; o governo foi vítima de várias ameaças de golpe de estado. Também, como veremos nos trabalhos sobre o discurso de Alfonsín (ver infra 4.1), implementou-se uma teoria chamada “de los dos demonios” segundo esta as guerrilhas dos anos 70 eram tão responsáveis quanto a Junta Militar pela violência política. Segundo Novaro (2010, p.215), “Esa actitud (la teoría de los dos demonios) le mereció muchas críticas: no sólo por el número de víctimas y la crueldad de los crímenes cometidos por los militares, sino por la diferencia que suponía el uso del estado para violar los derechos de las personas”.

As tentativas de recompor o sistema econômico por meio do Plano Austral fracassaram e em 1989 no quadro de uma profunda crise econômica que gerou hiperinflação o governo de Alfonsín teve que entregar antecipadamente o poder ao peronista Carlos Menem que meses antes já tinha sido eleito (NOVARO, 2011, p. 195). Buchbinder (2010, p. 219) identifica várias carências das universidades nesse momento como são os baixos salários, a infraestrutura insuficiente e deteriorada, e as faculdades profissionalizantes que controlavam a universidade estavam escassamente renovadas. Porém, as ciências sociais e humanas se beneficiaram de uma grande renovação intelectual como veremos em seguida no caso da Universidade de Buenos Aires.

Consideramos para o propósito do trabalho o período em que os historiadores (BUCHBINDER, 2010) identificam a fase de normalização das universidades depois da última ditadura. Limita-se nos anos de 1984 até 1989, já que nos anos 90 se trata de outro período com outras características produto das novas medidas implantadas pelo novo governo. Carlos Menem que assume em 1989 identificado como um processo de modernização universitária marcado por outras características como são as avaliações do sistema educativo (BUCHBINDER, 2010).

2.3 A FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS UBA

Durante a ditadura no curso de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, continuavam os mesmos programas de estudo e os mesmos professores de

tradição filológica no estudo da língua e da literatura implantados desde a década de 60, ademais o curso se encontrava diminuído pela desapareição de muitos dos mais prestigiosos professores e pela intervenção e censura nas cátedras (NAVARRO, 2011, p. 420).

Em 1976, implantou-se uma grade curricular rígida que refletia a política autoritária como afirma Funes.

Tenía correlatividades totalmente rígidas en su armado. En ese sentido, en su estructura (al margen del problema de los contenidos), el plan era absolutamente autoritario: el autoritarismo en general estaba plasmado allí. En el fondo, era una recuperación del modelo de Profesorado en Letras de los profesorados católicos. Eso se trasplantó a la Universidad, con lo cual implicó, de hecho, un descenso de nivel absoluto: no había espacio de discusión ni de debate, planteos puramente contenidistas... Todo aquello que está unido a la palabra “oscurantismo” se realizó en ese momento. (FUNES apud YUCHAK; COSTANTINI, 2006)

Como mostra Navarro (2011), a revista *Filologia* do Instituto de Filologia somente teve publicados dois exemplares entre 1973 e 1984. O diretor naquela época era Battisteta quem respondia a uma política conservadora e ortodoxa, caracterizando os estudos literários e linguísticos da época; isto implicava a impossibilidade de trabalhar com novas tendências e a submissão à tradição filológica tradicional (NAVARRO, 2011).

Extra-institucionalmente, reuniam-se grupos de estudos dirigidos por professores que iriam mudar a Faculdade de Filosofia e Letras com a volta da democracia. Tratavam-se os avanços teóricos que não podiam ser tratados nas cátedras da faculdade: teorias sociológicas, semióticas e discursivas baseadas em postulados pós-estruturalistas (NAVARRO 2011, p. 422). Com a abertura democrática, reincorporaram-se estes professores participando nas novas cátedras de Letras e na reforma da grade curricular de Letras de 1984 (NAVARRO, 2011). Segundo Leonardo Funes, filólogo e pesquisador na Universidade de Buenos Aires, esta última reforma representou grandes mudanças na organização do curso de Letras:

[...] el crecimiento exponencial del área de Lingüística, que anteriormente estaba absolutamente reducido a un curso de Gramática y un curso de Lingüística general: no existía un área específica de Lingüística. De modo que, precisamente del área de graduados (en aquella época los “pichones” de graduados eran Alejandro Raiter, Roberto Bein, Silvia Iparraguirre), se formó un

grupo que ya venía con una idea bastante clara acerca de qué hacer, e influyeron mucho en el armado de lo que hoy es la especialidad en Lingüística, con un abanico de materias didácticas. Eso es una absoluta novedad en toda la historia de los planes de estudio de la carrera de Letras. (FUNES apud YUCHAK; COSTANTINI, 2006)

A orientação em Linguística foi enriquecida com dezenove matérias específicas e três orientações: sócio e etnolinguística, psico e neurolinguística e linguística formal (grade curricular de Letras, 1984). O primeiro ano comum (CBC) incorpora a disciplina “Elementos de Semiología y Análisis del Discurso” que iniciava os alunos aos textos de linguística e AD e às análises de diferentes linguagens. A disciplina “Linguística” que consistia em uma disciplina do quarto ano do curso, exclusiva da orientação Linguística, passa a ser matéria do ciclo básico (segundo ano) obrigatória para todas as orientações.

O grande processo de transformação da linguística é descrito por G. Ciapusio:

La recuperación democrática lograda en 1983 significó para la lingüística pasar de ser “materia” de unos muy pocos investigadores, concentrados en distintos institutos de investigación, de una disciplina relativamente homogénea en cuanto a paradigma disciplinar (estructuralismo) e intereses de investigación (fundamentalmente, la descripción de la lengua y sus variedades dialectales), a convertirse en una disciplina convocante, diría casi “popular” en el espectro de las humanidades, heterogénea en cuanto a sus dimensiones y perspectivas y priorizando un objeto de investigación más amplio y menos circunscrito (el *discurso* en su dimensión lingüística, socio-política y cultural, como consecuencia lógica del momento político y a la apertura a los nuevos paradigmas) (2007, p. 122).

No presente trabalho mostramos como se dá este processo de transformação da linguística, no caso específico de duas cátedras do curso de Letras. A organização das cátedras na Argentina é por meio de um sistema de hierarquias composto pelo “Profesor Titular”, responsável geral da disciplina, “Profesor asociado”, “Profesor Adjunto”, “Jefe de Trabajos”, e “Auxiliares”, podendo ser alunos do curso. Este sistema permite que as cátedras funcionem como departamentos de formação dos estudantes e dos professores tanto no ditado das aulas como na pesquisa, já que as cátedras podem (no caso das cátedras estudadas) desenvolver projetos de pesquisa vinculados às vezes com centros de pesquisa e com institutos neste caso os de Filología e de Linguística. Na sequência expomos os casos da cátedra de Elementos de Semiología y

Análisis del Discurso e dos institutos de Filología e de Linguística, neste último reunia-se a cátedra de Linguística.

2.3.1 Cátedra de Elementos de Semiología y Análisis del discurso

“Elementos de Semiología y Análisis del Discurso” é uma matéria sem precedentes no curso de Letras da UBA, a partir de 1985 forma parte do primeiro ano comum (CBC) junto com as disciplinas “Introducción al Pensamiento Científico” e “Introducción al conocimiento de la Sociedad y el Estado”, obrigatórias para todos os cursos da UBA, e três outras materias obrigatórias para o curso de Letras: “Economía”, “Filosofía” e “Sociología”. A disciplina “Elementos de Semiología y Análisis del Discurso” não é exclusiva para Letras também devem realizar esta disciplina estudantes de outros cursos como Antropologia, Biblioteconomia, Fonoaudiologia, Filosofia, Geografía, Historia, Artes, Psicología, Comunicación Social e Diseño de Imagen e Sonido.

Elvira Narvaja de Arnoux é professora titular desta disciplina desde 1985, atualmente o nome da disciplina é “Semiología”⁸. Também, E. Arnoux é titular das disciplinas do curso de Letras: “Linguística Interdisciplinaria” desde 1986 e “Sociología del Lenguaje” desde 1992⁹. Em 1985 ditou o seminário, *Análisis del Discurso. Perspectivas teóricas y metodológicas*, como professora convidada na Universidad de Morón, Argentina. Participou dos concursos realizados na normalização da UBA e de diferentes universidades do país.

⁸ A mudança, simplificação, do nome foi uma decisão das autoridades da universidade contrariamente a esta decisão a disciplina, como veremos em seguida, ao longo do tempo foi se centrando mais na parte verbal, na Análise do Discurso, do que em análises semiológicas que implicam outras linguagens (ARNOUX, 2013).

⁹ Além de ser professora nas disciplinas mencionadas E. Arnoux é atualmente coordenadora da pós-graduação em Análise do Discurso da Universidade de Buenos Aires e diretora da revista *Signo y Seña*, das coleções “Enciclopedia Semiológica” e “Historia de Ideas y políticas sobre el lenguaje en América Latina”.

Segundo Arnoux (Entrevista, 2013), conformar a cátedra de Semiologia foi uma tarefa muito difícil, principalmente porque se contava com professores de Letras com escassa formação na área, isto se devia à ausência desta disciplina nas grades curriculares anteriores.

Una de las principales tareas fue formar a los profesores, adaptar la bibliografía y preparar el material didáctico, ya que se incorporaban temas referentes a la Semiología como ciencia que abordaba diferentes lenguajes (estos temas habían sido incluidos en los programas universitarios en la breve experiencia anterior a septiembre de 1974 interrumpida por el golpe militar de 1976) y temas de Análisis del Discurso que habían comenzado a ser tratados en seminarios de posgrado. Incluir estas problemáticas en el primer año del grado universitario constituía un desafío y exigía un trabajo intelectual y pedagógico intenso. (Entrevista a ARNOUX, 2013)

“Elementos de Semiología y Análisis del Discurso” trata-se de uma disciplina massiva, que nos anos 80 tinha mais de 5000 alunos já que como foi mencionado anteriormente integrava alunos de diferentes cursos. A cátedra estava distribuída em sete sedes, cada uma possuía uma equipe pedagógica, e estava conformada por um total de 120 professores. Como podemos ver a disciplina tinha grande alcance não somente no curso de Letras, mas também nos outros cursos. Para a formação dos professores foram ditados seminários abertos à comunidade que tocavam todos os temas que seriam desenvolvidos na disciplina. Também, foram realizadas constantes reuniões para discutir os conteúdos teóricos e pedagógicos.

A partir desta cátedra se realizaram diferentes projetos como foram a implementação das oficinas de leitura e escritura, a conformação da Cátedra UNESCO sobre a problemática da leitura e da escritura da América Latina e o curso de pós-graduação na UBA “Especialización en Procesos de Lectura y Escritura”.

2.3.2 Instituto de Filologia

O Instituto de Filologia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA) tem uma grande trajetória não somente na Argentina, mas na América Latina, principalmente desde a direção do filólogo espanhol Amado Alonso em 1927 (até 1946). O

filólogo traz o pensamento de Saussure plasmado no Curso de Linguística Geral; em 1945, junto com seu grupo de pesquisa elabora a primeira tradução desta obra para o espanhol. Em 1958, cria-se a primeira cátedra de Gramática da Argentina com a direção de uma discípula de Alonso, Ana María Barrenechea. É a partir deste centro de estudos que se insere o estruturalismo no país, em todos os níveis da educação e difunde-se nos outros países da América Latina (GIAMMATTEO; ALBANO, 2007).

A diretora do Instituto de Filologia no período de normalização democrática foi A. M. Barrenechea, quem conseguiu gerar um ambiente propício e heterogêneo para a pesquisa (NAVARRO, 2011). Outros pesquisadores que tinham sido exilados retornaram ao Instituto através de uma participação à distância na redação da revista *Filologia* – publicação semestral do instituto desde 1949. Desta forma, a revista retomou sua continuidade e seu prestígio nas principais universidades estrangeiras e centros de pesquisa (NAVARRO, 2011). A revista baseou-se em um conteúdo eclético que constava de artigos sobre literatura e linguística de diferentes períodos e espaços geográficos. Tratava-se de um único espaço institucional, onde diferentes áreas conviviam: estudos de gramática espanhola, de sociolinguística, de crítica literária, literatura hispanoamericana contemporânea, de literatura espanhola medieval e do século de ouro. Também, é a partir deste momento que começaram a se dividir as áreas entre a literatura e a linguística (NAVARRO, 2011).

Na metade dos anos 80, começaram a conviver paradigmas e tradições teóricas muito diversas não somente em Letras, mas nas ciências sociais e humanas em geral. No Instituto de Filologia, isto implicou uma quebra com a tradição da instituição. Como afirma Ciapuscio,

Es preciso mencionar en este punto que los cambios profundos y, en cierta medida, súbitos en los enfoques produjeron tensiones y cierto grado de conflictividad inicial en la (re) conformación de la comunidad disciplinar (CIAPUSCIO, 2007, p. 124).

Um destes grupos continuava com a tradição filológica que tinha desenvolvido Amado Alonso nos anos 30 e 40 no instituto. Estes pesquisadores, entre eles Barrenechea, atualizavam esta linha de estudo fazendo ênfase entre o texto e seu contexto e combinando ferramentas literárias e linguísticas no estudo das literaturas espanhola e europeia medieval e renascentista (NAVARRO, 2011).

Outro grupo se interessava pela literatura argentina dos últimos séculos, recusava o grupo anterior porque relacionava a tradição filológica com o período da ditadura¹⁰. Estes pesquisadores estavam compartimentados e especializados e não geravam uma interação entre linguística e literatura, excetuando Barrenechea (Navarro, 2011).

Por último, encontravam-se pesquisadores focados na linguística que incorporaram teorias dos estudos do discurso e do texto através de teorias provenientes da AD, da pragmática e da sociolinguística. Beatriz Lavandera e Ofélia Kovacci eram seus representantes, que paralelamente integravam o Instituto de Linguística e as cátedras da área. Lavandera e Kovacci tinham repercussão tanto na Argentina como no exterior. Kovacci, nos anos 60, tinha estudado nos Estados Unidos: nas universidades de Buffalo University e Yale University. Abarcava os estudos hispânicos e românicos, debruçando-se nas cadeiras de Gramática Espanhola, Filologia Hispânica e Sintaxe. Por outro lado, Lavandera era titular das disciplinas de Linguística Geral e Gramática Textual.

Contudo, segundo Navarro (2011), o desenvolvimento do Instituto, no tocante às temáticas e aos pesquisadores, tratava-se de uma “heterogeneidad compartimentada” em que as diferentes áreas e linhas de pesquisa não eram trabalhadas pelos mesmos pesquisadores, nem havia espaços de discussão.

2.3.3 Instituto de Linguística

O Instituto de Linguística foi um espaço propício para a pesquisa com a direção de Beatriz Lavandera (entre 1984 e 1991) que também participou no comitê de redação da revista *Filologia*. B. Lavandera tinha-se doutorado com Labov na Pensilvânia nos Estados Unidos no final dos anos 70, foi professora nos Estados Unidos nas universidades de John Hopkins e Stanford (PARDO, 1998).

¹⁰ Segundo Navarro (2011, p. 431), “[...] esta relación de rechazo con la tradición filológica se debía a un desconocimiento parcial dentro de la universidad argentina de su labor pionera en relación con los estudios modernos del discurso y con el español de América.”

O papel desenvolvido por Lavandera teve muita importância na introdução e divulgação de pesquisas de estudos como a sociolinguística, a análise do discurso, a linguística sistêmico-funcional e a gramática gerativa (ACUÑA; MOURE apud NAVARRO, 2011). Lavandera participou da renovação de professores e das grades curriculares na Faculdade de Filosofia e Letras; especializando-se nos estudos linguísticos. Seu grupo de pesquisadores era integrado por María Marta García Negroni, Mônica López, Martín Menéndez, María Laura Pardo, Alejandro Raiter, Mónica Zoppi-Fontana, entre outros (NAVARRO, 2011). Lavandera ofereceu em 1983 o “Curso de Lingüística para el Análisis del Discurso” que foi publicado em 1985.

O grupo de pesquisa de Lavandera publicou um único número da revista *Lenguaje en Contexto* (1988) e dois números dos *Cuadernos del Instituto de Lingüística* (1986 e 1987) sobre a AD, particularmente do discurso político.

Infelizmente, quando Lavandera faleceu levou com ela vários de seus projetos: a publicação dos periódicos *Cuadernos del Instituto de Lingüística* e *Lenguaje en contexto*. Este último será retomado por seus discípulos na revista *Discurso y Sociedad* (PARDO, 1998).

Considerando o exposto recortamos nossa pesquisa ao trabalho acadêmico-pedagógico e de pesquisa da Cátedra de Semiologia e do Instituto de Linguística que tiveram uma atuação direta nos estudos da AD na geografia argentina. Achamos pertinente mostrar a repercussão e importância do Instituto de Filologia, mas não ampliaremos na produção já que muitos dos trabalhos sobre linguística e AD publicados na revista *Filologia* são publicados novamente nos cadernos, isto se deve a que muitos destes se encontravam no quadro do projeto de pesquisa liderado por Lavandera.

3 ANÁLISE DO ARQUIVO

Neste capítulo será analisado o material recolhido da Universidade de Buenos Aires correspondente ao período de normalização universitária. O arquivo é formado a partir de uma heterogeneidade de textos que achamos representativo da época no sentido de não nos limitar ao material oficialmente publicado. As publicações dos Institutos de Filologia e Linguística, as apostilas da disciplina “Elementos de Semiología y Análisis del discurso” e as gravações das aulas de “Linguística” são analisadas considerando os programas de estudo e as mudanças nas grades curriculares dos cursos. Além disso, realizamos duas entrevistas a Elvira Narvaja de Arnoux e María Laura Pardo.

3.1 PUBLICAÇÕES

O instituto de Filologia publicou entre 1982 e 1984 um único volume da revista *Filologia*. A partir de 1985, com a normalização da universidade, a revista voltou a sua tiragem bianual. Nas publicações no período de 1985 até 1990 encontramos diferentes artigos e resenhas relacionados com a AD:

- 1985: LAVANDERA, Beatriz. Decir y aludir una propuesta metodológica. In: *Homenaje a Raimundo Lido*, año XX, nº2.
- 1986: PARDO, Laura, Hacia una redefinición de las definiciones de Tema y Rema de la oración al discurso. In: *Homenaje a Frida Weber de Kurlat*, año XXI, nº1.
RAITER, Alejandro G.; MENÉNDEZ Salvio M. El desplazamiento de un signo ideológico. In: *Homenaje a Ángela de Rosenblat*, Año XXI, nº2.
- 1987: CARAVEDO, Rocío. Reseña de LAVANDERA, B. *Variación y significado*, Año XXII, nº1.
KOZAK, Claudia. Reseña de REYES, Graciela. *Polifonía Textual*. (La citación en el relato literario) In: *Homenaje a Celina Sabor de Cortázar*, Año XXII, nº1.
- 1988: BORZI, Claudia; CIAPUSCIO Guiomar, Reseña de *Text and Discourse Constitution; Empirical Aspects, Theoretical Approaches*. In: *Homenaje a Sarmiento*, Año XXII, nº2.
- 1989: FERRARI, Laura; GIAMMATTEO, Mabel. Reseña de *Discourse and Literature. New Approaches to the Analysis of Literary Genres*. In: *La voz del otro. Homenaje a Enrique Pezzoni*, Año XXIV, nº1-2.

- 1990: MENÉNDEZ, Salvio M. Voz y voto. Análisis del discurso de la propaganda política. In: *Revista Filología*, Año XXV, n°1-2.

Algumas consistem em resenhas de obras da época e vários dos artigos de Linguística publicados na revista *Filologia* são publicados novamente nos cadernos do Instituto de Linguística.

No Instituto de Linguística publicaram-se duas revistas em base ao projeto dirigido por Lavandera:

- 1986 *Cuadernos del Instituto de Lingüística: Análisis sociolingüístico del discurso político*, n°1, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires – Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras.
- 1987 *Cuadernos del Instituto de Lingüística: Análisis sociolingüístico del discurso político*, n°2, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires – Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras.

Lenguaje en Contexto (1988) é uma revista que somente terá um único volume, e corresponde a um projeto editorial de B. Lavandera, também publicado no quadro do Instituto de Linguística.

Lavandera escreve o capítulo “El estudio del lenguaje en su contexto sócio-cultural” no volume “El lenguaje: contexto socio-cultural” conformando o último dos volumes do Panorama da Linguística Moderna da Universidade de Cambridge publicado em inglês em 1988. Foi traduzido ao espanhol no ano 1992. Neste capítulo, a autora faz uma síntese das teorias que consideram a linguagem no contexto social, posicionando-se em relação a estas para chegar a sua proposta de análise do discurso desenvolvida em Buenos Aires.

A coleção *Lengua, Lenguaje y Comunicación* da editora francesa Hachette é dirigida por E. N. de Arnoux e publicou diferentes obras tanto nacionais como europeias desde 1979 até 2002.

Em 1992, publica-se o primeiro número da revista *Signo y Seña*, também do Instituto de Linguística, dirigida por E. N. de Arnoux. Não pertence estritamente ao período que consideramos de normalização, mas achamos pertinente levar em conta este volume, já que a temática da publicação se refere especificamente às relações Discurso/História. Além disso, trata-se de uma revista que tem alcançado muito prestígio, e hoje em dia continua a ser publicada. Ademais, esta primeira publicação incorporou artigos de pesquisadores de outras universidades da Argentina, do Brasil e da França.

3.1.1 Análise sociolinguística do discurso

Antes da abertura democrática em 1982, B. Lavandera retorna dos Estados Unidos e se incorpora ao “Centro de Investigaciones en Antropología Filosófica y Cultural” (CIAFIC). Nesta instituição, ela ministra dois seminários¹¹ de Linguística Chomskyana e de Pragmática e Análise do Discurso, este último será publicado pelo Centro Editor de América Latina (GARCÍA NEGRONI, MENENDEZ; RAITER, 2001). Entre os alunos destes seminários se encontravam os professores que posteriormente integrariam, junto com B. Lavandera como professora titular, as Cátedras de Linguística, Gramática Textual e Sociolinguística.

Como mencionamos no capítulo anterior (§ 3.3.3), B. Lavandera obtem seu título de doutora nos Estados Unidos com Labov no quadro da sociolinguística variacionista. Poucos anos depois, a linguista argentina elabora uma crítica ao método laboveano e desta forma afasta-se dos estudos variacionistas. Demonstra que a variação se manifesta em determinados níveis de análise: o fonético e o fonológico, mas não quando se aborda o plano do significado. Isto gera uma discussão com Labov que ficará plasmada em dois textos: “Where does the sociolinguistic variable stop?” de B. Lavandera e “Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera” de Labov (TRAUGOTT; RICKFORD; PARDO, 2001, PARDO, Entrevista, 2013).

Os trabalhos publicados nos Estados Unidos são traduzidos e publicados na Argentina em 1984. Conformam o livro *Variación y Significado* na coleção *Lengua, Lenguaje y Comunicación* organizada por Arnoux. Nessa obra, B. Lavandera apresenta sua proposta de elaborar um modelo que considere a variação como significativa e constitutiva da linguagem possibilitando determinadas escolhas do falante (Lavandera, 1984). Os trabalhos publicados baseiam-se no modelo de Labov, seguindo a proposta de incorporar esta variação na gramática gerativa. Propõe-se converter as regras opcionais em regras variáveis atribuindo-lhe valores probabilísticos às distintas opções e seus correspondentes contextos. A autora defende a tese de que a variação é sistematizável, condicionada por contextos externos sociais e situacionais. A linguista argentina coloca no centro de suas inquietações a adequação (“lo apropiado”) do discurso para determinada situação comunicativa.

¹¹ Seminários no sentido de cursos específicos sobre uma temática.

O curso de Pragmática e Análise do Discurso foi uma novidade que trazia reflexões sobre a linguagem sem precedentes no âmbito acadêmico da UBA. Neste curso foram analisados textos da fala espontânea do espanhol argentino segundo diferentes teorias: a Semântica Gerativa, a teoria dos Atos de Fala, as teorias funcionalistas inglesas, entre outras. As análises apresentam críticas e problemáticas destas teorias (LAVANDERA, 1985). A definição de discurso é dada pela autora:

...una visión del discurso no como producto estático y terminado sino como un proceso que se desarrolla en el tiempo y se sistematiza dentro de una visión dialéctica. Dentro de estos procesos que son los textos, puede investigarse la función y el significado de distintos recursos lingüísticos [...] Una de las tesis principales de este enfoque es que la mayoría de los recursos sistemáticos de una lengua no se prestan a una elucidación dentro de los límites de la oración. Sólo insertados en el texto que contribuyen a crear puede analizárselos en toda su complejidad semántica (LAVANDERA, 1985, p. 9)

Nas análises linguísticas do discurso, Lavandera acrescenta que o linguista deve se deter no momento em que se prediz que os falantes têm diferenças nas suas pressuposições. Para a autora é necessário demarcar os limites da linguística e explicita que sua proposta não vai além da própria análise da língua. Porém, acrescenta que é totalmente válido dar continuidade a estas análises, especificamente linguísticas, por meio de uma análise ideológica do discurso (LAVANDERA, 1985). A linguista argentina se atém a uma análise linguístico-pragmática, posição essa que segundo M. L. Pardo (TRAUGOTT; RICKFORD; PARDO, 2002; PARDO entrevista, 2013), e como mostraremos mais à frente, mudaria ao longo dos anos.

As novas correntes trazidas por B. Lavandera representaram profundas mudanças na concepção da linguagem na Argentina, como afirmam os integrantes do grupo:

... B. Lavandera offered the new things that we were not able to discover in the university because our other professors were absent, in exile or dead. For a group of graduate and undergraduate students, she represented the renaissance of studies on language (GARCÍA NEGRONI, MENENDEZ; RAITER, 2001: p. 9).

Estas mudanças também são descritas na entrevista que realizamos a M. L. Pardo (Entrevista, 2013):

Con la democracia se produce un gran cambio y ya no interesa solamente entender la realidad del lenguaje. Hay una marcada determinación de la época, propia del momento de democratización, que genera una gran preocupación por problemáticas sociales, reflejado en la lingüística a través del estudio del discurso. Más allá de la lingüística, Lavandera entiende al período de reorganización democrática como una responsabilidad para el educador siendo este una pieza clave para la democratización del país.

O grupo de pesquisa era conformado por alunos da graduação e estudantes formados que trabalham com Lavandera sobre um novo projeto para a linguista, a análise do discurso político. O projeto foi financiado pelo Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, (CONICET) intitulado “Análisis sociolingüístico de textos producidos en el intercambio de información entre el gobierno y la ciudadanía”. Os trabalhos do projeto foram publicados nos dois cadernos do Instituto de Linguística e alguns dos artigos foram publicados também na revista do partido radical, *Plural*.

O quadro teórico do projeto de Lavandera ainda não estava definido, já que nenhum dos modelos da Análise do Discurso satisfazia plenamente a equipe. O grupo se propõe reutilizar alguns conceitos para realizar a própria abordagem teórico-metodológica. Eles assumem uma posição funcionalista, isto é, entender a linguagem como processo interativo tanto no aspecto da produção como no da interpretação, aspectos que são considerados como interdependentes (LAVANDERA, 1986). No nome do projeto “Análisis sociolingüístico de textos producidos en el intercambio de información entre el gobierno y la ciudadanía” evidencia-se a preocupação do grupo de pesquisa por uma análise de textos que implica um engajamento com a realidade política daquela época. A especificidade dos textos, ligada à troca entre governo e cidadãos no momento histórico de transição para a democracia, tinha mudado completamente passando de imposição pela autoridade do governo *de facto* a uma troca com as características de um governo eleito pelo povo. À análise foi dado o nome de sociolingüística, no sentido de se levar em conta o social, mas não porque fosse seguir os postulados da sociolingüística (PARDO entrevista, 2013).

Descrevemos os artigos presentes nos dois cadernos levando em consideração: o tipo de *corpus* que foi analisado, as unidades de análise e a teoria de base mobilizada. Estes dados são sintetizados nos quadros 1 e 2 dos anexos com intuito de visualizar os alcances do projeto. Descrevemos o *corpus* e, as unidades de análise, distinguindo o aspecto da linguagem que foi

escolhido para o estudo específico. A teoria de base consiste na teoria de partida, isto é, o quadro epistemológico e teórico, os autores e conceitos mobilizados (Ver síntese em quadros 1 e 2).

Nos dois cadernos são analisados os seguintes discursos:

- “Documento Final de la Junta Militar” (DF) emitido na televisão, pelo rádio e por escrito nos jornais do dia seguinte. Consistiu em uma justificativa dos governos militares pelos crimes do Estado correspondentes à última ditadura (28/4/1983).
- Discurso de Alfonsín quando assume na presidência do primeiro governo democrático depois do golpe de 1976 (10/12/1983)
- Dois discursos de dois setores da Igreja em resposta ao DF: discurso do Episcopado “Moderada crítica episcopal al ‘Documento Final’ de la Junta Militar”, no jornal *Clarín* (6/4/1983) e o discurso “Nos preocupa un discurso de paz que es difícil avizorar” da Comisión Nacional de “Justicia y Paz” no jornal *La prensa* (5/4/1983)
- Discurso do Presidente Alfonsín no Congresso Mexicano, o presidente resume os fatos da história argentina que levaram a julgar nove comandantes das Forças Armadas (26/07/1985).
- Discursos do co-secretário da Confederação Geral do Trabalho (CGT), Ubaldini, pertencente ao partido opositor peronista. (13/5/1985)
- “La cultura en peligro” de J. L. Borges no jornal *Clarín*. O escritor expõe críticas à mudança da grade curricular do curso de Letras da UBA (13/12/1984)
- Apresentação do Ministro do Interior, Dr. Tróccoli, do programa televisivo “Nunca Más”¹², 4/07/1984.
- Discurso difundido na televisão e no rádio do Presidente Alfonsín declarando ameaças de golpe de estado e convocando a cidadania na Plaza de Mayo (21/4/1985).
- Discurso de Alfonsín na Plaza de Mayo (26/4/1985) e sucessivos discursos do então Presidente (14/6/1985, 5/09/1985, 17/1/1986).
- Manchetes de diferentes jornais de Buenos Aires, *Crónica*, *La Nación*, *Clarín*, *La Prensa*, a poucos dias das declarações de Alfonsín de ameaça de Golpe e convocatória na Plaza de Mayo (25/4/1985).
- O (não) diálogo entre o discurso do opositor, Ubaldini (25/3/1986) e o discurso de Alfonsín (23/5/1986).

Alguns destes discursos também são retomados nas aulas de Linguística ministradas por Lavandera com M. M. García Negroni e M. L. Pardo.

3.1.1.1 Cadernos do Instituto de Linguística I

¹² A Comisión Nacional sobre Desaparición de Personas (CONADEP) elaborou o documento *Nunca Más* que consiste em um relatório exaustivo sobre o terrorismo de Estado constituindo uma fonte de provas para os julgamentos (NOVARO, 2011). Este relatório foi apresentado aos cidadãos em um programa de televisão do mesmo nome no ciclo *Televisión Abierta*. A emissão do programa foi problemática e de tensão nas relações do governo com os militares “El anuncio de su emisión provocó inquietud en el gobierno, debido al efecto que, estimaba, tendría el programa entre los militares. El 4 de julio por la mañana, Alfonsín discutió con sus colaboradores dos posibilidades: emitirlo con el costo de irritar a los militares o prohibirlo pese a que ya estaba anunciado y enfrentar el escándalo público (...) hasta último momento la propia CONADEP no tuvo certeza sobre si el programa saldría o no al aire. Finalmente, el programa fue emitido el 4 de julio entre las 22 y las 23:30 horas, sin cortes publicitarios...” (CRENZEL, 2008).

Lavandera (1986) teoriza os “recursos mitigadores”, isto é, os elementos linguísticos que possuem as línguas para regular a ambiguidade do dito. Uma análise que leva em conta estes recursos pode inferir sobre hipóteses extralingüísticas de contextos identificando o que pode e não pode ser dito por pressões na liberdade da comunicação. A metodologia é rigorosamente explicitada.

La metodología que paso a proponer procura prescindir, por un lado, de la necesidad de identificar como punto de partida los factores extralingüísticos tales como “intención”, “propósito”, presiones sociales, culturales o situacionales que se ejercen sobre la elección de los recursos lingüísticos. Estos factores, si bien están indudablemente presentes en toda situación comunicativa, y ejercen su influencia tanto en la producción como en la recepción de un texto, eluden a menudo una identificación objetiva, y cuando el análisis se hace depender de su postulación, éste puede teñirse de una subjetividad poco deseable científicamente. La discusión de estos factores queda para una etapa posterior al análisis. Por otro lado la misma metodología debe evitar la circularidad de afirmaciones tales como que cierta emisión está “mitigada” porque uno de sus elementos se interpreta en este mismo momento del análisis como una señal de mitigación. (Lavandera, 1986, pp. 3-4)

Desta forma, a metodologia proposta não considera o contexto histórico e sociopolítico; estes são dados que devem ser considerados *a posteriori* no caso de que se elabore uma análise ideológica do discurso, saindo dos limites da linguística.

A linguista parte de estudos já realizados sobre as formas gramaticais do espanhol que no uso permitem uma função mitigadora, com o intuito de analisar o discurso do então presidente Alfonsín no congresso mexicano (26/07/1985). O fragmento do discurso analisado refere-se aos fatos da história argentina, recentes naquele momento, que levaram a ajuizar nove comandantes das forças armadas. Lavandera identifica que, no discurso, Alfonsín se refere explicitamente e com avaliações negativas às ações dos grupos terroristas e implicitamente ao acionar das Forças Armadas (“se nombra a la subversión y se evalúan sus actos y sólo se alude a la represión” (LAVANDERA, 1986 p. 12). O artigo conclui com observações de algumas questões extralingüísticas sobre as causas desse tratamento diferenciado, mas fazendo ênfase em que essas questões excedem a análise linguística. “La intención de este artículo ha sido diseñar un

instrumento lingüístico de diagnóstico, que aplicado a cualquier texto permite distinguir entre lo dicho y lo aludido (Ducrot, 1984), entre lo explícito y lo inferible.” (LAVANDERA, 1986, p. 12, destaque do autor).

No segundo artigo de Lavandera, “Hacia una tipología del discurso autoritario”, é esclarecida novamente a metodologia lingüística de análise que consiste num tratamento lingüístico-pragmático do texto, levando em consideração aspectos dos contextos verbal e situacional imediatos. Os contextos são mobilizados porque permitem inferir o que foi dito, com quais formas/significado e que pressupostos são resultado do que foi dito. Uma segunda etapa da análise envolve aspectos extralingüísticos e interdisciplinares pertencentes ao domínio sociocultural, político e ideológico. As duas etapas conformam a análise do discurso de uma forma global, a primeira etapa corresponde a uma análise lingüística do discurso.

A autora define discurso não autoritário como forma não marcada utilizando as teorias de Benveniste (Enunciação, enunciado), Grice (princípio cooperativo e as máximas), a teoria dos atos de fala de Austin reformulada por Searle, os universais de cortesia de Brown e Levinson, a noção de polifonia e discurso dialógico de Bakhtin e Goffman. A posição de Lavandera sobre esta última teoria é levada ao extremo, no sentido em que, todo discurso é completamente dialógico num nível mental, somente no nível fônico haveria monólogo. Porém, no caso do discurso autoritário a voz do interlocutor é completamente calada e o texto produzido é estritamente monológico.

No artigo são analisados três discursos autoritários correspondentes a três categorias propostas pela autora: “autoritário ditatorial” o discurso do “Documento de Punto Final de la Junta Militar” (28/4/1983); “autoritário-demagógico” ao discurso de Ubaldini (13/5/1985), co-secretário da CGT (Confederação Geral do Trabalho, Argentina) e, por último, “autoritário-desautorizado” ao discurso de Borges (13/12/1984) sobre a mudança da grade curricular do curso de Letras da UBA.

No artigo “El lugar aparente: dos lecturas desde la Iglesia del “Documento Final de la Junta Militar””, S. M. Menéndez, num primeiro momento, demonstra que por meio de “jogos terminológicos” o Documento Final dos militares toma como óbvio que “todo(s) lo(s) subversivo(s) es/son terrorista(s)” (1986, p. 49). Isto vai ser retomado e aceitado pelo discurso do

Episcopado que busca a conciliação, mas será criticado pela associação Justiça e Paz. Para tal propósito serão mobilizados os conceitos de Ideologia e aparatos ideológicos de Estado de Althusser e a noção de ideograma de J. Kristeva.

Em “Hacia una redefinición de las nociones de “tema” y “rema”: de la oración al discurso”, M. L. Pardo defende que a partir dos remas das orações de um discurso pode-se definir o Tema do discurso. Este último é definido como o rema oracional que tem a maior carga semântica e maior dependência ao contexto. Os outros remas oracionais farão menção deste. Isto é demonstrado na análise do discurso do Episcopado, o Tema do discurso é “a reconciliação com as Forças Armadas”. O rema do discurso possui a maior carga semântica, mas é independente do contexto e produz uma ruptura no tema do discurso. O rema do discurso é “o documento das Forças Armadas é insuficiente”. A autora identifica que no discurso político, diferentemente ao discurso conversacional, a particularidade do Rema do discurso é não estar no final do texto, já que geralmente sempre há uma explicação ou explicitação do mesmo e um final moralizante, conciliador, de agradecimento, cumprimento, etc. Também, neste enfoque são analisados os discursos do Documento Final da Junta Militar e da apresentação do Ministro do Interior do programa *Nunca Más*.

No artigo “El discurso referido o en búsqueda del contexto perdido”, M. Zoppi Fontana procura compreender como se recupera o contexto no caso do discurso relatado. Muitas vezes o contexto do discurso relatado está ausente, porém existem formas no texto citado que permitem recuperá-lo. A hipótese da autora é que na maioria dos casos do discurso relatado é possível encontrar no texto sinais, traços funcionais, que permitem inferir informações sobre a interpretação do citante e subjacente à citação. M. Zoppi Fontana elabora uma demonstração teórica dos diferentes mecanismos que possibilitam ao citante se posicionar em relação ao discurso citado. Estes mecanismos linguísticos são analisados num *corpus* de discurso jornalístico composto por artigos e editoriais dos principais jornais da cidade de Buenos Aires. Identificam-se três níveis: nível do enunciado (modos dos verbos, relação conjuntiva segundo a línea de argumentação com ou sem nexos, as modalizações na frase introdutória), nível da enunciação (preposições na frase introdutória) e, simultaneamente, do nível da enunciação e do enunciado (as aspas).

Em “Hacia un análisis de la dinámica del discurso: el discurso del Dr Tróccoli”, M. M. García Negroni e A. Raiter defendem a ideia de que existe um modo específico de organização estrutural do discurso político na construção do “todo discursivo”. A análise do discurso do Ministro do Interior na apresentação do documento sobre os desaparecidos é realizada levando em conta dois aspectos, a constituição dos papéis simbólicos e as conexões discursivas. Estes dois aspectos permitem identificar as marcas da dinâmica do discurso e sua estrutura. Por meio dos deslocamentos pronominais (da segunda pessoa plural à terceira, por exemplo, “la República”, “la sociedad argentina”, “el país”) é mostrado como o destinatário vai se construindo ao longo do discurso. O terceiro discursivo que é excluído tanto pela segunda pessoa como pela terceira é “la subversión” e “metodologías aberrantes”, está última sendo um eufemismo de repressão. Estes deslocamentos marcam os bloques discursivos que permitem ao locutor se dirigir a diferentes setores da sociedade e definir o lugar simbólico/político do governo nacional referente à angustiante e dolorosa realidade dos desaparecidos. A análise das conexões discursivas que constroem relações hierárquicas entre tópicos e tópicos-comentários permitem delimitar a estrutura discursiva do discurso analisado definindo por quatro bloques discursivos (“Orientación, Narrativa de los hechos antes de la democracia, Explicitación del lugar simbólico del Gobierno como Emisor, Instrucciones para el lugar simbólico del Destinatario”).

A. Raiter e S. M. Menéndez publicam o artigo “Del desplazamiento de un signo ideológico (Análisis lingüístico del discurso político)”. Os autores buscam a especificidade do discurso político considerado como parte de uma interação institucionalizada entre diferentes grupos sociais, como “gran intercomunicador social”. Posicionando-se no campo da função comunicativa da linguagem e dentro da sociolinguística, os autores se centram na análise do interdiscurso. É interessante como os autores se posicionam em relação à linguística: “La lingüística ha preferido mantenerse en una supuesta asepsia y ha manejado, en general, textos que suponen ningún compromiso ideológico e político...” (Raiter ; Menendez, 1986, p. 149). Esta afirmação é seguida de uma nota de rodapé que excetua os trabalhos de Pêcheux de 1972 e 1983 e os de Lavandera publicados neste mesmo número.

Raiter e Menéndez definem o discurso como “enunciação + relato” e fazem ênfase na importância da enunciação na rede discursiva, já que é nela que se manifesta a responsabilidade discursiva e funciona como marco delimitador do discurso. Sobre o relato os autores enfatizam

nas condições de produção e nas condições de recepção. Eles mostram que o específico do discurso político se encontra no cruzamento do discurso publicitário e do discurso da história. O discurso publicitário e o discurso político têm em comum a persuasão e o fato de o enunciador estar sempre em um lugar de posse do poder. O discurso da história instaura uma objetividade como marca da realidade pelo peso institucional do mesmo. A especificidade do discurso político é entendida como:

Discurso que presenta dos lugares que se implican en la intersección de este tipo de discurso. Por un lado el poder: el poder del saber (enunciar). Poder para persuadir, para fundamentalmente cambiar una situación discursiva por otra. Por otro lado: el saber del poder (enunciar). Saber que fija nuevos parámetros, que implanta una nueva situación discursiva. En este juego doble (publicidad-poder/historia-saber) e indivisible se encuentra la marca de su especificidad. (RAITER; MENÉNDEZ, 1986, p. 153)

O contexto resulta criado pelas relações interdiscursivas que permitem recuperar os elementos pressupostos nos discursos. A interdiscursividade é entendida pelos autores como uma relação pragmática porque o discurso anterior consiste em uma referência que é determinada pelo discurso atual e pelos pressupostos. Resulta desta forma determinada a cadeia significante na produção do sentido. A Formação discursiva é definida por meio da *Arqueologia do Saber* de Foucault, como rede discursiva organizada na determinação de um nó que traz um novo valor de referencialidade, instaurando limites e diferenças em relação aos outros discursos. A Formação discursiva permite estabelecer linhas de leitura a partir das estratégias linguísticas, condições de possibilidade destas linhas (RAITER; MENÉNDEZ, 1986).

A análise realiza-se sobre cinco discursos em ordem cronológica do então Presidente levando em conta as relações interdiscursivas entre estes discursos. O primeiro discurso, nó da rede ou discurso emergente, consiste num discurso televisivo onde Alfonsín denuncia uma tentativa de golpe de estado e convoca a população a um ato público na Plaza de Mayo. Os autores mostram que esse discurso do Presidente marca uma nova referencialidade e engendra um deslocamento do signo ideológico “enemigos de la democracia”. O agente da tentativa de golpe de estado nunca é explicitado e é mitigado. Alfonsín desloca os inimigos da democracia, que até esse momento eram os militares, a setores que querem desestabilizar o país que não são as Forças Armadas, já que estão incluídas no “nos” e são, elas as que denunciam a tentativa. Nos seguintes

discursos do Presidente, o inimigo passa a ser “os que não acreditam no novo modelo econômico próprio a uma economia de guerra (Plano Austral)”. E, finalmente, no último discurso analisado esse inimigo (terceiro discursivo) é explicitado, identificado com os sindicalistas, (CGT) a extrema esquerda (Movimiento Al Socialismo (M.A.S), os trotskistas) e a extrema direita, setores fascistas. Nas conclusões, os autores afirmam:

El análisis lingüístico del discurso político debe hacerse sobre una serie discursiva la que, a partir de las relaciones interdiscursivas, nos permite descubrir sus operaciones, su funcionamiento social, la interacción de un discurso con otros y su contexto, y cuáles son las posibilidades de una serie discursiva para producir un cambio de conductas, de creencias y de actitudes buscadas (1986, p. 172).

Resulta demonstrado como as relações interdiscursivas entre os diferentes discursos do Presidente vão delineando e transformando o contexto político e social, neste caso redefinindo o signo ideológico: “inimigos da democracia”.

3.1.1.2 *Cadernos do Instituto de Linguística II*

O artigo de B. Lavandera e M.L. Pardo “La negación en el discurso: patrones y rupturas” analisa o discurso de Alfonsín no Congresso, no dia que assume como presidente em 1983. São citados os trabalhos de Foucault a *Ordem do discurso* e *Arqueologia do Saber* junto aos trabalhos de Lavandera com o intuito de explicar o tipo de análise discursiva, no sentido de estudar grandes extensões de textos. As autoras não aspiram a uma análise do tipo arqueológica do discurso. Analisam os “parágrafos negativos e afirmativos” de um fragmento do discurso de Alfonsín com o objetivo de mostrar as escolhas do falante, negação ou afirmação, na argumentação segundo determinadas posições. Lavandera e Pardo demonstram que os textos estão conformados por paradigmas que funcionam como modelos, unidades semânticas que permitem organizar o texto. Os paradigmas se constroem pelas oposições formais negativo/afirmativo, pessoal/impessoal, etc. No caso do discurso analisado os paradigmas são pelo menos dois que correspondem ao conteúdo de expressão do desejável/indesejável. Manifestam-se no plano da forma através dos parágrafos

afirmativos/negativos, respectivamente. No momento em que esse padrão se rompe os enunciados se tornam ambíguos. Um exemplo no texto é quando o então presidente faz uso de recursos ambíguos com o intuito de conciliar as Forças Armadas com os afetados pela ditadura e com os grupos subversivos. O uso de expressões cristalizadas como “o fim não justifica os meios”, ou o emprego do lexema “luta”, sem esclarecer a luta de quem ou quais das lutas que tinham se manifestado até então (luta dos subversivos, das forças armadas contra a subversão ou a guerra das Malvinas), combinado com a relação identificada pelas autoras da manipulação forma/conteúdo, representam “síntomas que deben ser interpretados con la ayuda del contexto, con el objeto de comprender qué tipo de texto es el que se está desarrollando realmente” (LAVENDERA; PARDO, 1987, p. 28).

Em “Roles protagónicos y actos de habla”, M. M. García Negroni analisa o discurso televisivo de Alfonsín (21/4/1985) em três Macro-Atos de Fala (Van Dijk): 1) A denúncia explícita de ameaças de um novo golpe de Estado; 2) a Advertência implícita aos setores antidemocráticos, e 3) a Convocatória que pede explicitamente para o “nós inclusivo” se manifestar em defesa da democracia. Em cada Macro-Ato de Fala se identificam os lugares simbólicos dos diferentes agentes. No segundo Macro-Ato, a autora identifica a preocupação do enunciator (Alfonsín) de redefinir o papel das Forças Armadas que, já não ocupam o lugar de Terceiro Discursivo, porém integram o “nós inclusivo” das vozes da democracia. Os inimigos da democracia pelo fato de serem alvo de Advertência são destinatários encobertos, já que o Macro Ato de Fala não é explícito. A autora conclui que o discurso é a instância não somente de instauração dos lugares simbólicos ocupados pelos agentes sócias, mas também de transformação destes.

O trabalho de S. M. Menéndez, “Un lector privilegiado: el discurso del titular”, consiste em analisar a leitura, através das manchetes, que as mídias fazem do discurso de Alfonsín analisado anteriormente. Por exemplo, no jornal *La Nación* a manchete é “El presidente denunció un posible golpe de Estado” (1987, p. 75). As mídias têm estratégias de leitura que produzem para o leitor do jornal um determinado modo de ler e interpretar o discurso do Presidente. O autor se pergunta o que leem e como leem as manchetes, portanto as mídias, e se propõe responder a estas questões em função da “discursiva dominante”, elemento gerador do discurso, e dos

recursos linguísticos. Além de analisar linguisticamente as manchetes, o autor faz inferências sobre a ideologia dos jornais: “En este doble juego el medio exhibe su ideología” (1987, p. 77).

A. Raiter, no estudo “Diálogo discursivo e iniciativa discursiva”, analisa dois discursos politicamente opostos: de Ubaldini, secretário da CGT, representante do peronismo, e do Presidente, pertencente ao partido radical. A análise faz ênfase nas relações de diálogo, ou não-diálogo entre esses dois setores. São dois discursos que foram pronunciados com proximidade, porém o discurso de Alfonsín, não faz menção explícita aos reclamos e críticas feitas pelo representante dos trabalhadores. Alfonsín se coloca em outro lugar da enunciação, não somente não dialoga, mas também não entra na discursividade opostora, utiliza seus próprios signos ideológicos da sua proposta de governo como “modernização”, “construir o país”, em detrimento de “justiça social”, utilizado por Ubaldini. Também, existe uma diferença nos dois discursos em relação à temporalidade do discurso Ubaldini se refere a um passado idílico que deve ser reconquistado e Alfonsín se refere a um passado que deve ser superado em vistas de um futuro melhor. O autor acrescenta esta reflexão ao problema da temporalidade e conseqüentemente ao problema das propostas políticas: “¿dónde quedan los planes para el presente?. En el imaginario discursivo carecemos de presente, un discurso llama al pasado, el otro al futuro” (1987, p. 120)

“Los gritos del silencio. La voz del otro en el discurso autoritario” de M. G. Zoppi-Fontana trata sobre o dialogismo do discurso autoritário; analisa-se o Documento Final da “Junta Militar”, sendo um representante do discurso autoritário e monológico (retomando as conclusões de Lavandera, 1985, 1986). Porém, a autora assinala que segundo Bakhtin todo discurso é constitutivamente dialógico. O discurso do Documento Final da “Junta Militar” como foi demonstrado por Lavandera não dialoga com outros textos, nem se constitui como resposta a outros enunciados, entretanto a autora se propõe encontrar as vozes apagadas. M. García Negroni comprova que existem relações de intertextualidade e de dialogismo, mas com determinadas particularidades. A intertextualidade aparece marcada por aspas ou, na oralidade, na mudança da figura tonal. As vozes outras são: das “organizações defensoras dos direitos humanos”, das “organizações terroristas” (explicitamente citadas ao começo do documento: “Fuerzas Armadas Revolucionarias”, “Ejército Revolucionario del Pueblo”, “Montoneros”). Esses outros cujos enunciados são retomados não são parte dos destinatários do texto (“la ciudadanía”, “el Pueblo de la Nación”, “la República”, entre outros), trata-se do terceiro discursivo. A autora conclui que as

relações dialógicas e de intertextualidade tem a particularidade de formar parte de estratégias globais de desqualificação deste terceiro discursivo. O discurso relatado no Documento Final tem a função de ser desarticulado, desprestigiado e rejeitado. O Documento Final resulta ser completamente monológico em relação ao destinatário e a dimensão dialógica se estabelece em relação ao terceiro discursivo.

O segundo caderno incorpora uma resenha de A. Raiter do livro de E. Verón e S. Sigal, publicado na Argentina em 1986, *Perón o Muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Trata-se de um trabalho sobre a análise do discurso peronista.

Este interesante trabajo de Sigal y Verón pretende dar cuenta de las características propias de la enunciación peronista, es decir de la constitución del enunciador y del destinatario dentro de este tipo de discurso que caracterizan como discursos sociales, y explicar o comprender los mecanismos discursivos que llevaron a la Juventud Peronista a quedarse con el segundo término de la ecuación planteada en el título: Perón o Muerte. (Raiter, 1987, p. 151)

Depois de concordar com a análise de S. Sigal e E. Verón do dispositivo enunciativo peronista, A. Raiter faz uma crítica em relação a aspectos linguísticos na abordagem do discurso peronista no momento do exílio de J. D. Perón. O partido peronista foi proscrito durante 18 anos com o exílio do líder e a proibição de nomeá-lo. Consequentemente, existiam portadores da voz legítima do ex-presidente deposto, chamados por S. Sigal e E. Verón de “enunciadores segundos”, que ao longo de seus discursos citam e mostram cartas, mensagens do próprio Perón exilado. Estes enunciadores não podem ser mais do que interpretadores e locutores da palavra do enunciador original, desta forma o “nosotros peronista” supõe uma posição passiva. O enunciador original é insubstituível. Os autores do livro demonstram que a palavra peronista não pode ser outra que a palavra do próprio Perón.

A. Raiter assinala que as hipóteses do trabalho de Verón e Sigal não apresentam suficiente evidência linguística e defende que o receptor desse discurso, o interpreta numa rede de intertextos que remetem ao imaginário político, portanto, o “nosotros” não seria meramente passivo e não se poderia comprovar a impossibilidade da constituição de um outro discurso

peronista que não seja de Perón. Além disso, A. Raiter assinala que a análise realizada é muito restringida ao plano da enunciação sem levar suficientemente em consideração o conteúdo dos discursos.

A terceira parte do livro trata do discurso específico da esquerda peronista a partir de 1973 (volta de Perón na Argentina), segundo A. Raiter esta delimitação não resulta de ajuda metodológica porque esse discurso já tinha se constituído antes da volta de Perón ao governo com um lugar próprio de enunciação, afastando-se dos “enunciadores segundos” e mudando ao mesmo tempo destinatários e inimigos políticos. O autor da resenha acrescenta que o foco da análise foi no conteúdo o que não permitiu aos autores se distanciarem das palavras da “Juventud Peronista” e, desta forma, não lhes foi possível identificar o próprio Perón como “destinatario encubierto” (definido por M. M. García Negroni neste mesmo volume dos cadernos de linguística). Por último, A. Raiter acrescenta que nas características atribuídas ao discurso peronista não foram identificadas as características que são compartilhadas por todos os discursos políticos em geral. Em palavra de A. Raiter:

[...] la construcción del lugar de la verdad o la eliminación del enemigo por la no pertinencia; en efecto fuera de la descripción de las condiciones de circulación en el período del exilio, lingüísticamente, el discurso peronista no realiza operaciones diferentes a multitud de discursos políticos. (1987, p. 158)

Entendemos as críticas de A. Raiter como resultado de uma falta de interação destes dois grupos de pesquisa porque se bem Verón e Sigal não citam os trabalhos do grupo de Lavandera, este último também não cita, nem retoma os trabalhos de Verón, por exemplo, sobre discurso e ideologia e semiose social.

Os dois cadernos apresentam trabalhos com uma preocupação comum: a análise linguística do discurso político da época e a partir destes identificar as particularidades linguísticas do discurso político. Podemos ressaltar, também, como traço comum a todos a preocupação de pensar nos limites da linguística e de que forma o extra-linguístico pode ser abordado, como contexto ideológico ou como contexto imediato da situação de comunicação. Visualizamos nos dois quadros 1 e 2 (Anexos) a ênfase na construção do sentido a partir das unidades de Formação Discursiva, campo semântico, Macro-Atos de fala, Tema e Rema

discursivos. E na superfície do discurso, na materialidade linguística analisam-se os não-ditos, os destinatários ocultos, os mecanismos de mitigação.

3.1.1.3 “Missing people in Argentina”

Outro artigo do grupo de pesquisa é intitulado “Intertextual relationships: Missing people in Argentina” os autores são todos os membros do grupo. Trata-se de um artigo publicado na Georgetown University Round Table (GURT) no volume “Language and Linguistics: The interdependence of Theory, Data and Application”, em 1985. Provavelmente, o artigo consiste numa das primeiras declarações, em artigo científico, publicadas fora da Argentina sobre as pessoas desaparecidas pela última ditadura militar na Argentina.

Depois de resumir os últimos sucessos do governo na Argentina, analisa-se o Documento Final de la Junta Militar e as relações de intertextualidade com outros discursos que se pronunciaram posteriormente: o discurso de Alfonsín no congresso mexicano, o discurso do Episcopado e o discurso da associação católica Justiça e Paz. O Documento Final consiste em um discurso marcadamente autoritário que esconde informação disfarçada em um relato de sucessão exaustiva e de fatos objetivos. Os autores defendem que por meio da linguística pode-se analisar e identificar as informações apagadas: “Nevertheless, a thorough linguistic analysis makes it possible to recover the omitted information by identifying it in the employment of subtle resources that betray the speaker(s)” (LAVANDERA; GARCÍA NEGRONI; et al. , 1985, p. 13).

É realizada uma análise lexical e semântica do texto do Documento Final explicando o contexto situacional do texto para inferir os não-ditos (por exemplo, o golpe militar de 1976), identificar o Tema (“Las fuerzas armadas asumen su cuota de responsabilidad...”) e o Rema discursivo (“quienes figuran en nóminas de desaparecidos y que no se encuentran exiliados [...] se consideran muertos”). Tema e Rema Discursivo são definidos segundo o trabalho de Pardo (1986) para definir as relações intertextuais. Os discursos de Alfonsín e do Episcopado, surgidos depois da apresentação do Documento, possuem os seus Temas e Remas ligados diretamente ao Documento Final. O discurso de Justiça e Paz não reproduz o discurso dos militares, mas o critica

fortemente, não retoma os mesmos significados aceitos, nem retoma os pontos positivos assinalados pelos outros dois discursos.

3.1.1.4 A linguagem: contexto sócio-cultural

Nos dois cadernos e no artigo publicado nos Estados Unidos identificamos uma tentativa de constituição de uma linguística genuinamente argentina considerando os avanços vindos dos Estados Unidos e da Europa, com a iniciativa de gerar um modelo específico que responda as necessidades propostas pelo grupo de pesquisa. Esta iniciativa de Lavandera é plasmada no capítulo intitulado “El lenguaje: contexto sócio-cultural” no *Panorama de la Lingüística Moderna de la Universidad de Cambridge*. Neste capítulo, aparecem sintetizadas correntes do estudo da linguagem dentro do contexto sócio-cultural e, fechando o texto, a proposta da Análise do Discurso de B. Lavandera.

A autora descreve a diferença entre uma teoria da gramática correspondente ao paradigma quantitativo, por exemplo, a sociolinguística variacionista, e uma teoria da linguagem. Esta última precisa de uma teoria social para determinar quais elementos do contexto social afetam a produção e a compreensão da linguagem em contextos reais. Lavandera faz referência ao trabalho de G. Guy que apresenta as teorias sociais que podem ser mobilizadas na delimitação das variáveis extralinguísticas, e não concorda com o autor, sobre a compatibilidade entre a teoria marxista e a sociolinguística de Labov (LAVANDERA, [1988] 1992).

A linguista reflete sobre a seleção dos componentes do contexto, as vezes limitado à situação comunicativa imediata, podendo esta ser abordada de diferentes maneiras (a sociolinguística laboveana, a etnometodologia, os trabalhos de Gumpertz e Goffman). Segundo a linguista, o que diferencia estas formas de abordar o contexto linguístico não são os traços do contexto considerados, mas as hipóteses sobre a inter-relação entre linguagem e contexto e a prioridade dada ao componente social sobre o linguístico. A posição defendida é que os dois componentes devem ser conciliados.

Também, é problematizado o fato do contexto considerado ser social ou interpessoal. O primeiro corresponde ao estudo dos materiais linguísticos produzido no interior da estrutura social, considerando que a sociedade influi na variação e a variação linguística pode modificar a sociedade. Segundo a autora o contexto interpessoal é priorizado pela pragmática, pela análise da conversação e pela análise do discurso anglo-saxã, incluindo aspectos da psicolinguística como intenções, crenças, etc. “lo que caracteriza a estos enfoques es, precisamente, que ignoran la realidad social que estas estrategias reflejan, es decir la distribución del poder en la sociedad” (LAVANDERA, [1988] 1992, p. 25).

A autora elabora uma crítica à análise do discurso anglo-saxã em dois sentidos: 1) ora, analisa-se um texto escolhido asceticamente, eliminando a carga ideológica e isolada em relação à cadeia discursiva a que pertence; 2) ora, o analista se limita a exemplificar as propriedades dos discursos bem formados, exemplificadas em breves sequências de orações construídas artificialmente. Diante destas críticas, a linguista argentina posiciona-se na análise francesa do discurso:

Considero mucho más fructífero el análisis del discurso realizado fuera de la tradición anglo-sajona (puede encontrarse una buena revisión del enfoque marxista y la escuela francesa en Seidel, 1985). Esta tradición alternativa se inició hace cincuenta años con los trabajos de Voloshinov (1973) e Bakhtin (1981) (LAVANDERA, [1988] 1992, p. 26).

É definida a análise do discurso francesa segundo Seidel em “Political Discourse Analysis” (In: Van Dijk: *Handbook of discourse analysis*, 1985) e nos trabalhos de Ducrot. B. Lavandera conclui que as análises elaboradas pelos estudos anglo-saxões sobre intercâmbios verbais isolados correspondem somente a uma parte intermédia e necessária da análise global da linguagem em contexto. Para chegar a esta é preciso acrescentar: as relações que se estabelecem entre os discursos, analisar de que forma discursos diferentes internamente referem-se ao mesmo tema, as relações dialógicas que fazem com que os discursos dependam de um discurso precedente, e, por último, compreender como a função social é alterada pela ideologia (LAVANDERA, [1988] 1992).

A análise do discurso desenvolvida em Buenos Aires é mencionada em uma nota de rodapé: “En el Instituto de Lingüística de la Universidad de Buenos Aires nos encontramos

desarrollando en la actualidad un enfoque del discurso semejante al que acabo de reseñar” (LAVANDERA, [1988] 1992, p. 27). Também, no seu currículo, conservado no arquivo, consta a preparação de um volume coletivo que iria se intitular *Análisis del Discurso: La Escuela de Buenos Aires*. Neste projeto, infelizmente inconcluso, podemos inferir o intuito da autora de elaborar uma linha teórica genuína de Buenos Aires.

A preferência por uma análise do discurso que contemple o social de uma forma ampla é acentuada ao longo da carreira de Lavandera, como afirmam as suas próprias palavras, reproduzidas pelo texto de M. L. Pardo, E. Taugott e J. Rickford (2001, p. 8):

In 1991 a myocardium infart became the cause of a radical change in my line of research. We are linguists in context, and, unable to teach, I started devoting that part of my life to learning more about other areas of communication, and to bringing into question everything I had left unquestioned about my discipline. Three years later I had strengthened my old concern for the relations between discourse and ideology and their social embedment and had enlarged my concept of text so as to include image, hypertext, multimedia.

3.1.2 Lenguaje en Contexto

Outra publicação importante da época foi a revista *Lenguaje en Contexto* (1988), também liderada por Lavandera com o objetivo de difundir as novas tendências da Linguística e de divulgar as pesquisas que surgiam na América Latina. A proposta era realizar uma revista interdisciplinar publicada em espanhol e português sobre a linguagem em uso, com artigos nacionais e estrangeiros representativos das áreas de Pragmática, Análise do Discurso, Análise Conversacional, Etnografia da Fala, Sociolinguística e Neurolinguística (LAVANDERA, 1988, p. 1). Lavandera introduz a revista com grande impulso e engajamento no intuito de querer abrir as fronteiras e limites das disciplinas vinculadas à linguagem seguindo uma atitude interdisciplinar entendida como:

[...] propulsora de estímulo a investigaciones complementarias, extendidas en grupos compactos o densos, a través de continentes, proveedora de argumentos que hagan tambalear los prejuicios establecidos, que combatan las posiciones autoritarias en la ciencia, y que lleven a rechazar las actitudes etnocéntricas y culturalmente imperialistas. (LAVANDERA, 1988, p. 1)

Infelizmente, somente será publicado o primeiro número da revista com artigos de Van Dijk, Ducrot, Pardo, entre outros; com sessão para resenhas e outra seção para notas e notícias. E. N. de Arnoux participa na revisão desta Revista.

3.1.3 *Lengua, Lenguaje y Comunicación*

Nos anos 80, E. N. de Arnoux dirigiu a coleção de Hachette, *Lengua, Lenguaje y Comunicación*. Esta coleção tinha um propósito similar a *Lenguaje en Contexto* no sentido de publicar trabalhos produzidos na Argentina junto com traduções de textos europeus, alguns já publicados pela editora na França. Alguns títulos desta coleção são:

- Fuchs C.; Le Goffic, Introducción a la problemática de las corrientes lingüísticas contemporáneas
- Barrenechea A. M. de Rosetti M.; Freyre M. L.; Jiménez E.; Orecchia T.; Wolf C. Estudios lingüísticos y dialectológicos. Temas hispánicos
- Courtés J. Introducción a la semiótica narrativa y discursiva.
- Maingueneau D., Introducción a los métodos de análisis del discurso. Problemas y perspectivas;
- Delas D.; Filliolet J. Lingüística y poética
- Magariños de Morentín J. A. El signo. Las fuentes teóricas de la semiología: Saussure, Peirce y Morris
- Kerbrat-Orecchioni C., La connotación e La enunciación. De la subjetividad en el lenguaje;
- Récanati, F. La transparencia y la enunciación. Introducción a la Pragmática.
- Lavandera B., Variación y Significado;
- Ducrot O. El decir y lo dicho;
- Sini C. Semiótica y filosofía. Signo y lenguaje en Peirce – Nietzsche - Heidegger-Ricoeur - Levi-Strauss y Foucault.
- Masiello F. Lenguaje e ideología. Las escuelas de vanguardia.

A coleção funcionou desde o ano 1977 até o ano 2002 e permitiu a formação e atualização de muitos professores e pesquisadores. E. N. de Arnoux acrescenta que foi possível a publicação de alguns dos livros durante a época da ditadura:

La censura no intervino, probablemente por el peso de la editora francesa y porque se trataba de textos específicos en los que para comprender en algunos de ellos la posición ideológica se necesitaban conocimientos del área. Además, el abanico de temas y disciplinas abordados era muy amplio: Fonología, Gramática, Teoría literaria, Semiótica, Análisis del discurso, Crítica, Filosofía del lenguaje, etc. (ARNOUX, 2013).

3.1.4 *Signo y Seña*

O primeiro número da revista *Signo y Seña* data de novembro de 1992 e possui como título “Discurso/Historia”. Consiste em um número realizado com a participação de pesquisadores do Brasil “Os sentidos de cidadão no império e na República do Brasil” de E. Guimarães, “Un sentido positivo para el ciudadano brasileño” de E. Orlandi e “La lengua como metáfora de la nación” de S. M. Serrani. Também teve participação de pesquisadores de outras universidades da Argentina como D. T. Mozejko de Costa da Universidade Nacional de Córdoba “Variaciones en las relaciones intertextuales como extrategias de verosimilización” e N. E. Bouvet da Universidade Nacional de Rosario “La ‘traición a la Patria’ en el discurso francista”.

Nos artigos de C. Luis, E. Orlandi, E. Guimaraes, S. M. Serrani é abordada a construção da identidade nacional em relação aos processos de formação dos estados latino-americanos, gramatização, de constituição da língua nacional e do estabelecimento de dispositivos jurídicos e educativos.

O trabalho de E. N. de Arnoux e M. Santagarda consiste na análise de manuais didáticos de história para o ensino fundamental. As pesquisas elaboram uma reflexão sobre a história narrada nesses manuais, que respondem a uma memória oficial com a designação de heróis da pátria e legitimam determinadas formas de perceber a realidade social e os processos políticos. Trata-se de um saber histórico não-problemático, nem problematizado, o destinatário deve aceitá-lo sem discussão.

A.Raiter apresenta uma análise de uma entrevista televisiva em um programa argentino chamado *Tiempo Nuevo*, onde dois entrevistadores, um da “Juventud Pernonista” e outro da “Juventud Radical” interrogam Alsogaray, e o condutor do programa se mantém como suposto “observador imparcial”. O interessante deste artigo é que em contraste com os outros artigos da revista delinea-se o método do

grupo de Lavandera, dos cadernos do Instituto de Linguística. O autor pretende demostrar que partindo dos dados lingüísticos pode-se entender o contexto sociopolítico.

Las interacciones no son independientes del contexto sociopolítico, pero no necesitamos conocerlo previamente para analizarlas y este análisis puede ser una vía de entrada para el conocimiento del contexto (RAITER, 1992, p. 182).

Depois da descrição das interações lingüísticas dos participantes levando em conta as relações de poder e dos papeis desenvolvidos por cada participante, o autor relaciona a situação com o contexto sociopolítico.

Por último, encontra-se a tradução do artigo de D. Mالدیدیر “La inquietud del discurso. Un trayecto en la historia del análisis del discurso: el trabajo de M. Pêcheux”. Este trabalho é introduzido na apresentação do volume (ARNOUX; LUIS, 1992) como uma expectativa de continuar e de alguma fazer renascer a Análise do Discurso de M. Pêcheux.

El recorrido de la obra de M. Pêcheux, que hace Denise Mالدیدیر, cierra este número, pero con el propósito de abrir un espacio de teoría. En el examen de la trayectoria de Pêcheux reaparecen los instrumentos de análisis presentes, en distinta medida, en varios de los estudios que conforman este número y, por cierto, en una producción sustancial de trabajos en Análisis del Discurso. Aquí se los muestra en su inquietud, en una secuencia que deja ver su permanente depuración que entre nosotros comienza a recobrar fuerzas. (1992, p. 11, destaque original)

3.2 DISCIPLINAS

Neste subcapítulo serão abordadas as disciplinas pertencentes à grade curricular do curso de Letras. As grades curriculares constituem um modelo que divide os conteúdos do curso em áreas e disciplinas. Trata-se de um documento institucional que estabelece os objetivos, as exigências e a duração do curso. Pode ser atualizado para responder às novas exigências em

relação às demandas sociais ou mudanças na própria área. No sistema universitário argentino, as modificações da grade curricular devem ser aprovadas pela instância de co-governo da faculdade, o Conselho Diretivo (integrado por alunos, docentes, funcionários). Para nossa pesquisa, estes documentos nos informam sobre as matérias e o modo como era conformado o curso de Letras antes da normalização e depois do governo *de facto* na sua reforma em 1984.

Por meio das grades curriculares de Letras podemos identificar as matérias que incorporavam conteúdos em relação à AD. Na UBA, as novas grades curriculares dos cursos incorporaram o *Ciclo Básico Común* (CBC), que incluía duas matérias obrigatórias para toda a UBA (“Introducción al Pensamiento Científico” e “Introducción al conocimiento de la Sociedad y el Estado”) e quatro matérias específicas para o curso de Letras (“Economía”, “Filosofía”, “Sociología” e “Semiología”). Damos especial atenção a este primeiro ano introdutório que, já pelos nomes das disciplinas, mostra que pretende dar um conhecimento global sobre o “fazer ciência” e sobre a relação entre Estado e Sociedad. Ademais, identificamos uma proposta interdisciplinar que abrange muito mais do que aquilo que se encontra diretamente relacionado com a área de Letras.

Além de assumirem uma proposta geral interdisciplinar, o curso de Letras possuem no primeiro ano a disciplina “Elementos de semiología y análisis del discurso”, que continua atualmente integrando o CBC sob o nome de “Semiología”. A outra disciplina que será analisada a seguir é “Lingüística” que na reforma da grade curricular passa a ser uma disciplina do primeiro ano do curso de Letras, ua vez aprovado o primeiro ano comum (CBC).

Os programas das disciplinas são documentos oficiais que indicam determinados conhecimentos mínimos sobre uma disciplina. Estes podem ser atualizados a cada ano pelo professor titular da cátedra e existe “a liberdade de cátedra” para acrescentar conteúdos a critério do professor titular. Além de um documento institucional, entendemos o programa como um documento histórico que responde a determinadas condições de produção trazendo informação sobre o estado de uma disciplina no ano da validade do programa.

3.2.1 Elementos de Semiología y Análisis del Discurso

O programa (1985-1989) apresentava sete unidades: a) a comunicação (esquema de Jakobson, signo Saussure e Pierce, valor, código), a escrita e a língua falada; b) estruturas

estilísticas e retóricas, variedades, funções da linguagem, gêneros discursivos, a metáfora, o discurso poético; c) a enunciação, linguagem e ideologia; d) Polifonia, intertextualidade, discurso relatado; e) atos de fala; f) os implícitos, as pressuposições, e por último a unidade g) coesão e coerência, tema/rema. Cada unidade se encontra relacionada com a análise de um determinado gênero do discurso: por exemplo, na primeira unidade a página de jornal contrastando signo icônico e verbal, na segunda unidade o discurso poético - o anúncio publicitário, na terceira a crônica jornalística etc.

Os conteúdos se organizam em sete apostilas elaboradas por professores da cátedra: os professores E. Arnoux, Berta Zamudio de Molina e Daniel Romero. As apostilas foram publicadas internamente na *Facultad de Filosofía y Letras* sob o nome de “Curso Completo de Elementos de semiología y Análisis del Discurso”. Estas apostilas contêm textos teóricos resumidos e adaptados de linguistas europeus (Benveniste, Ducrot, Maingueneau, Barthes, Halliday, Hasan, Kerbrat-Orecchioni, Van Dijk, entre outros) e textos com finalidades práticas (principalmente jornalísticos, publicados na Argentina) para analisar durante o curso. Este material nos ajuda a pensar como era trabalhado o extenso conteúdo do programa da disciplina.

O objetivo da disciplina consiste em introduzir os alunos no conhecimento das diferentes linguagens e das categorias teóricas. Desta forma, são subministradas ferramentas conceptuais que permitam aos alunos analisar textos pertencentes a variados gêneros. Os campos disciplinares mobilizados para tal propósito foram: A teoria da enunciação, a Pragmática, a Sociosemiótica, a Linguística do Texto, a Retórica, a narratologia, e o que se constituía como a AD (Arnoux, 2013).

Los primeros cuadernillos fueron de gran circulación por toda Argentina y han llegado a diferentes países de Sudamérica. Mostraban de alguna forma cómo seguir después de la dictadura. Los cuadernillos se proponían no solo actualizar la enseñanza sino recuperar la memoria histórica. El material práctico para análisis mostraba diversos géneros que trataban sobre diferentes momentos históricos. Existía un claro proyecto político por comprender la realidad nacional y la realidad latinoamericana. El objetivo era recuperar una característica de la UBA que se había perdido con el proceso militar y que era un espíritu profundamente crítico y un compromiso militante de los docentes (entrevista a ARNOUX, 2013).

Realizamos a descrição das apostilas centrando-nos em três aspectos: 1) os temas teóricos abordados em relação à linguística e a interdisciplinaridade requerida; 2) os textos para a análise; 3) a relação com o contexto da época. Sintetizamos as unidades no quadro 3 (ver Anexos) para

poder visualizar globalmente a proposta da disciplina. O quadro é dividido em temas tratados geralmente a partir de autores europeus e os textos analisados que, na maioria, correspondem à realidade da Argentina dentro do contexto latino-americano.

a) A comunicação

A primeira unidade apresenta uma introdução sobre as teorias da comunicação e a semiologia de acordo com diferentes autores: ciência que estuda os signos da sociedade segundo F. Saussure, a semiologia da comunicação e semiologia da conotação segundo L. Prieto. São apresentadas as definições de signo/valor (Saussure), indício/sinal (L. Prieto) e do signo em Peirce. Expõe-se o esquema da comunicação (Jakobson), a dupla articulação semiótica e semântica da língua (E. Benveniste), as relações entre os sistemas semióticos e a faculdade metalinguística da língua. Os sistemas modelizantes primários e secundários são abordados segundo Lotman em “Semiótica de la cultura”, sendo a cultura organizada estruturalmente pela língua, sistema primário e as artes como sistemas secundários.

A abordagem da escrita é realizada por meio de diferentes autores: representação da palavra falada (Saussure), independente da cadeia falada e atuando em ausência desta (Kristeva), a escrita como poder ao longo da história (Levi-Strauss), na sociedade como marcadora de divisões sociais (J. L. Calvet).

Nesta unidade são apresentadas as características da página do jornal e das tirinhas. A leitura da página de jornal segundo J. Peytard, em “Lecture d’une ‘aire scripturale’ la page de journal” da revista *Langue Française* publicada em 1975 pode ser realizada de duas formas: a leitura das manchetes, na qual as conotações políticas são majoritárias, e a leitura dos artigos completos. Em base à “Semiologia” de Barthes são abordadas as funções da mensagem icônica em relação à mensagem verbal: a ancoragem que guia o leitor como uma nomenclatura impondo determinados sentidos, e o revezamento, sendo imagem e palavra complementárias. A leitura da fotografia é entendida como sendo sempre histórica; igual à língua podendo ser conotada. As características do desenho humorístico e das tirinhas são dadas por V. Morin e R. Gubern, P. e O. Steinberg.

É proposto aos alunos um exercício para confrontar diferentes jornais em função do uso das imagens fotográficas, das manchetes, das distintas seções do jornal, a função da tipografia, a

estruturação do texto jornalístico (a crônica, a entrevista, o comentário, o editorial), as agências (privadas e nacionais), espaço publicitário e espaço jornalístico.

b) Variedades

A segunda unidade propõe um trabalho sobre a língua enquanto diassistema (Coseriu) com as variedades diastráticas, diatópicas e diafásicas, e as variações de registros. A incorporação da variação na linguagem é tratada por Bourdieu como sendo do âmbito da sociologia, já que segundo ele os usos da língua reproduzem o sistema de diferenças sociais.

São abordados os diferentes usos da linguagem como é colocado por Halliday segundo a situação de comunicação e os papéis atribuídos na organização simbólica. Para desenvolver na prática estes tópicos é apresentada uma extensa lista de fragmentos pertencentes a diferentes gêneros: romances, contos e poemas da literatura argentina (por exemplo, “En la Sangre” de Eugenio Cambaceres, “Corso” de R. Walsh, “Torito” de J. Cortázar, com marcas da oralidade do espanhol argentino), literatura ibero-americana, recortes de jornais da atualidade (nota sobre Videla e a Copa de 1978, Ver Figura 1), entrevistas a escritores, textos extraídos de situações reais de comunicação (por exemplo, diálogo entre professora e aluno, diálogo dentro de um taxi, etc) (Ver quadro 3 anexo).

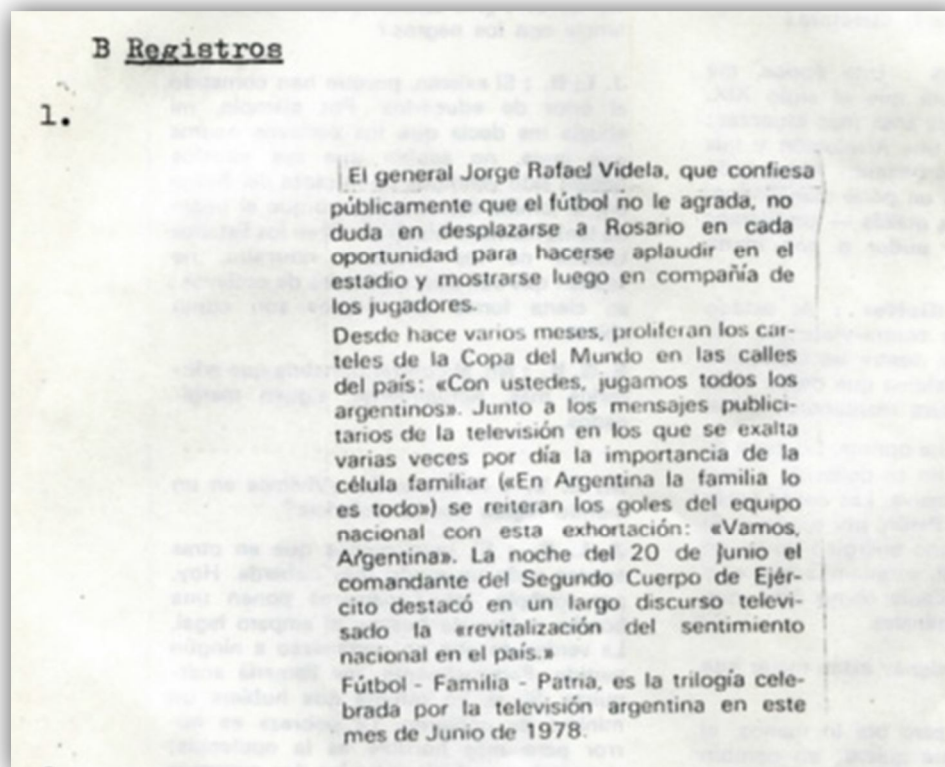


FIGURA 1 – Recorte de jornal sobre Videla e a Copa do Mundo de 1978

Os gêneros e a problemática da tipologia do discurso segundo Bakhtin e Van Dijk (“La ciencia del texto”) são trabalhados com muitos exemplos da literatura de diferentes gêneros incluídos dentro de romances (carta, diário, etc.). O esquema da comunicação e as funções da linguagem de Jakobson são abordadas em base à reformulação feita por Kerbrat-Orecchioni (“De la subjectivité dans le langage”, 1980). Pela mesma autora trabalham-se as noções de conotação e denotação (“La connotación, Buenos Aires, Hachette, 1983”) e segundo os autores Eco (“La estrutura ausente”, 1972) e Barthes (“La semiologia”, 1970).

Apresentam-se duas definições de competência linguística: segundo Lyons, (“Semantica”, 1980), como capacidade do falante de adequar o conjunto de regras da língua; e segundo Bourdieu (*Langue française*, “L’économie des échanges linguistiques”, 1977), como uma abstração da capacidade de produção linguística que não dá conta da competência prática. Segundo Bourdieu, a competência linguística não pode ser desvinculada da capacidade de produzir enunciados, da competência prática.

As figuras retóricas são apresentadas de acordo com Todorov e Van Dijk e com exercícios para identificar cada uma delas em slogans publicitário e políticos da época: “Radio América... todo un descubrimiento”, “Ahora Alfonsín”, “Con Luder y el escribano ganamos por afano”, “Sí a la familia, no al divorcio”, “Aerolíneas Argentinas gente con mundo”, “Ganar la paz”, “Alpargatas sí, libros no”, “Sacarina Bayer. La dulce dieta”, “Cámpora al gobierno, Perón al poder”, entre outros. Diferentes tipos de conotação são abordados partindo da definição de Kerbrat-Orrechioni (“La connotación”, 1983) como sentido sugerido que não é considerado pela linguística tradicional por estar além do léxico e das construções gramaticais, e as classificações de U. Eco (“La estructura ausente”, 1972) e Barthes (“La semiología”, 1970). O seguinte exercício em relação ao domínio britânico das Ilhas Malvinas era proposto aos alunos:



FIGURA 2 – Charge e exercício sobre conotação

A charge elabora uma crítica à ocupação britânica das Ilhas Malvinas conotando a guerra e uma posição em favor à Argentina.

A metáfora é definida em função da metonímia como é entendida na psicanálise (J. Le Galliot “Psicoanálisis y lenguajes literarios, Teoría y Práctica”, 1977). O texto de J. Le Galliot faz uma crítica à tradição de considerar a metáfora e a metonímia como simples instrumentos retóricos do escritor que os utilizaria conscientemente com uma perspectiva decorativa. Estas duas figuras também são apresentadas segundo Jakobson (Essais de linguistique générale, 1963), considerando-as como procedimentos que estão presentes em todo processo simbólico intrasubjetivo e social. A força argumentativa da metáfora (M. Le Guern, “Métaphore et Argumentation” 1981), o emprego polêmico destas conotando uma ideologia (M. Angenot, “La parole pamphlétaire”, 1982), o sistema conceitual humano definido pelo processo metafórico (Lakoff e Johnson, “Metaphore we live by” 1979) e a problematização da metáfora como recurso nos discursos científicos (J. Molino “Métaphores, modèles et analogies dans les sciences” *Langage*, 54, 1979) são todos temas tratados nesta unidade.

Na sequência, apresentam-se as particularidades do discurso poético seguindo três abordagens: a perspectiva estruturalista de Jakobson (“Poética y Lingüística”, 1960), enfatizando o processo de recepção de Rifaterre, a perspectiva semiótica e da teoria da informação de Lotman.

O discurso publicitário é caracterizado a partir da análise da retórica publicitária de U. Eco (“La estructura ausente”, 1972) e as análises das publicidades francesas de produtos de limpeza corporal e de carros elaborada por Barthes (Mitologías, 1980)

Em particular é abordado o cartaz político segundo a caracterização de A.A. Moles (“El afiche de la sociedade urbana” 1976) e da descrição da “Fotografía Electoral” de Barthes (Mitologías, 1980). Realiza-se uma análise de três cartazes do dia do trabalhador dos anos 1962 e 1974. São analisadas as mensagens icônicas em relação a linguagem verbal e associadas ao contexto da época. Por exemplo (Ver Figura 3):

El carácter tradicional del festejo del 1º de mayo, es desplazado y sustituido por la apelación a la lucha. Pero la convocatoria resulta mediatizada por el iconograma elegido, totalmente automatizado en la cultura dominante. Esto reproduce gráficamente una relación política que corresponde al contexto de emisión del afiche (el vandomismo). (ARNOUX, 1985)



FIGURA 3 – Cartaz da “Unión Obrera Metalúrgica”, 1962

c) Enunciação

A terceira unidade consiste no desenvolvimento das teorias enunciativas começando por Ducrot (“El decir y lo dicho”, 1984) que defende que a unidade de análise do linguista deve ser o enunciado, manifestação de uma oração, e a enunciação como acontecimento histórico, aparição momentânea; a oração não pode ser objeto da linguística, tratando-se esta de uma invenção da gramática. A definição da linguística da enunciação é dada segundo Kerbrat-Orecchioni (“La enunciación. De la subjetividad en el lenguaje”, 1980) tendo como objetivo a descrição das relações entre o enunciado e os elementos do quadro enunciativo. Acrescenta-se a definição de Perret (“L’énunciation en tant que déictisation et modalisation”, Langages, 1983) como teoria do discurso que consiste em uma teoria da instância da enunciação baseada em duas metodologias: a deitização e a modalização. Adiciona-se o aparato formal da enunciação de Benveniste (Problèmes de linguistique générale, 1974), seguida da descrição dos dêiticos, as pessoas do discurso, o uso dos tempos verbais e modalizações com observações e aprofundamentos de D. Maingueneau (Approche de l’énunciation en linguistique française, 1981 e “Introducción a los métodos del análisis del discurso”, 1980) e D. Perret (“Les appellatifs”, 1970).

O discurso narrativo, o discurso histórico e a crônica jornalística são o foco desta unidade. O primeiro é caracterizado segundo G. Genette (“Discours du récit”, 1972), T. Todorov (“Les

categories du récit” en *Communication*, 1966), M. Bal (“Teoría de la narrativa”, 1985), e R. Barthes (“El efecto de la realidad” en *Lo verosímil*, 1970).

A crônica¹³ jornalística é descrita levando em consideração os aspectos ideológicos que são transmitidos nesta, apesar de pretender ser uma descrição em aparência “neutra” (J.-F. Lyotard, *Des dispositifs pulsionels*, 1975, D. Maldidier e R. Robin, “Du spectacle au meurtre de l’événement” In: *A eles*, 1976, T. Trew, “Teoría e ideologia en acción” e “Lo que dicen los periódicos’ variación lingüística y diferencia ideológica” In: *Lenguaje y control*, 1983). Na parte prática são analisadas diferentes crônicas, de distintos jornais argentinos, sobre um mesmo acontecimento: o apoio dos cidadãos à recuperação das ilhas Malvinas na Plaza de Mayo (2/4/1982) (Ver Figura 4). Nestas crônicas encontra-se citado ou mencionado o discurso de Galtieri, então presidente de fato, pronunciado nesse mesmo dia. O exercício consiste em comparar os títulos, argumentos, segmentos de narração, participantes e processos e comentar nas crônicas as modalidades e funções das descrições. Acreditamos que o exercício coloca uma discussão importante e engajada sobre uma guerra que acabava de acontecer e a poucos meses do governo ditatorial que produz essa guerra.

¹³ A crônica jornalística na Argentina é considerada como gênero que relata e descreve acontecimentos ligados a uma notícia, diferente da crônica no sentido que se utiliza no Brasil, como gênero literário e relato ficcional.

3.2.2.2. LA PRENSA (3/4/1982)

Desde temprano las calles mostraron mucha animación

Banderas argentinas flameando, enarboladas por brazos de edificios públicos y privados: cánticos en apoyo de la recuperación de las islas Malvinas, u hostiles a la actitud

británica: vivas a la Patria. Espasmos a todo uniformado que representara a las Fuerzas Armadas. Fueron las demostraciones de euforia que se observaron desde las primeras horas de ayer en toda

la ciudad, pero especialmente en la zona céntrica y, en particular, frente a la Casa Rosada y en la plaza de Mayo.

A medida que pasaron las horas a esas primeras mani-

festaciones se fueron agregando las que realizan las personas, que en gran número comenzaron a acercarse a la plaza de Mayo, con banderas y cánticos. —Rápidamente (Cont. en pág. 8, col. 1)

(Viene de pág. 1, col. 8)

improvisados—, escarapelas en sus solapas, o cintas—que poco después comenzaron a exhibir avisados vendedores—uno de los concurrentes los exhortó, en tono irónico: "por qué no las regalamos", al recordar lo ocurrido en el mismo lugar durante la Revolución de Mayo.

Al tiempo que el público fue ocupando la plaza de Mayo y tomó posiciones ante la Casa de Gobierno, los vehículos que circulaban por la zona comenzaron a hacer sonar sus bocinas, con ese rítmico son, que habitualmente atruena la ciudad cuando se sucede un importante evento deportivo. —Buena, —dijo el Campeón Mundial de Fútbol en 1978—, "en antenas y ventanillas flameaban enseñas argentinas".

Estribillos y vivas se repitieron entre los grupos más animados, mientras que otra personas, también en gran

número, se detenían en las aceras para expresar su táctica adhesión, quizás con mayor timidez y recato, pero con signos inequívocos de aprobación y adhesión en sus rostros.

En un momento, el ministro del Interior general de División Alfredo Oscar Castelli, se asomó a uno de los balcones de la Casa Rosada y las personas reunidas o rompieron en sostenidos aplausos, acompañados por gritos de "Argentina... Argentina". El militar alzó sus brazos, en gesto de saludo, y regresó al interior del despacho. Minutos más tarde, en la acera de la Casa de Gobierno, conversó con algunos periodistas presentes—declaraciones que damos aparte—y dialogó con algunos ciudad-

danos, a quien estrechó la mano, en tanto respondía a sus requerimientos.

Insólita caravana

Poco a poco centenares de personas se fueron apiñando ante el asiento de las autoridades nacionales, mientras personal policial—en actitud de franca adhesión con los manifestantes—se dedicó a ordenar el tránsito y cortó la circulación de vehículos por la calle Balcarce, y dejó amplia libertad de acción a las personas que se acercaban.

Minutos antes de las 11, avanzó una insólita caravana por Hipólito Yrigoyen, rumbo a la plaza de Mayo, integrada por los camiones que habitualmente realizan la recolección de residuos, ocupados por obreros municipales. En los laterales de las unidades, se habían pintado con letras blancas consignas que significaban una rotunda aprobación a la ocupación militar de las islas Malvinas.

A medida que transcurrían las horas, la cantidad de público que se acercaba a la plaza de Mayo era mayor y se ubicados ante la Casa Rosada entonaron en repetidas ocasiones el Himno Nacional, cuyo final fue saludado, inviolablemente, con casi frenéticos aplausos.

Asimismo, los grupos más juveniles expresaban sus alborozo con cánticos de distinto tono—algunos, irreproducibles, acerca del destino del submarino inglés de propulsión atómica—, y otros, jocosos y con historia futbolística, como "El que no salta es un inglés", o "Mandarina", en las Malvinas ya flamea la bandera argentina". En otros sectores

—Si bien la repercusión má-

yor del acontecimiento histórico se daba en la plaza central de la ciudad, en los restantes sectores gradualmente se repitió la manifestación de patriotismo, y balcones de edificios privados y oficiales comenzaron a colocarse enseñas nacionales.

Desde distintos puntos, los habitantes de la ciudad, en buen número, comenzaron a dirigirse a la plaza de Mayo, y al promediar el día buena parte de su capacidad se fue colmando, inclusive, de alumnos de distintos establecimientos educativos cercanos, que agregaron el blanco color de sus guardapolvos a los grupos que exteriorizaban su alegría.

Frente a las pizarras

Las pizarras del diario "La Prensa", comenzaron a informar desde temprana hora sobre la marcha de los acontecimientos y, su ubicación cercana al centro de reunión, las transformó en permanente foco de atención de peatones e interesados en conocer las últimas noticias, que fueron preparadas y colocadas inmediatamente.

Ese flujo de información no sólo sirvió para que se conocieran los hechos que sucedían en las Malvinas, también dio origen a los más diferentes y contrapuestos comentarios.

Por supuesto que la mayoría de los reunidos expresaba su seguridad de que el país mantendría la ocupación realizada—y parecía la manifestación verbal de un anhelo largo tiempo contenido y, a la vez, una sincera

expresión de deseos—; otros, sin duda opositores al gobierno, pretendían encontrar una "acción orquestada para acallar las quejas sobre la reali-

dad". Esos comentarios eran, siempre, categóricamente rebatidos: "Esto es una cosa, y lo que usted dice es otra. Ahora todos adherimos a la recuperación de las Malvinas, un deseo de argentinos. Lo otro los discutiremos a su tiempo".

No faltaban quienes afirmaban que "esto se debió hacer antes, hace años", y un nuevo debate estaba en marcha.

Tampoco faltaron los aporreadores: "Ahora festejamos, pero cuando lleguen los submarinos de propulsión atómica, veremos qué pasa"; algunas versiones indicaban que "un importante número de unidades navales británicas avanzan hacia el Atlántico Sur", y otra especie que "Estados Unidos habría pedido a la Argentina que retirara sus tropas de las islas".

Estas versiones perdían fuerza ante la concurrencia que aumentaba a cada instante, y a la cual se sumaban quienes se dirigían o salían de sus trabajos y aquellos que realizaban distintas diligencias.

La sirena

A todo esto se aguardaba el discurso del presidente de la Nación, teniente general Leopoldo Fortunato Galtieri, quien a las 14.30 comenzó a pronunciar su mensaje, que finalizó a las 14.45.

En ese instante fue puesta en marcha la tradicional sirena de "La Prensa", cuyo estridente sonido se escuchó siempre que un excepcional acontecimiento nacional lo hace adecuado.

El poderoso ulular del instrumento, con su variedad de emotivos tonos, que van de lo grave a lo agudo, sin solución de continuidad, hicieron que las cabezas de las personas ubicadas por toda la plaza de Mayo se volvieran hacia su ubicación—adyacente a la

FIGURA 4 – Crônica Jornalística sobre a comemoração da ocupação argentina das Ilhas Malvinas

A descrição do discurso histórico aponta à problematização da escrita da história segundo a objetividade dos fatos relatados e assinalando sua semelhança ao discurso narrativo ficcional (R. Barthes “El discurso de la historia”, In: *Estructuralismo y Lingüística*, 1970). Esta ideia é reforçada por W. Hayden que defende que a coerência histórica deve ser estudada no ato poético (entendido como prefigurações conceptuais dos eventos do passado) e especificamente linguístico (“The poetics of History”, *Metahistory*, 1973). Em base nesses autores os discursos históricos correspondentes a três acontecimentos da história argentina são analisados: “La vuelta de Obligado”, e a destituição de dois presidentes democráticos, H. Yrigoyen e J. D. Perón.

Os acontecimentos são relatados desde diferentes espaços, por exemplo, “La vuelta de Obligado”¹⁴ apresenta-se segundo os manuais didáticos de ensino médio (Astolfi, J. *Historia para 3er año*, 1981; Miretzky, Royo e Salluzzni, *Historia 3*, Bs As, 1981), e uma ilustração composta por várias tirinhas (J. Limura) (Ver figura 5).

A destituição de Yrigoyen pelo golpe militar de Uriburu de 1930 é narrada segundo o livro didático (Ibañez, *Historia III*, 1985), e dois outros relatos presentes em livros de história: Rosa, J. *Historia Argentina* vol. 9 (Ver Figura 6), e Galvez, M. *Vida de Hipólito Yrigoyen*, 1951.

O terceiro acontecimento tratado é a destituição de Perón de 1955, depois dos bombardeios da Plaza de Mayo. Resultará na implantação do governo de fato de Aramburu no período chamado “La Revolución Libertadora”. Os fatos são descritos pelo livro didático de Ibáñez e por diferentes relatos com diferentes posturas ideológicas: de Bidart Campos, (*Historia política y constitucional argentina*, 1967), G. Levene (*Historia Argentina*. 1969), de Ramos, J. “El “moralismo” de la clase media” (*Revolución y Contra-revolución*, 1961) e Peña M. “El régimen peronista se desvanece sin combate y sin honor” (In: *Masas, caudillos y elites*, 1971). Neste último, por exemplo, a posição política-ideológica aparece explícita reprovando a atitude pacífica de Perón diante do levantamento militar: “Perón no se hacía presente, ni tampoco la CGT, que recién dio señales de vida dos días después del estallido del putch, para pedir a los obreros que guardaran la mayor calma” (PEÑA apud ARNOUX, 1986, p. 124).

¹⁴ O conflito de Obligado datado em 1845 foi em resposta aos bloqueios do Rio da Prata por parte das potências francesa e inglesa. Estas se negavam a pagar impostos para poder comercializar suas mercadorias. O historiador O'Donnell escreve que, como tinha dito naquela época San Martín, tratava-se de uma segunda guerra de independência, já que o conflito se origina por uma imposição da Inglaterra e a França em proveito de seus interesses (O'DONNELL, 2013).

"LA VUELTA DE OBLIGADO"

LO ÚLTIMO QUE VIO EL GENERAL MANSILLA AL CAER HERIDO POR UNA DESCARGA DE METRALLA, FUE A SUS HOMBRES LUCHANDO CON BRAVURA PARA IMPEDIR QUE LOS INFANTES DE MARINA INGLESES Y FRANCESES TOMARAN LAS FORTIFICACIONES ARGENTINAS. CONCLUYAN ASI OCHO HORAS DE FERAZ COMBATE CON LA COSTOSA VICTORIA DE LA PODEROSA FLETA ANGLO-FRANCESA, COMPUESTA POR ONCE BUQUES DE GUERRA, QUE SERVIAN DE PROTECCION A UN CONVOY DE NOVENTA BUQUES MERCANTES.



ESTOS IBAN REPLETOS DE MERCANCIAS DESTINADAS A LOS PUERTOS DE CORRIENTES, ENTRE RIOS Y PARAGUAY. LOS NAVIOS MERCANTES NO ERAN SOLO INGLESES Y FRANCESES, HABIA TAMBIEN NORTEAMERICANOS, SARDOS, HAMBURGUESES Y DINAMARQUESES. LA BATALLA PRODUJO 150 BAJAS ENTRE LOS INVASORES Y SE NECESITARON 40 DIAS PARA REPARAR LOS DAÑOS. LA EXPEDICION DESPUES DE ESTO SE REDUJO A 52 MERCANTES Y FUE UN FRACASO COMERCIAL.



PERO ESTA HISTORIA COMIENZA EN INGLATERRA. VEAMOS QUE DICEN ESTOS DOS CABALLEROS, ¡LOCUENTES REPRESENTANTES DEL PENSAMIENTO "LIBRE-AMBISTA"!



NUESTRAS FABRICAS PRODUCEN MUCHO MAS DE LO QUE CONSUMIMOS EN INGLATERRA. ¿ES NECESARIO "CONSUMIR" MAS Y MENOS?

¡MUY BIEN DICHO LORD BROUGHAM! DEBEMOS IMPONER EL DERECHO DE VENDER DONDE MAS NOS CONVENGA, DE ACUERDO A NUESTRA SAGRADA DOCTRINA DEL "LIBRE COMERCIO". Y SI ALGUIEN SE OPONE A NUESTRAS RAZONES, TENDRA QUE VERSELA CON NUESTROS MODERNOS CAÑONES.



Los metodos artesanales



Hasta hace 200 años la fabricación de las cosas que el hombre necesitaba se realizaba con métodos artesanales y en pequeños talleres: los tejidos, objetos y herramientas se hacían a mano y con ayuda de instrumentos más o menos primitivos.

La revolución industrial



Hacia 1750, en Inglaterra aparecen las fábricas, donde se trabaja con máquinas y se puede hacer en poco tiempo una cantidad de cosas mucho mayor que con los métodos artesanales. Esto cambió la vida del mundo, y se conoce con el nombre de Revolución Industrial.

La acumulación de capital



Para trabajar con unas pocas herramientas, o tener un pequeño taller, no hace falta mucho dinero. Pero para instalar una fábrica se hace falta, es necesario haber acumulado ese capital.

La riqueza de Inglaterra



Inglaterra pudo desarrollar su industria gracias a las riquezas que había reunido, entre otras cosas, con la compra y venta de esclavos negros y con los saqueos de sus colonias a los barcos que llevaban oro y plata de América a Europa.

FIGURA 5 – "La vuelta de Obligado" de J. Limura

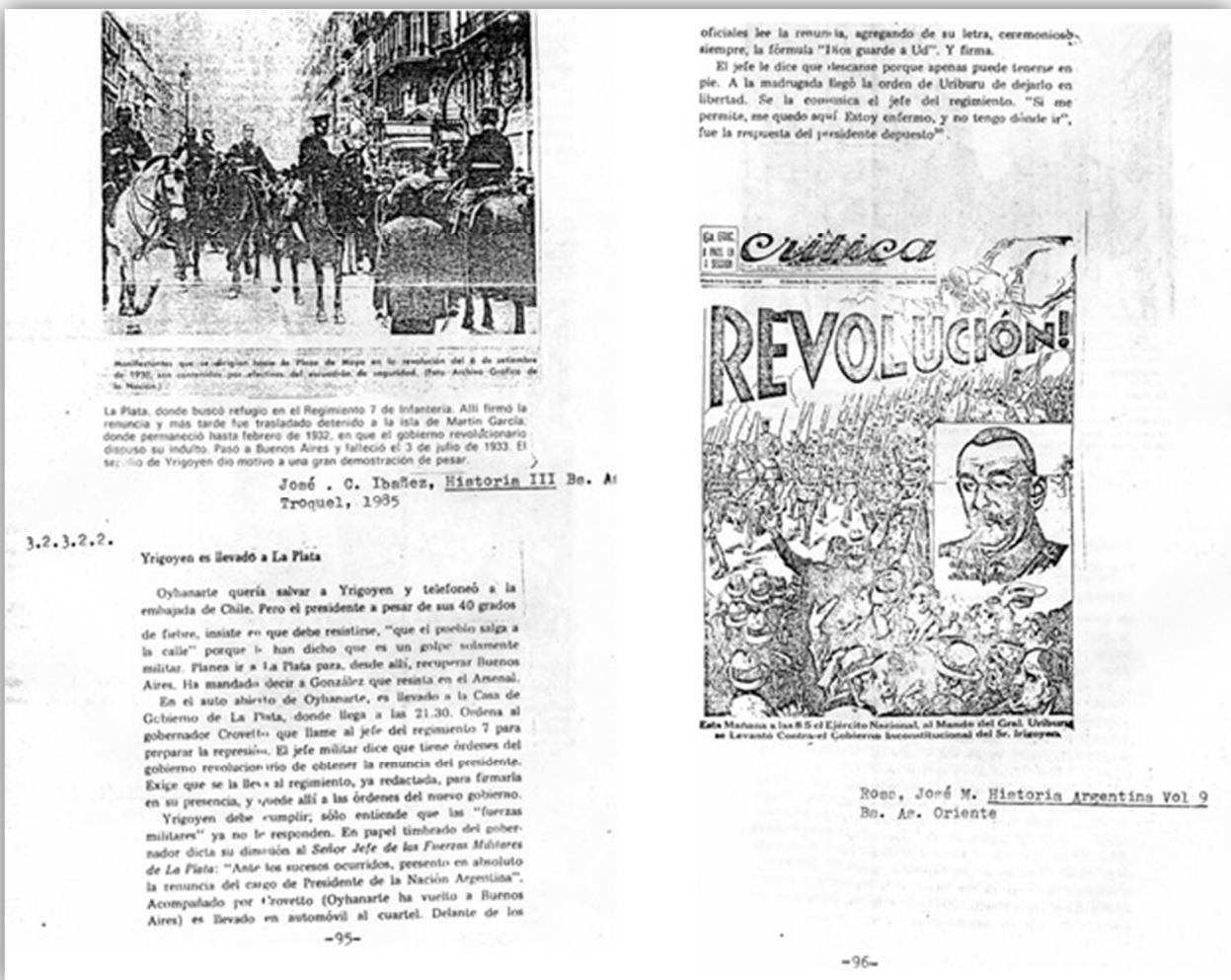


FIGURA 6 – Relato sobre a destituição de H. Yrigoyen

Devemos destacar que estes três momentos marcaram fortemente a história argentina. O primeiro conflito trata-se de um abuso de poder pelas potências estrangeiras francesas e inglesas, o segundo consistiu num golpe de estado a um governo radical, que marcará o começo de uma sucessão de golpes até 1976, e o terceiro trata-se da destituição de um governo peronista, que resultará na proibição do peronismo por 18 anos. O estudo destes acontecimentos implica uma releitura da história desde diferentes narrativas, diferentes versões da história, que representam um grande engajamento político e ideológico por parte da proposta da cátedra.

Outro tema abordado por esta unidade é a noção de ideologia definida segundo diferentes autores – Marx, Mannheim, Lenin- contrastada com as noções de crença, visão do mundo,

religião como figura no *Dictionnaire critique de sociologie* (R. Boudon e F. Bourricaud, 1984). É aprofundada a visão marxista da ideologia através de uma adaptação e tradução das obras de R. Robin (1973), *Histoire et linguistique*, e de R. Robin com C. Normand da revista *Langue française*, “Discours et idéologie: quelques bases pour une recherche”(1972). A ideologia é definida dentro do materialismo histórico e desenvolve-se a proposta de Althusser para introduzir os conceitos de formação ideológica e formação discursiva de Pêcheux. Por último, propõem-se duas linhas de pesquisa que colocam a linguística e o tratamento dos discursos em uma posição central.

Por una parte, la localización de las huellas de la ideología en el discurso a nivel de los juicios explícitos, racionalizaciones, normas interiorizadas, valores, modalizaciones, [...] Estos mecanismos de aserción remiten al sujeto de enunciación. Por otra parte, el reconocimiento de las huellas de los sistemas de representaciones en el nivel de lo preconstruido (construcción anterior, exterior, independiente, por oposición a lo que es construido en la enunciación): imágenes de la realidad, objetos, evidencias empíricas. Los elementos lingüísticos portadores de lo preconstruido son principalmente las nominalizaciones y las proposiciones relativas. (Adapt. de R. Robin ; C. Normand. Em: E. Arnoux, 1992)

Enfim, sobre a ideologia apresenta-se o conceito na Semiologia proposta por E. Verón publicada na revista francesa *Communication* “Sémiosis de l'idéologie et du pouvoir” (1978, tradução ao espanhol na revista *Espacios* de 1984).

d) Polifonia

A quarta unidade trabalha com os conceitos de polifonia, intertextualidade, enunciados relatados, as citações, a transtextualidade e a arquitextualidade definidos em uma adaptação elaborada pela cátedra com exemplos de textos de circulação na Argentina. A polifonia é definida em base a literatura como, por exemplo, isotopia estilística: ruptura ou contraste que marca a voz do outro instaurando uma conotação e uma apreensão ideológica de uma outra língua ou variedade. A intertextualidade como combinação, cita ou alusão de outros textos em um enunciado é exemplificada desta forma:

Así muchos textos contemporáneos integran mensajes publicitarios o consignas políticas difundidos por los medios de comunicación de masas.

Cambalache 1982, por ejemplo, de Osvaldo Rossler, se va armando a partir de los títulos de programas televisivos y de los “slogans” más comunes en la Argentina de la guerra de las Malvinas: “Argentina en video, en caos, en salsa./ Se perdió una batalla, no la guerra./ Pero eso sí, con muchos asesores./ con mundial campeonato por el medio/ con 60 minutos de noticias/ con Argentinos a vencer en coro...” (ARNOUX, 1986, p. 4)

O discurso relatado direto/indireto é definido nos termos de Voloshinov (Signo ideológico y filosofía del lenguaje, 1930). O primeiro remete a um outro discurso com fidelidade e o discurso indireto supõe uma interpretação do enunciado: “Al hacerse cargo del discurso citado, al integrarlo al suyo, el hablante se muestra, poniendo de manifiesto sus posiciones ideológicas o afectivas” (ARNOUX, 1986, p. 5). Isto é exemplificado com trechos do discurso jornalístico mostrando que ao integrar um discurso relatado o falante manifesta suas posições ideológicas.

Para abordagem da polifonia foi adaptado, com exemplos do espanhol, o trabalho sobre os provérbios de A. Gresillen e D. Maingueneau (“Polyphonie, proverbe et détournement”, *Langage*, 1984), destacando a “impessoalidade” do provérbio sendo de “todos os outros” e não de uma pessoa em particular.

A dimensão dialógica do discurso argumentativo, trazer a voz do outro para persuadir é exemplificada no discurso político de Alfonsín retomando as palavras do público:

Vamos a hacer el país que nos merecemos y lo vamos a poder hacer no por obra y gracia de los gobernantes iluminados sino por esto que esta plaza está cantando, porque el pueblo unido jamás será vencido (10/12/1983).

O discurso polêmico é descrito com as características semânticas pragmáticas e retóricas e pelos processos de desqualificação e de argumentação definidas por C. Kerbrat-Orecchioni (La polémique et ses définitions, In: *Le discours polémique*, 1980). O discurso polêmico tem proximidade ao mesmo tempo com o discurso político - segundo E. Verón, tem uma tendência a anular a voz do outro, apresenta uma vocação ao totalitarismo- e com o discurso científico – segundo Barthes, o propriamente científico é a destruição da ciência anterior.

Acrescenta-se a definição de M. Angenot do discurso polêmico comparado com o satírico e o discurso pamfletário e as técnicas retóricas de refutação. (*La parole pamphlétaire*, 1982 e *Ideologie/Collage/dialogisme In : Revue d'Esthétique*, 1976).

Os discursos polêmicos para análise são: 1) um fragmento do livro *El antimperialismo y el APRA*¹⁵ (1928) no qual o autor, Haya de la Torre, defende que os países Indoamericanos devem controlar o ingresso dos capitais estrangeiros; 2) o ensaio de Roberto Arlt “El idioma de los Argentinos” (1933) assemelha a gramática ao boxe para defender a variedade argentina do espanhol; e 3) um fragmento do *Facundo* de D. Sarmiento, o diálogo polêmico instaurado pela obra “Vidas de Muertos ” de I. Azoategui; entre outros.

e) Atos de Fala

Os atos de fala são trabalhados a partir das teorizações de J. Austin, F. Récanati e J. Searle. Além da visão da pragmática acrescenta-se: a abordagem da linguística textual de Van Dijk (*La ciencia del texto*, 1983), o enfoque sócio-semiótico de M. de Formel (“Légitimité et actes de langage”, 1983), sociológico segundo P. Bourdieu (“Le langage autorisé: les conditions sociales de l’efficacité du discours rituel”, 1982), e materialista histórico de D. Slakta (“Essai pour Austin”, *Langue Française*, 1974).

Formel divide os atos ilocutórios em instituídos e intencionais. Os primeiros para ser efetivos devem estar enquadrados em uma instituição desta forma possuem um poder simbólico convencionalmente assignado e com um registro oficial. Bourdieu também acentua que o poder performativo de um enunciado reside nas condições institucionais de sua produção e recepção e no reconhecimento da língua legítima. Contrariamente ao proposto por Austin, o poder dos rituais sociais não se encontra nos discursos e seus conteúdos, mas no sistema de relações sociais que os constituem. Slakta reformula a teoria dos atos de Searle em base às duas teses althusserianas – a interpelação do indivíduo em sujeito e a existência da prática pela ideologia. O resultado é que o ato do discurso é substituído pelas práticas discursivas. Desta forma, Slakta

¹⁵ “Alianza Popular Revolucionaria Americana” (APRA) criada por Victor Raúl Haya de la Torre em 1931 no Peru, movimento liderado pelas classes médias intelectuais aspirava à solidariedade latino-americana, ao antimperialismo, na sua versão antinorteamericana (BUCHBINDER, 2010).

defende que uma teoria da linguagem não estaria inscrita em uma teoria da ação, mas em uma ciência da ideologia.

Um dos exercícios proposto consiste identificar os atos de fala contidos em discursos de J. D. Perón (1973), no testamento de J. San Martín, no preâmbulo da constituição argentina, no discurso de Alfonsín ao assumir o governo (dezembro, 1983), fragmentos de peça de teatro “La isla desierta” de R. Arlt, “La patota” de C. M. Macheco, “Noche de epifanía” de Shakespeare, entrevistas de rádio, o regulamento do jogo de cartas “truco” com citas de J. L. Borges por E. Carriego, entre outros.

Nesta unidade é analisado o manifesto como gênero do discurso. Este é introduzido pela teoria de P. Bourdieu da relação entre linguagem e ação política (*Ce que parler veut dire*, 1982). As definições de manifesto são dadas por C. Abastado (“Introduction de l’analyse du manifeste”) e S. Yahalon (“Constantes fonctionnelles du discours-manifeste”) na mesma revista francesa *Littérature* publicada em 1980 sobre o manifesto. Na adaptação destas obras no material didático é analisado o manifesto limiar da Reforma Universitária¹⁶ (Ver Figura 7), “1. La juventud universitaria de Córdoba a los hombres libres de Sudamérica”, de 1918 e um fragmento do Manifesto de Hidalgo (México, 1810). Algumas das características destes dois manifestos: o inimigo é identificado com termos desvalorizadores, a ironia e o sarcasmo para desvalorizar a palavra do outro, figuras que remetem ao campo das emoções, etc. Os dois manifestos escolhidos têm o mesmo destinatário “hombres libres de sudamérica”, “americanos”, e destes exige tomar uma posição “Abrid los ojos, americanos”, “Recojamos la lección, compañeros de toda América”.

Outros manifestos são anexados para a análise: o manifesto comunista, o segundo manifesto do surrealismo, o manifesto da revista argentina “Martín Fierro”, etc.

¹⁶ Os estudantes denunciavam o atraso científico da Universidade de Córdoba e a submissão a um catolicismo ortodoxo e intransigente. Os reclamos estudantis, manifestações e greves resultaram na Reforma Universitária de 1918 que formulou um novo regulamento universitário que integrava, entre outras modificações, os estudantes como membros do governo das universidades e a participação dos mesmos nos concursos dos professores (BUCHBINDER, 2010).

1. LA JUVENTUD UNIVERSITARIA DE CORDOBA A LOS HOMBRES LIBRES DE SUDAMERICA*

Hombres de una República libre, acabamos de romper la última cadena que, en pleno siglo XX, nos ataba a la antigua dominación monárquica y monástica. Hemos resuelto llamar a todas las cosas por el nombre que tienen. Córdoba se redime. Desde hoy contamos para el país una vergüenza menos y una libertad más. Los dolores que quedan son las libertades que faltan. Creemos no equivocarnos, las resonancias del corazón nos lo advierten: estamos pisando sobre una revolución, estamos viviendo una hora americana.

La rebeldía estalla en Córdoba y es violenta porque aquí los tiranos se habían ensoberbecido y era necesario borrar para siempre el recuerdo de los contrarrevolucionarios de Mayo. Las universidades han sido hasta aquí el refugio secular de los mediocres, la renta de los ignorantes, la hospitalización segura de los inválidos y —lo que es peor aún— el lugar en donde todas las formas de tiranizar y de insensibilizar hallaron la cátedra que las dictara. Las universidades han llegado a ser así fiel reflejo de estas sociedades decadentes que se empeñan en ofrecer el triste espectáculo de una inmovilidad senil. Por eso es que la ciencia frente a estas casas mudas y cerradas, pasa silenciosa o entra mutilada y grotesca al servicio burocrático. Cuando en un raptó fugaz abre sus puertas a los altos espíritus es para arrepentirse luego y hacerles imposible la vida en su recinto. Por eso es que, dentro de semejante régimen, las fuerzas naturales llevan a mediocrizar la enseñanza, y el ensanchamiento vital de los organismos universitarios no es el fruto del desarrollo orgánico, sino el aliento de la periodicidad revolucionaria.

Nuestro régimen universitario —aun el más reciente— es anacrónico. Está fundado sobre una especie de dere-

* El célebre *Manifiesto Liminar*, aparecido en Córdoba el 21 de junio de 1918 y que lleva las firmas de los miembros de la mesa directiva de la F.U.C., fue íntegramente redactado por Deodoro Roca. Se dice que elaboró el contenido de la segunda parte, con Emilio Biagosch.

FIGURA 7 – Manifiesto Limiar da Reforma Universitária

f) Implícitos

Partindo dos postulados de Ducrot (*El decir y lo dicho*, 1982) são abordadas as temáticas sobre pressuposição e subentendido. O autor assinala que uma semântica que se limite somente ao explícito seria completamente artificial, tornaria o discurso incompreensível, já que deixaria de lado um dos traços mais fundamentais da língua: permitir aos interlocutores estabelecer uma rede de relações implícitas. Segundo Arnoux (1986), levar em conta os implícitos implica se interrogar sobre o contexto extra-linguístico e sobre a noção de sujeito e para tal propósito é preciso acudir à interdisciplinaridade, por exemplo, à teoria das ideologias e à psicanálise.

Os implícitos são abordados da perspectiva das estratégias comunicativas: incidência da situação de comunicação e dos saberes na constituição semântica dos enunciados, as hipóteses do alocutário para reconstruir a intenção ilocutória e as pressuposições. É proporcionada a classificação de P. Strawson (Phrase et acte de parole, *Langage*, 1970) sobre a significação linguística, referencial e uma significação completa. A importância do contexto é apresentada segundo as noções de relações dialéticas e ideologia de Voloshinov (“Le discours dans la vie et le discours dans la poésie” In: Todorov, M. *Bakhtin, le prince dialogique. Écrits du cercle de Bakhtine*, 1981). Os subentendidos são pensados em relação às leis do discurso de Ducrot e às máximas conversacionais e princípio cooperativo de Grice (“Logic and Conversation” In: *Syntax and semantics 3. Speech Acts*, 1975). A visão de U. Eco complementa esta abordagem da atividade interpretativa partindo da concepção de que os textos estão infestados de espaços em branco, de interstícios que devem ser preenchidos. No material prático, os subentendidos são trabalhados em base a textos correspondentes a uma sessão de deputados dos dias 13 e 14 de maio de 1986.

O conceito de pressuposto apresenta-se como o já sabido que se encontra fora da linha de argumentação do discurso, não é objeto de discussão. Este permite ao enunciador estratégias comunicativas com diferentes efeitos de sentido. O estudo dos pressupostos é concebido como um dos principais interesses da Análise do Discurso (Arnoux, 1986). A pressuposição é abordada segundo os critérios clássicos e os aportes de Ducrot. São apresentados diferentes mecanismos linguísticos que permitem delimitá-la: as descrições definidas, as nominalizações, as relativas apositivas, as perguntas parciais, as orações com foco em uma unidade sintática particular, as

construções comparativas, os predicados com verbos, condicionais, aspectuais, etc. Também é acrescentado o enfoque da gramática textual no tocante às suposições e pressuposições segundo S. Schmidt (*Teoría del texto*, 1971).

O material prático para analisar as pressuposições e a transgressão das máximas conversacionais é composto de uma entrevista do jornal *Clarín* a E. Iglesias, testemunho em um julgamento por uma das causas de terrorismo do Estado de um ex-militar da Marinha que teve atuação na repressão da ditadura (Ver FIGURA 8).

Aplicar al siguiente diálogo el Principio de Cooperación de Grice, y determinar en qué casos se violan las máximas conversacionales.

Parco y evasivo testimonio de un ex oficial de Marina

El teniente de fragata (RE) Jorge Carlos Radice, quien se retiró de la Armada en 1979 luego de su paso por el grupo de tareas 3.3 de la Escuela de Mecánica (ESMA), solo admitió ayer ante la Cámara Federal que su tarea dentro de ese grupo era la de "apretar el gatillo", agregando además que "los blancos los fijaba la superioridad".

Radice, quien aparece involucrado en la causa en la que se investiga el secuestro y asesinato de la diplomática Elena Holmberg, sorprendió a la Sala de Audiencias originando en reiteradas oportunidades murmullos, expresiones de rechazo y hasta risas debido a sus respuestas y a su falta de memoria.

El interrogatorio se desarrolló de la siguiente manera:

Gil Lavedra: ¿Cómo estaba organizado el grupo de tareas GT 3.3?

Radice: Había dos sectores, uno de inteligencia y otro de operaciones.

Gil Lavedra: ¿Qué tareas cumplía usted?

Radice: Era oficial operativo.

Gil Lavedra: ¿Puede precisar cómo era la cadena de comandos del GT 3.3?

Radice: No puedo precisarla, yo tenía una jerarquía muy baja.

Gil Lavedra: ¿De quién dependía usted?

Radice: Yo dependía del capitán Acosta o Perren.

Gil Lavedra: ¿Cuál era su misión específica dentro del grupo de tareas?

Radice: Accionar las armas contra el enemigo que me determinaba la superioridad.

Gil Lavedra: ¿Participó en detenciones de personas?

Radice: Yo accionaba las armas, no detenía.

Gil Lavedra: ¿Qué significa accionar las armas?

Radice: Apretar el gatillo.

Gil Lavedra: ¿Sabe usted si en la ESMA había personas detenidas?

Radice: Desconozco.

Gil Lavedra: ¿Quién le determinaba los blancos?

Radice: Los blancos me los determinaba mi superior inmediato.

Gil Lavedra: En los operativos, ¿actuaban de uniforme o de civil?

Radice: Depende de las circunstancias, si era de noche de uniforme, si era diurno de civil, para no asustar a la población.

Gil Lavedra: ¿Participó en enfrentamientos?

Radice: Sí, numerosos.

Gil Lavedra: ¿Recuerda alguno?

Radice: No.

Gil Lavedra: ¿Conoce a Massera?

Radice: Sí, era mi superior.

Gil Lavedra: ¿Tuvo algún vínculo con él después de su retiro?

Radice: Puedo haber ido a saludarlo alguna vez.

Strassera: El testigo dijo que manejaba las armas. ¿Directamente tiraba, entonces? Los operativos eran homicidios.

Radice: Yo dije que manejaba las armas.

Gil Lavedra: ¿En qué consistían esos blancos que le fijaba la superioridad?

Radice: A mí me fijaban el blanco, y yo soy un militar, fui un militar, me determinaban el blanco.

Gil Lavedra: ¿Qué es determinar un blanco, puede dar un ejemplo más práctico?

Radice: Por ejemplo me dicen, enfrente suyo hay una ventana, bata fuego contra la ventana y yo ejecutaba la orden.

Moreno Ocampo: ¿Alguna vez se

le fijó al testigo un ser humano como blanco?

Radice: No recuerdo.

Esta respuesta originó comentarios en la sala con el consiguiente enojo del presidente de la audiencia, doctor Gil Lavedra, quien amenazó con cesarlo si se repetía la reacción del público.

Moreno Ocampo: ¿A qué actividad se dedica el testigo?

Radice: A reparar embarcaciones.

Moreno Ocampo: ¿Y qué actividades tuvo después de retirarse de la Armada?

Radice: Puse una empresa de importación de armas, y cuando eso dejó de ser negocio pasé a reparar embarcaciones.

Moreno Ocampo: ¿Recuerda a sus compañeros del GT 3.3?

Radice: Negativo.

Moreno Ocampo: ¿Y alguno del sector operativo?

Radice: No.

Moreno Ocampo: ¿Y del sector inteligencia?

Radice: No.

Moreno Ocampo: ¿Conoció a Elena Holmberg?

Radice: No.

Moreno Ocampo: ¿Conoció al teniente Alfredo Abal?

Radice: Sí, lo conozco.

Moreno Ocampo: ¿Compartió tareas con él?

Radice: Sí, compartí tareas.

Moreno Ocampo: ¿Qué clase de tareas?

Radice: Tareas ordenadas por la superioridad.

Posteriormente admitió conocer al capitán Yen y al capitán Scheller, quienes también actuaban en el grupo de tareas.

FIGURA 8 – Artigo jornalístico sobre o testemunho de um ex-militar da marinha.

A pressuposição é trabalhada em um texto de humor (“*Mastropiero que nunca*”) do grupo humorista Les Luthiers. Diálogos cotidianos, pertencentes ao *corpus* elaborado pelos alunos de Linguística da Cátedra de Lavandera, são apresentados para análise das implicaturas conversacionais. A classificação das pressuposições é proposta como exercício nos seguintes textos jornalísticos: um editorial de *Clarín* (“Soberanía y desarrollo”) datado de 1963, dois artigos de opinião publicados em *Clarín* sobre a atuação política das mulheres (“El voto femenino” de A. Moreau de Justo e “Las argentinas” de M. E. Oddone, ver FIGURA 9), o epílogo de *Operación Masacre* de Rodolfo Walsh, entre outros textos.



FIGURA 9 - El voto femenino de A. Moreau de Justo

g) Coesão e coerência

A estruturação do discurso e a coesão e a coerência são desenvolvidas a partir das obras de Halliday e Hassan (*Cohension in English*, 1976), Halliday (“Estructura y función del lenguaje” In: *Nuevos horizontes de la lingüística*, 1975) e de Van Dijk *Estructuras y funciones del lenguaje* (1980) e *La ciencia del texto* (1978). A essas obras acrescenta-se a noção de isotopia

de Greimas (Lozano, Peña Marín e Abril, *Análisis del discurso*, 1982), isotopia conotada (Kerbrat-Orechioni, *La connotación*, 1983) e a descrição da estrutura da fala (Hudson, *La sociolingüística*, 1981).

Os exercícios consistem em: 1) analisar a coesão léxica e as referências anafóricas e catafóricas em uma entrevista a P. Solanas no jornal *El Despertador* 1986; 2) as cadeias coesivas do suplemento de esportes do jornal *Clarín*; 3) identificar os verbos com função conjuntiva, os tipos de elipse, os tipos de coesão por referência em uma entrevista a Charly García da revista *Quiero ser*; 4) reconhecer e analisar a superestrutura no manual de utilização de uma máquina de lavar roupas; 5) reconhecer a superestrutura de uma resolução do Ministério de Educação aos reitores das universidades de 1985, entre outros.

Descritos os conteúdos tratados na disciplina, podemos concluir que as categorias da Análise do Discurso e da Semiologia são exemplificadas com exercícios em base a textos vinculados diretamente com as problemáticas latino-americanas. Vemos no quadro 3, síntese das sete unidades, a extensa variedade e quantidade de textos para serem analisados pertencentes a diferentes tipos de discurso literários, jornalísticos, científicos, informativos, entre outros. Apresenta-se uma Análise do Discurso que não tem restrições, nem preconceitos, na seleção dos *corpora* para análise desde um manual de máquina de lavar roupa até um romance. É uma Análise do Discurso completamente comprometida com o ideológico que nos permite compreender o passado no estudo do discurso histórico, do relato, do manifesto e o presente, no estudo dos discursos políticos, cartaz políticos, crônicas jornalísticas, etc.

3.2.1.1 As oficinas de leitura e escrita

Na atualização do programa em 1988, acrescentam-se as oficinas de leitura e escrita que trabalhariam ao mesmo tempo conteúdo teórico e produção de textos.

Rápidamente consideramos que era necesario reforzar las prácticas de lectura y escritura y así surgió la necesidad de crear un espacio específico que designamos como talleres de lectura y escritura. La implantación de los talleres fue paulatina porque no se disponía de espacio físico en todas las sedes. Al principio el dictado del taller fue “clandestino” ya que se demoró unos años en incorporar oficialmente en el programa de la disciplina. [...] Los talleres de lectura y

escritura generaron un gran espacio de reflexión teórica sobre el proceso de escritura y lectura, que llegó a toda Latinoamérica con la creación de la Cátedra de Lectura y Escritura de la UNESCO en Cali y que dio lugar en la Universidad de Buenos Aires a la Carrera de Especialización en Procesos de Lectura y Escritura. Además, de la repercusión en el nivel universitario, también incidió en la formación primaria y secundaria, debido a que los docentes que elaboraban los nuevos materiales escolares solían ser docentes de la cátedra de Semiología. (ARNOUX, 2013)

Esta citação de Arnoux reflete o grande impulso e alcance desta disciplina que representou em todos os níveis de formação e como primeira experiência no tratamento destas novas concepções teóricas que permitiram problematizar e abordar dificuldades da educação na Argentina e compartilhadas, também, por todos os países da América Latina.

3.2.2 Linguística

Como já mencionamos, o programa da disciplina Linguística foi completamente reformulado e a nova grade curricular do curso de Letras (1984) determinou que passasse de ser uma disciplina do quarto ano, exclusiva da orientação em linguística, a uma disciplina do ciclo básico, obrigatória para todas as orientações. Esta mudança já mostra claramente o novo lugar que ocuparia a linguística nas prioridades do curso de Letras. Mostramos como foi a mudança em relação ao programa anterior de Salvador Bucca.

A reformulação do programa passou por diferentes estados e foi se atualizando aos poucos. Tomamos como referência o programa de 1988. Das sete unidades que conformam o programa, as duas primeiras apresentam a língua como sistema e as outras cinco se referem ao tratamento da língua em uso. O programa anterior, com Salvador Bucca de professor titular, consistia em seis unidades. As duas primeiras coincidem, parcialmente, com o programa de Lavandera em uma introdução geral à Linguística como ciência e sua articulação em diferentes correntes, aspectos e campos, e, a linguística sincrônica abordando a linguística descritiva nos níveis fonético, fonológico, morfológico e sintático e, por último, a linguística transformacional. As outras unidades consistiam na classificação tipológica das línguas, na linguística histórica, na geografia linguística e numa breve história da linguística desde o século XIX - fazendo referência a Saussure, Bloomfield, Terracini, Chomsky e Devoto. Por último, o programa de Bucca

integrava uma “parte especial” que tratava sobre as línguas indo-europeias e sua reorganização em grego e latim.

O programa de Lavandera (1988) apresenta uma outra abordagem da linguística comunicativa e funcional introduzindo novas linhas de estudo que levam em conta a linguagem em relação à interação social através dos conceitos de: comunidade linguística, situação comunicativa e ato de fala. Introduce-se a análise do discurso para dar conta de estratégias discursivas, recursos mitigadores, formas de cortesia. Os enfoques da análise do discurso são em base à vertente anglo-saxã e francesa: as máximas conversacionais, os atos de fala (Austin, Searle), a teoria da enunciação (Benveniste, Ducrot), produção e estruturação do texto (Van Dijk) coesão e coerência (Halliday e Hassan). A última unidade é específica sobre a análise do discurso político: “Interdiscursividad y especificidades del discurso político. Tema y Rema. Imágenes simbólicas” (Lavandera, 1988).

As aulas de 1988 foram gravadas, descrevemos as correspondentes à última unidade sobre o discurso político. Estas foram ministradas por Lavandera com membros do grupo de pesquisa. M. L. Pardo expõe a teoria de Firbas sobre tema e rema oracional e apresenta sua concepção de Tema do Discurso (TD) e Rema do Discurso com exemplos de discursos da época:

La noción de TD es una noción fuerte y en general aparece en la segunda o tercera emisión de un discurso, de un texto; como cuando Tróccoli en su discurso de presentación a la emisión que se hizo del Nunca Más dice: “se desencadenó el drama de la violencia en la Argentina”. Ese va a ser el Tema del Discurso (aulas Lingüística, PARDO, 1988).

Depois de desenvolver o conceito teórico com exemplos da apresentação do programa televisivo *Nunca Más*, um aluno pergunta pelos propósitos das estratégias mobilizadas pelo Ministro do Interior, Tróccoli. As professoras respondem que os propósitos são para serem estudados nas análises sociológicas.

Profesora Lavandera: Yo creo que podemos contar nuestra hipótesis...
Profesora Pardo: Bueno, pero no es una hipótesis desde la lingüística, sino desde la ideología, digamos. La hipótesis entonces sería que dado el contexto socio-político que se daba en ese momento decir esto (lo de metodología aberrante) era muy fuerte, que lo que se estaba juzgando era una metodología aberrante. Entonces, si la coloco en posición remática la leo fuerte, la leo, justamente, como lo que tiene más carga semántica. (aulas de Lingüística, 1988).

Desta forma, fica exposta novamente a preocupação por se ater às emissões linguísticas.

Três aulas serão ministradas por M. M. García Negroni. Na aula do dia 19 de novembro anuncia-se a visita de Van Dijk na UBA. Nestas aulas é definida a teoria da enunciação proposta por Benveniste. Na explicação da apropriação do aparato formal são contrastadas as modalidades de enunciado e as modalidades de enunciação através de um exemplo do discurso de Alfonsín: “Se han producido algunos episodios bochornosos en la Argentina”, apresentado como uma verdade coletiva, generalizada sem modalizações por parte do locutor, é contrastado com “Creo que se han producido episodios bochornosos en la Argentina”, enunciado modalizado e permite a um destinatário se posicionar sobre o enunciado.

Desenvolve-se a concepção de polifonia de Ducrot e para explicar a diferença entre enunciador e locutor apresenta-se o discurso de Perón do dia 20/6/1973¹⁷:

“No es gritando la vida por Perón que se hace patria, sino manteniendo el credo por el cual luchamos” reenvía a un discurso efectivamente pronunciado por otros enunciadore distintos del locutor, que eran aquellos que en ese momento constituían la Juventud Peronista cuyo discurso en forma de slogan era: “Juventud presente, Perón, Perón o muerte”. Entonces lo que se rescata con ese enunciado negativo es justamente la aparición de un E1 (la Juventud Peronista) con ese slogan y un E2, con quien se identifica, en este caso, el locutor, que descalifica o desacredita la palabra de un enunciador E1. (Aulas de Linguística, 1988)

O discurso político é abordado segundo a caracterização de E. Verón (1987) em “La palabra adversativa: observaciones sobre la enunciación política”, que parte da base de que o discurso político não pode ser constituído sem levar em consideração a leitura que seus adversários farão dele. Segundo Verón, o discurso político possui uma multidestinação com funções diferentes conforme o destinatário: 1) com o aderente, a função de reforçar a crença; 2) com o indeciso em relação ao partido, uma função persuasiva; e 3) com os contra-destinatários, uma função polêmica. A professora desenvolve a noção de imagem discursiva, de reflexão discursiva e de complexo ilocucionário. É exemplificado no discurso de Alfonsín do dia 16 de

¹⁷ A volta de Perón ao país foi no dia 20 de junho de 1973 depois de 18 anos de exílio. Nesse dia, uma multidão representante das diferentes tendências do peronismo o esperava no aeroporto de Ezeiza. O que iria ser uma festa do peronismo acabou em um massacre (ROMERO, 2011). No dia seguinte, Perón profere o discurso analisado.

abril 1987 na Assembleia Legislativa no contexto das ameaças de um novo levantamento de golpe de Estado¹⁸:

No he de hacer concesiones (Aplausos) esta iniciativa o presión alguna que apunte a restringir el ejercicio de los derechos y las libertades que hacen a la naturaleza misma de la democracia. Tampoco he de hacer concesiones ante iniciativa o presión alguna que pretenda limitar, condicionar o negociar el igualitario sometimiento de todos los ciudadanos, con o sin uniforme, a los dictados de la ley. (Aplausos) (ALFONSÍN apud aulas de Lingüística, 1988).

Neste enunciado M. M. García Negroni identifica uma promessa de parte do enunciador, mas por outro lado, conhecendo o contexto, trata-se de uma advertência dirigida a outros destinatários. Consiste em um enunciado com distintas forças ilocucionárias dirigidas a um destinatário explícito e um destinatário encoberto, oculto.

Sobre esse mesmo discurso, são analisados os conectores segundo as orientações argumentativas em afirmações de Alfonsín do tipo: “Democracia significa libertad, pero significa también orden”. O conector “pero” perde seu valor adversativo pela presença de “también”. Portanto, existem dois atos de fala, uma asserção e uma restrição. “Pero” implica uma mudança de enunciador, a cargo do locutor, restringindo a asserção inicial, restrição dirigida ao destinatário oculto.

A última aula trata da análise linguística do discurso de um artigo de jornal “De Mucci a Alderete: la histeria política” da revista *Humor* de abril de 1987. B. Lavandera, depois de assinalar que a maioria dos estudos que tinham se realizado, até esse momento, dentro da Análise do Discurso foram para compreender uma realidade extralingüística e acabaram se limitando a meras opiniões, define a análise do discurso como o estudo das formas em relação ao contexto imediato com o objetivo de compreender a realidade da linguagem. A análise do artigo realiza-se levando em conta as estratégias argumentativas, nos níveis morfológicos, sintáticos e lexicais, mobilizados no texto.

¹⁸ Além das ameaças de 1985, na Semana Santa de 1987 começou uma rebelião de um movimento liderado pelo coronel Aldo Prico. A revolta foi na área militar de Campo de Mayo: “El motín no podía avanzar sobre el poder civil, pero le bastaba que no fuera posible desbaratarlo por las armas. Eso le dejaba al gobierno dos salidas: recurrir a la movilización popular para someter a los rebeldes o llegar a un acuerdo con ellos” (NOVARO, 2011). As negociações levaram às leis de “Obediencia Debida” e “Punto Final”.

CONCLUSÃO

Para concluir, retomamos algumas das mudanças mais significativas das universidades no período da normalização democrática: 1) reformas, no tocante à organização e administração institucional; destacamos, entre elas, o ingresso livre, gratuito e sem limitação de vagas na universidade e a incorporação de professores exilados; 2) reformas completas das grades curriculares dos cursos de ciências sociais e humanas, em especial, em Letras, a orientação em Linguística com diferentes especialidades; 3) implantação de um ano nivelador comum, (o CBC) com a criação da disciplina “Elementos de Semiología y Análisis del Discurso”; 4) a atualização em novas correntes de estudo dos professores formados durante a ditadura.

Acreditamos que todas estas reformas definem um projeto de universidade inclusiva e engajada com a realidade social. Os dois grupos de pesquisa estudados – o grupo de Lavandera e a cátedra de Arnoux - atuaram nesta mesma linha com um forte papel social e de democratização. Por um lado, o grupo de Lavandera que sempre se definiu como muito centrado em entender a linguagem, analisou discursos políticos sobre a normalização democrática, diretamente vinculados com a realidade em que se estava vivendo. Por exemplo, textos políticos que abordavam “la teoría de los dos demonios”, a declaração das Forças Armadas sobre os desaparecidos, a posição da Igreja diante destas declarações, as ameaças de golpe de Estado, entre outras temáticas. O percurso dos trabalhos de B. Lavandera e do grupo de pesquisa reflete como foi mudando a percepção da linguagem em contexto, começando na sociolinguística varacionista, passando pelas abordagens da análise anglo-saxônica do discurso até chegar na tradição francesa da análise do discurso. E, paralelamente, foram acrescentando-se materiais para análise: da conversa cotidiana, ao discurso político, às materialidades multimodais. Mesmo assim, como demonstram as aulas de Linguística e os diferentes trabalhos dos membros de pesquisa sempre houve uma preocupação sobre até onde uma análise linguística podia chegar. No sentido em que esta não deveria se interessar pelas intenções dos locutores nem pelo contexto sócio-político, pois isso corresponderia a uma análise sociológica do discurso. Esta preocupação de delimitar a pesquisa ao estudo da linguagem é permanentemente formulada, mas é nos trabalhos do grupo de pesquisa de Lavandera, de alguma forma, transgredida no sentido em que

para análise dos discursos políticos parte-se do conhecimento do contexto sócio-político dos *corpora* analisados, já desde a seleção dos discursos a serem analisados.

Acreditamos que efetivamente Lavandera estava criando uma escola de análise do discurso que permitiu desenvolver e aprofundar conceitos próprios, como o de recursos mitigadores (LAVANDERA, 1985), “destinatario encubierto” (M. M. García Negroni, 1987), tema e rema discursivo (PARDO, 1986), terceiro discursivo (GARCÍA NEGRONI; RAITER, 1986 e ZOPPI FONTANA, 1987) e caracterizações do discurso político, do discurso autoritário (LAVANDERA, 1986b) e do discurso relatado (ZOPPI FONTANA, 1986).

Esta linha de estudo projeta-se em futuras publicações, a revista *Discurso y Sociedad*, que continuaria com a proposta de *Lenguaje en Contexto*, e na participação de María Laura Pardo na fundação da Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso (ALED).

Por outro lado, a proposta da cátedra de Arnoux, por meio de um material didático extenso, que sintetizava e traduzia as novas tendências da Análise do Discurso europeia, consistiu em pensar, por intermédio de um vasto material de textos pertencentes a múltiplos gêneros, problemáticas argentinas e latino-americanas. A grande quantidade e diversidade de textos para a análise reunidos nas apostilas nos faz pensar numa representação do dizível, quase como uma arqueologia, e de demonstrar realmente que a Análise do Discurso e a Semiologia não têm limites, abarcando todo tipo de manifestação verbal e icônica. O discurso literário é amplamente abordado do ponto de vista teórico e com fragmentos de romances, contos, poesia da literatura argentina e também de literatura estrangeira. O discurso histórico é problematizado e abordado em base a diferentes acontecimentos que marcam a história Argentina. Assim como a crônica jornalística é exemplificada nas diferentes versões de jornais sobre a comemoração da ocupação argentina das Ilhas Malvinas.

Cada unidade faz a relação com a dimensão ideológica dos temas tratados. É interessante como uma disciplina do primeiro ano da graduação pode mobilizar o conteúdo ideológico e textos de marcado engajamento partidário – antimeritismo de APRA, Frente Obrero, manifesto comunista, etc.- apenas dois anos após o fim de uma das mais terríveis ditaduras que o país sofreu. Entendemos a disciplina como consequência do período que estava se vivenciando na década de 80 na Argentina. Isto também, fica explícito nas aulas ministradas por Lavandera,

Negroni e Pardo, onde as concepções teóricas são exemplificadas com os discursos políticos de Alfonsín sobre, por exemplo, as ameaças de golpe de estado, e de Perón no retorno do exílio. Desta forma, mostra-se realmente a ruptura com o período anterior de repressão. Estas análises engajadas com a realidade social e política, também correspondem à efervescência política que trouxe a abertura democrática e o governo de Alfonsín.

A Análise do Discurso e a Semiologia são abordadas a partir de um amplo corpo de teorias, dentre as quais predominam as contribuições de autores de obras francesas como Barthes (*Semiologia, Mitologias, Estruturalismo e Linguística*), Ducrot (*El decir y lo dicho*), Benveniste (*Problemas de Linguística Geral*), Kerbrat-Orecchioni (*La connotación e La enunciación. De la subjetividad en el lenguaje*), Angenot (*La parole pamphlétaire*), Bourdieu (*Ce que parler veut dire*), Robin (*Histoire et linguistique*), Maingueneau (*Introducción a los métodos de análisis del discurso. Problemas y perspectivas e Approche de l'énonciation en linguistique française*) e artigos de atualidade das revistas francesas: *Langue Française* e *Langage*. Não vemos uma proposta delimitada como no caso do grupo de pesquisa de Lavandera, mas já começava a se delinear o que posteriormente resulta na publicação da revista *Signo y Señal* e na criação da Especialização em leitura e escrita e do mestrado em Análise do Discurso e da Cátedra UNESCO sobre a problemática da leitura e da escrita na América Latina.

Com esta visão global das pesquisas dos dois grupos de trabalho podemos concluir que eles tendem fortemente para a escola francesa de análise do discurso, já que consiste em uma forma de abordar a linguagem considerando a história dos dizeres, colocando-os em relação e desta forma permite pensar as relações do sentido com a ideologia. Este tipo de enfoque sobre a linguagem permite pensar as propostas tanto das cátedras e as preocupações da época. Entretanto, se pensamos na tendência francesa na sua globalidade, na sua história e nos seus propósitos iniciais podemos ver que houve filtros. Dentre eles identificamos, por exemplo, a preocupação epistemológica inicial de Pêcheux sobre a relação entre ciência e ideologia. Isto não é mencionado, nem colocado em questão, simplesmente se aceita uma teoria dos discursos para abordar determinadas problemáticas. Também não vemos uma preocupação pelos instrumentos informáticos, nem pela lexicometria ou lexicologia.

Depois da análise dos diferentes materiais reunidos, acreditamos ter mostrado de uma forma bastante representativa o desenvolvimento da Análise do Discurso no período de normalização democrática do Curso de Letras da UBA. Contudo, este processo foi muito mais do que a simples incorporação de uma teoria de estudo dos textos. A análise do discurso foi uma ferramenta muito útil para pensar as problemáticas políticas, sociais e econômicas da época. Além disso, permitiu pensar nos discursos correspondentes ao período, assim como elaborar uma releitura histórica do passado argentino. Achemos isto muito explícito na proposta da disciplina “Elementos de Semiología y Análisis del discurso” e no projeto de Lavandera “Análisis sociolingüístico de textos producidos en el intercambio de información entre el gobierno y la ciudadanía”. A Análise do Discurso aparece claramente no âmbito universitário, tanto de pesquisa como pedagógico, sendo uma arma política para pensar as problemáticas argentinas e latinoamericanas.

Acreditamos que a nossa pesquisa pode ter grandes projeções para futuros estudos. Tratando-se da transição democrática, na Argentina como ruptura, permite pensar de que forma se incorpora a Análise do Discurso nos outros países da América Latina, que também passaram, de diferentes formas, pelo processo de transição democrática.

REFERÊNCIAS

MATERIAL DO ARQUIVO

Curriculum Vitae de Beatriz Lavandera

Curriculum Vitae de Elvira Narvaja de Arnoux

Síntese de entrevista com Elvira Narvaja de Arnoux (em anexo)

Síntese de entrevista com María Laura Pardo (em anexo)

Grade curricular do curso de Letras 1976, Facultad de Filosofía y Letras, UBA

Grade curricular do curso de Letras 1985 Facultad de Filosofía y Letras, UBA

ARNOUX et al. **Cuadernillos de Semiología**, Elementos de Semiología y Análisis del discurso, 7 fascículos, 1985-1986.

ARNOUX, E. N, Programa da disciplina Semiologia, “Semiología Cátedra Arnoux”, **Programa de estudio Ciclo Básico Común**, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1985-1989, 1988-1991

ARNOUX (Org) Discurso/Historia, **Revista Signo y Señá**, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, nº 1, 1992

BUCCA, S. Programa da disciplina Lingüística, **Programa do curso de Letras**, Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, segundo cuatrimestre, 1976.

LAVANDERA, B., Programa da disciplina Lingüística, **Programa do curso de Letras**, Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, segundo cuatrimestre, 1988.

_____. El estudio del lenguaje en su contexto socio-cultural. In: **Panorama de la lingüística moderna de la Universidad de Cambridge**, Madrid: Visor Distribuciones, 1992 [1988].

LAVANDERA, Beatriz (Org). **Lenguaje en Contexto**. Buenos Aires: Ediciones Galápago, 1988.

LAVANDERA; GARCÍA NEGRONI; et al. Intertextual relationships: "Missing people" in Argentina. In D. Tannen (Ed.), **Languages and Linguistics: The interdependence of Theory, Data and Application** Washington D. C.: Georgetown University Press. pp. 121-139

Artigos publicados nos **Cuadernos del Instituto de Lingüística Análisis sociolingüístico del discurso político**, vol. 1, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires – Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras. 1986.

LAVANDERA, B. Decir y Aludir: una propuesta metodológica pp. 1-14

_____, Hacia una tipología del discurso autoritario, pp. 15-40

MENÉNDEZ, Salvio M. El lugar aparente: dos lecturas desde la iglesia del "Documento Final" de la Junta Militar, pp. 41-57

PARDO, M. L. Hacia una redefinición de las nociones de Tema y Rema: de la oración al discurso, pp. 59-93

ZOPPI-FONTANA, Mónica. El discurso referido o en busca del contexto perdido, pp. 95-116

NEGRONI M. M.; RAITER A. Hacia un análisis de la dinámica del discurso, pp. 117-146

RAITER, A.; MENÉNDEZ, M. El desplazamiento de un signo ideológico (Análisis lingüístico del discurso político), pp. 147-174.

Artigos publicados nos **Cuadernos del Instituto de Lingüística Análisis sociolingüístico del discurso político**, vol. 2, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires – Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras. 1987.

LAVANDERA B.; PARDO M. L. La negación en el discurso patrones y rupturas, pp. 5-36

GARCÍA NEGRONI, M. M. Roles protagónicos y actos de habla, pp. 37-68

MENÉNDEZ, S. M. Un lector privilegiado: el discurso del titular, pp. 69-96.

RAITER, A. Diálogo discursivo e iniciativa discursiva, pp. 97-124.

ZOPPI FONTANA, M. G. Los gritos del silencio. La voz del otro en el discurso autoritario. pp. 125-150

RAITER, A. Reseña de SIGAL, S.; VERÓN, E. (1986): Perón o Muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista, Buenos Aires: Legasa, pp. 151, 159.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, J. M. “Linguística Textual”. In: MAINGUENEAU, D. & CHARAUDEAU, P. **Dicionário da Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 306, 307.
- ALTHUSSER, L. **Ideología y aparatos ideológicos de Estado**, Buenos Aires: Nueva Visión, [1970] 1988.
- ALTMAN, C. História, estórias e historiografia da linguística brasileira, **Todas as letras S**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2012, pp 14-37.
- AUSTIN, J. L. **Cómo hacer cosas con palabras: palabras y acciones**. Buenos Aires: Paidós Studio, [1962] 2008.
- BENVENISTE, É. Les relations de temps dans le verbe français [1959], De la subjectivité dans le langage [1958] In : BENVENISTE, É. **Éléments de linguistique générale**, vol. 1 Paris : Gallimard, 2005, pp. 237-250, pp. 258-266.
- _____. L'appareil formel de l'énonciation [1970] In : BENVENISTE, É. **Éléments de linguistique générale**, vol. 2 Paris : Gallimard, 2005, pp. 79-88.
- BEAUGRANDE R. ; DRESSLER, W. **Introducción a la lingüística del texto**[1981], Barcelona: Ariel, 1997.
- BRANCA-ROSOFF, S. “Condições de Produção” e “Etnografia da fala”. In: MAINGUENEAU, D. ; CHARAUDEAU, P. **Dicionário da Análise do Discurso**, São Paulo: Contexto, 2004. p. 114 e p. 222-223.
- BUCHBINDER, P. **Historia de las universidades argentinas**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.
- BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques**. Paris: Fayard, [1982] 2012.
- CHARAUDEAU P. Une théorie des sujets du langage. In: **Langage et société**, n°28 fascicule 1, Sociosémiotique, pp. 37-51, 1984.
- CIAPUSCIO, G. E. Apuntes para una evaluación de los estudios lingüísticos en la Argentina, Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas “Dr. Amado Alonso”, Universidad de Buenos Aires, CONICET, **Hispanic Issues Online**, 2007. Disponível em: <<http://hispanicissues.umn.edu/assets/pdf/13-HIOL-2-11.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2010.
- COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F. & FERREIRA, M. C. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999 pp. 15-22.

_____. A estranha memória da Análise do Discurso. In: INDUSRKY, F. & FERREIRA M. C. L. **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso uma relação de nunca acabar**, São Carlos: Clara Luz, 2005. pp. 25-32.

CRENZEL, E. A. Nunca más. La investigación de la CONADEP en la televisión, **Question**, Facultad de Periodismo y Comunicación Social, Universidad Nacional de la Plata, Vol 1, Nº 18, 2008 Disponível em: http://www.perio.unlp.edu.ar/question/nivel2/articulos/informes_investigacion/crenz_1_inform_18otono2008.htm, Visto: 05/10/2012.

ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel Lingüística, [1999] 2003.

FOUCAULT M., **Arquéologie du Savoir**, Paris : Gallimard, [1969] 2002.

GADET, F. Prefácio, In: GADET, F. HAK, T. PÊCHEUX, M. **Por uma Análise Automática do Discurso**, Campinas: Editora da Unicamp, [1969] 1997. pp.7-11.

GARCIA NEGRONI, M. M.; TORDESILLAS Marta, **La enunciación en la lengua: de la deixis a la polifonía**, Madrid, Editorial Gredos, 2001.

GARCÍA NEGRONI M.; MENÉNDEZ S. M.; RAITER A., Analysis from the Approach of Lavandera and her Students A Homage to Beatriz R. Lavandera: An Overview of Political Discourse, **Discourse Society**, vol. 12, nº1, 2001, pp. 9-21

GIAMMATTEO, M.; ALBANO, H.. Los estudios lingüísticos en Argentina: un breve Panorama, Universidad de Buenos Aires, **Hispanic Issues Online**, 2007. Disponível em: <<http://hispanicissues.umn.edu/assets/pdf/12-HIOL-2-10.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2010.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**, São Carlos: Editora Clara Luz, 2004.

_____, Tempos Brasileiros: percursos da Análise do Discurso nos desvãos da história do Brasil, In: FERNANDES, C. & SANTOS, J. B. **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**, São Carlos, Editora Clara Luz, 2007. pp. 23-46.

GRICE, H. P. “Logic and conversation”. In: COLE & MORGAN, **Syntax and semantics**, vol.3. New York: Academic Press, 1975, p. 45-48.

GUESPIN L. Problématique des travaux sur le discours politique. In: **Langages**, 6e année, nº23, 1971. pp. 3-24.

_____. Introduction : types de discours ou fonctionnements discursifs ?. In: **Langages**, 10e année, nº41, 1976. pp. 3-12.

HARRIS Zellig S., trad. Dubois-Charlier F. Analyse du discours. In: **Langages**, 4e année, nº13, 1969. pp. 8-45

HAROCHE C., HENRY P., PÊCHEUX M. La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage, discours. In: **Langages**, 6e année, n°24, 1971. pp. 93-106.

KERBRAT-ORECCHIONI C., La enunciación: de la subjetividad en el lenguaje, Buenos Aires: Hachette, [1980] 1986.

LAVANDERA, B., **Variación y Significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

_____. **Curso de Lingüística para el análisis del discurso**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

MAINGUENEAU, D. **Initiation aux méthodes de l'analyse du discours : Problèmes et perspectives**. Paris: Hachette, 1976.

_____. **Novas tendências da Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997 [1987].

_____. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: www.revel.inf.br.

_____. A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 14, n.20, p. 13-37, jan./jun. 2007.

_____. "Pragmática". In: MAINGUENEAU, D. & CHARAUDEAU, P. **Dicionário da Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 393-396

MALDIDIER D. ; NORMAND C. ; ROBIN R. Discours et idéologie : quelques bases pour une recherche. In: **Langue française**. N°15, 1972. Langage et histoire. pp. 116-142.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (Re) ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

_____, Avant-propos : A Michel Pêcheux. In: **Langages**, 21e année, n°81, 1986. pp. 5-10.

MARCELLESI J-B. Présentation. In: **Langue française**. N°9, 1971. Linguistique et société. pp. 3-5.

MARANDIN J-M. Problèmes d'analyse du discours. Essai de description du discours français sur la Chine. In: **Langages**, 12e année, n°55, 1979. pp. 17-88.

MIRANDA, F. **Textos e géneros em diálogos - Uma abordagem linguística da intertextualização**, 2007 Tese (Doutorado em Lingüística-Teoria do Texto) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2007

NAVARRO, F. **Análisis histórico del discurso. La evaluación en las reseñas del instituto de filología de buenos aires (1939-1989)**, 2011, Tese de Doutorado, Universidad de Valladolid,

2011 <<http://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/855/1/TESIS122-111014.pdf>>, acesso em: 14 nov. 2011.

NOVARO, M. **Historia de la Argentina 1955-2010**, Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2000.

_____. A Análise de Discurso e seus Entremeios: Notas a sua História no Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos. História das Idéias Lingüísticas**. n. 42. Campinas: IEL/Unicamp, 2002.

_____. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDUSRKY, F. & FERREIRA M. C. L. **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Clara Luz, 2005. pp. 75-88.

_____. Apagamento do político na ciência: notas à história da análise de discurso: fragmentação, diluição, indistinção, de sentidos e revisionismo, In: ORLANDI, E. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

O'DONNELL, P. Un combate por la soberanía. **Miradas al sur**. Ano 6, nº 288, 24/11/2013, Disponível em: <http://sur.infonews.com/notas/un-combate-por-la-soberania>

PARDO, M. L. Homenaje a Beatriz Lavandera (1942-1998) In: **Filología: Palabra, imagen, sonido**. Año XXXI, nº1-2, Buenos Aires: Instituto de Lingüística, 1998. pp. 231-233.

PAVEAU, M.-A.; SARFATI, G.-E. **As grandes teorias da linguística. Da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX M., FUCHS C. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. In: **Langages**, 9e année, nº37, 1975. pp. 7-80.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F. HAK, T. PÊCHEUX, M. **Por uma Análise Automática do Discurso**, Campinas: Editora da Unicamp, [1969] 1997. pp. 61-151.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica á afirmação do óbvio**. Campinas: Editora Unicamp, [1975] 1997.

_____. L'étrange miroir de l'analyse de discours. In : **Langages**, 15^e anné, nº62, 1981, pp. 5-8. Disponível em : http://www.persee.fr/web/prescript/article/lgge_0458-726X_1981_num_15_62_1872

_____. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, [1983] 2008.

POSSENTI, S. **Questões para os analistas do discurso**, São Paulo: Parábola, 2009.

PROVOST-CHAUVEAU, G. Problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours. In: **Langue française**. N°9, 1971. Linguistique et société. pp. 6-21.

RAGO, M. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social; Rev. Sociol.** USP. São Paulo, 7(1-2): p. 67-82. 1995. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0712/efeito](http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0712/efeito.pdf)

.pdf >

ROBIN Régine. Histoire et linguistique : premiers jalons. In: **Langue française**. N°9, 1971. Linguistique et société. pp. 47-57.

ROMERO, L. A. **Breve historia contemporánea de la Argentina 1916-1999**, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, Ferdinand de, **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006, pp. XIII-XXIII.

SEARLE, John. **Actos de habla**. Madrid: Cátedra, [1969] 1980.

TRAUGOTT, E. C.; RICKFORD, J. R.; PARDO, M. L., Beatriz Lavandera 1942-1998, **Discourse Society** 12: 5, 2001, pp. 5-8.

TRAVERSO, V. Análise conversacional, In: CHAREAUDEAU P. ; MAINGUENEAU D. **Dicionário da Análise do Discurso**, São Paulo: Contexto, 2004, pp. 40-41.

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto**, Buenos Aires: Ediciones Paidós, [1978] 1983.

_____. De la gramática del texto al Análisis Crítico del Discurso: una breve autobiografía académica, 2006. Publicado em: <http://www.discursos.org/cv/De%20la%20gramatica%20del%20texto%20al%20 analisis%20 critico%20del%20discurso.pdf>. Acesso em: 10/07/2012.

VERON Eliseo. Sémiosis de l'idéologie et du pouvoir. In: **Communications**, 28, 1978. Idéologies, discours, pouvoirs. pp. 7-20.

_____. Matière linguistique et analyse de discours - Pièce à conviction. In: **Langage et société**, n°28 fascicule 2, 1984. Sociosémiotique (Fascicule II) pp. 91-109.

_____. La palabra adversativa, In: VERÓN E.; ARFUCH L. et al. **El discurso político, lenguajes y acontecimientos**. Buenos Aires: Editorial Hachette, 1987

VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo y la filosofía del lenguaje**. Madrid: Ed. Alianza, [1929] 1992.

YUCHAK, Martín; COSTANTINI, Vicente. Entrevista a Leonardo Funes. Publicado em 2006, Disponível em: matandomasenanos.blogspot.com/2007/05/entrevista-leonardo-funes-8-de.html. Acesso em 16 jan. 2012.

ANEXOS

1 ENTREVISTAS

Síntesis de la entrevista con la Dra. María Laura Pardo Revisada por la autora

Sobre la cátedra de Lingüística

Beatriz Lavandera vuelve de Estados Unidos a Argentina en 1982, un año antes de la democracia. En el año 1982, dicta durante dos años dos cursos en el Centro de Investigaciones en Antropología Filosófica y Cultural, CIAFIC, antes de incorporarse como titular en las cátedras de Lingüística y Gramática textual.

Los cursos contaron con más de cien alumnos, entre ellos, los que posteriormente integrarían las cátedras de Lingüística, Sociolingüística y más tarde la de Gramática textual. El primer curso fue dictado en 1982 bajo el título de “Lingüística Chomskyana”. El segundo fue en el primer cuatrimestre de 1983, “Análisis del Discurso”, que luego en 1985 sería publicado por el Centro Editor de América Latina.

Para la formación de los profesores que se integrarán en la cátedra de Lingüística, Lavandera dicta seminarios en su casa a los que entrena en nuevas formas de abordar el lenguaje.

Con el gobierno de Alfonsín se designan decanos normalizadores que suspenden las actividades de los docentes que estuvieron durante el proceso militar y se designan nuevos profesores. El CONICET también debe ser normalizado debido a que se encontraba paralizado. Con la democratización se reabren las becas de investigación pero el ingreso a carrera de investigación se va a restituir recién en los años 90. Los concursos van a poder realizarse en 1986 cuando se reinstauran los estatutos de la universidad, que habían dejado de tener valor durante la intervención militar. En esta transición se integra a la universidad B. Lavandera con gran participación en el Instituto de Lingüística, del que sería luego su Directora, y en la reforma del plan de estudios de Letras.

Formación de B. Lavandera

En 1975, B. Lavandera se doctora en Lingüística en la Universidad de Pennsylvania con W. Labov como director de tesis. Sus estudios se basaban en la sociolingüística de Labov, variacionista de origen generativa. En 1977, Lavandera plantea que la variación lingüística se da sólo en determinados niveles de análisis: el fonético y el fonológico, pero no cuando se aborda el plano del significado. Esto genera una discusión con Labov que se verá reflejada en dos textos:

Where does the sociolinguistic variable stop? de B. Lavandera y *Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera*” de Labov.

En el año 1977 se desempeñaba como profesora adjunta en la Universidad Johns Hopkins. Durante ese corto viaje Lavandera fue detenida y torturada en el campo de concentración Olimpo. Después de varios años de exilio en Inglaterra, Lavandera llega a la Universidad de Stanford donde se desempeñará dos años como profesora adjunta.

Cuando B. Lavandera regresa a la UBA muy comprometida con la política y apoyando fuertemente la democratización. Durante esos años trabaja activamente en diferentes publicaciones y dando conferencias, especialmente en el tema que refiere al discurso político de la Junta militar, y luego al discurso del entonces Presidente, Raúl Alfonsín, y de otros políticos que surgen en tiempo de la democracia. Todos estos estudios siempre realizados a la luz del lenguaje, observando cómo y con qué estrategias lingüísticas se llevan a cabo dichos discursos.

El proyecto de investigación

Su compromiso con la realidad política, entonces, se ve reflejado en el proyecto de investigación del CONICET de 1985 – 1988 “Análisis sociolingüístico de textos producidos dentro del intercambio de información entre gobierno y ciudadanía” cuyos integrantes, además de Lavandera que lideraba el proyecto, eran María Laura Pardo, María Marta García Negroni, Martín Menéndez, Alejandro Raiter y Mónica Zoppi-Fontana. El análisis lo denomina sociolingüístico, pero ya no se trataba de la sociolingüística de Labov, sino que este término refiere una lingüística (análisis del discurso) preocupada por lo social. En los dos *Cuadernos del Instituto de Lingüística* que se publicaron en el marco de este proyecto aparece fuertemente esta visión sociológica y lingüística. Un ejemplo de esto es son los corpora sobre los que se trabajaba. Entre los integrantes se habían distribuido diferentes discursos políticos contemporáneos del fin de la dictadura como es el *Documento Final de la Junta Militar* y del principio de la democracia como los discursos de Alfonsín, el documento del episcopado, la Comisión Nacional de Justicia y Paz, entre otros.

Esta transición se produce en toda Argentina ya que, antes de los 80, se realizaban estudios sociolingüísticos variacionistas y, por ende, positivistas. Con la democracia se produce un gran cambio y ya no interesa solamente entender la realidad del lenguaje. Hay una marcada determinación de la época, propia del momento de democratización, que genera una gran preocupación por problemáticas sociales, reflejado en la lingüística a través del estudio del discurso. Más allá de la lingüística, Lavandera entiende al período de reorganización democrática como una responsabilidad para el educador siendo este una pieza clave para la democratización del país.

La preocupación por el discurso político y con compromiso social no se restringió sólo a Argentina, sino que se manifestó en Latinoamérica. La llegada de Teun Van Dijk a nuestro

continente y, especialmente, sus conferencias en Río Piedras, Puerto Rico, donde diserta sobre el análisis del discurso desde una perspectiva crítica constituirá una gran influencia en nuestros países. Más adelante, convoca a diferentes representantes lingüistas de Latinoamérica - Adriana Bolívar en Venezuela, Ingedore Koch en Brasil y Beatriz Lavandera y María Laura Pardo en Argentina, entre otros, con el propósito de conformar un proyecto común, ayudar a la fundación de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED).

Análisis del discurso: la Escuela de Buenos Aires

Lavandera conformó una escuela en Argentina, conformada por su grupo de investigación constituido, en un principio, por los mismos integrantes de las cátedras Lingüística y de Gramática textual, que dictan otras materias, conjuntamente con sus doctorandos y becarios. Dicha Escuela pretendía una visión propia y particular acerca del lenguaje que a lo largo del tiempo se vio reflejada en base a diferentes teorías, de orígenes diversos pero siempre preocupadas por entender: ¿qué es el lenguaje?.

22 de mayo de 2013

Síntesis de la entrevista con Elvira Narvaja de Arnoux (Revisada por la autora)

Sobre la cátedra de Semiología

La cátedra se constituye en 1985 con la implementación del Ciclo Básico Común dentro de las reformas de la normalización democrática. Una de las principales tareas fue formar a los profesores, adaptar la bibliografía y preparar el material didáctico, ya que se incorporaban temas referentes a la Semiología como ciencia que abordaba diferentes lenguajes (que habían sido incluidos en los programas universitarios en la breve experiencia anterior a septiembre de 1974) y temas de Análisis del Discurso que habían comenzado a ser tratados en seminarios de posgrado. Incluir estas problemáticas en el primer año del grado universitario constituía un desafío y exigía un trabajo intelectual y pedagógico intenso.

Al comienzo la materia era trimestral, se dictaba tres veces al año. Era una disciplina masiva, de más de 5000 alumnos ya que integraba alumnos de diferentes carreras: Antropología, Letras, Bibliotecología, Fonoaudiología, Filosofía, Geografía, Historia, Artes, Psicología, Comunicación Social y Diseño de Imagen y Sonido. La cátedra estaba distribuida en 7 sedes, cada una con un equipo pedagógico, y conformadas por alrededor de 120 docentes.

El contenido de la unidad sobre Semiología se pensó en base a un curso dictado en Argentina entre 1973 y 1974 por Luis Prieto, que era el titular de la cátedra que había sido de Saussure en Suiza y que dedicó su año sabático a formar un equipo en la Universidad de Buenos Aires. Se incluyeron aportes de Lotman y Peirce y el análisis de los materiales multimodales se completó con, fundamentalmente, la perspectiva de Roland Barthes. Al objetivo de introducir a los alumnos en el conocimiento de diferentes lenguajes y de las categorías teóricas para abordarlos se agregaba la necesidad de suministrar las herramientas conceptuales que les permitieran analizar textos pertenecientes a variados géneros. Los campos disciplinares convocados fueron Teoría de la Enunciación, Pragmática, Sociosemiótica, Lingüística del Texto, Retórica, Narratología y lo que se estaba constituyendo como Análisis del discurso. Para discutir temas teóricos y pedagógicos se organizaban periódicamente reuniones de cátedra que constituían un espacio de formación y de evaluación de la marcha de la materia. Rápidamente consideramos que era necesario reforzar las prácticas de lectura y escritura y así surgió la necesidad de crear un espacio específico que designamos como talleres de lectura y escritura. La implantación de los talleres fue paulatina porque no se disponía de espacio físico en todas las sedes. Al principio el dictado del taller fue “clandestino” ya que se demoró unos años en incorporar oficialmente en el programa de la disciplina. La recepción por parte de los alumnos fue muy buena, ellos notaban la necesidad de trabajar sobre sus propias producciones. Esta tarea llevó a la formación de talleristas que luego implementaron espacios similares en los institutos y universidades existentes y en las que se iban creando.

Los talleres se centraban en lo verbal y el rumbo de la materia en general fue centrándose en el lenguaje verbal, a pesar de una decisión desde las autoridades de cambiar el nombre que en un principio era “Elementos de Semiología y Análisis del Discurso” a “Semiología”. Los talleres de lectura y escritura generaron un gran espacio de reflexión teórica sobre el proceso de escritura y lectura, que llegó a toda Latinoamérica con la creación de la Cátedra de Lectura y Escritura de la UNESCO en Cali y que dio lugar en la Universidad de Buenos Aires a la Carrera de Especialización en Procesos de Lectura y Escritura. Además, de la repercusión en el nivel universitario, también incidió en la formación primaria y secundaria, debido a que los docentes que elaboraban los nuevos materiales escolares solían ser docentes de la cátedra de Semiología.

Sobre los cuadernillos

En los primeros años de dictado de la materia, los contenidos eran presentados en cuadernillos, que fueron elaborados a medida que se iba dictando la materia. Al comienzo eran tres unidades y terminaron siendo seis, con un cuadernillo por cada unidad. Una vez que los profesores se fueron formando, cada equipo pedagógico fue adquiriendo autonomía y confeccionó su propio material de cátedra, elaborando su propio trayecto de dictado de la materia.

Los primeros cuadernillos fueron de gran circulación por toda Argentina y han llegado a diferentes países de Sudamérica. Mostraban de alguna forma cómo seguir después de la dictadura. Los cuadernillos se proponían no solo actualizar la enseñanza sino recuperar la memoria histórica. El material práctico para análisis mostraba diversos géneros que trataban sobre diferentes momentos históricos. Existía un claro proyecto político por comprender la realidad nacional y la realidad latinoamericana. El objetivo era recuperar una característica de la UBA que se había perdido con el proceso militar y que era un espíritu profundamente crítico y un compromiso militante de los docentes.

Colección Lengua, Lingüística y Comunicación

El primer libro de la colección Hachette Universidad se publicó en 1979 en el marco de la filial argentina de una editorial francesa. Se proponía divulgar trabajos nacionales y traducciones de textos europeos (algunos publicados por la editorial en Francia). Al terminar la experiencia en 2002 por desaparición de la editorial (que había pasado a ser Edicial), la colección de Lengua – Lingüística – Comunicación contaba con igual cantidad de trabajos nacionales y extranjeros. Sirvió para la formación de los docentes del área tanto universitarios como de otros niveles. La censura no intervino, probablemente por el peso de la editora francesa y porque se trataba de textos específicos en los que para comprender en algunos de ellos la posición ideológica se necesitaban conocimientos del área. Además, el abanico de temas y disciplinas abordados era muy amplio: Fonología, Gramática, Teoría literaria, Semiótica, Análisis del discurso, Crítica, Filosofía del lenguaje, etc..

Diálogos con la cátedra de Lingüística

Se trataba de dos cátedras con perspectivas diferentes. Beatriz Lavandera se interesaba particularmente por el desarrollo de los campos teóricos que requería una disciplina como la suya destinada a estudiantes de la carrera de Letras y tendía a aplicar las categorías al estudio de textos propios de la apertura democrática. En cambio, en Semiología se focalizaba en problemáticas sociales, históricas, políticas (muchas de ellas olvidadas), a partir de las cuales se seleccionaban los materiales que servían para ilustrar aspectos teóricos o proponer ejercicios. Al mismo tiempo se formaban investigadores críticos con una fuerte vocación interdisciplinar (este enfoque continúa presente en *Análisis del Discurso: modos de abordar materiales de archivo*, Arnoux, 2009). La perspectiva se caracterizaba por un fuerte compromiso con la recuperación de una memoria histórica siguiendo una línea latinoamericanista, anti-imperialista.

El objetivo de la propuesta de la cátedra de Semiología y del equipo de trabajo consistía en desarrollar los espacios educativos en todos los niveles para actualizar el sistema educativo, generar más espacios, valorar los espacios ganados. Miembros del equipo trabajaron así en los distintos niveles con propuestas pedagógicas innovadoras. Una de ellas fue la puesta en marcha en 1988 de la primera Maestría en Ciencias del Lenguaje del país en la que se integraba el dictado de seminarios en diferentes lenguas y se exigía el cursado de dos años de Lengua portuguesa y cultura brasileña.

Relación con Brasil

La Maestría señalada surgía de la necesidad de abrirse hacia el exterior pensando en la integración latinoamericana (el Acta de Iguazú ya había sido firmada y el Mercosur se iniciaría dos años después). Se evidenciaba la importancia de desarrollar un bilingüismo portugués/español en Latinoamérica, que ya E. Arnoux había planteado en 1974.

Dentro del proyecto Glotopolítico, comenzaron a delinearse relaciones con instituciones brasileñas. En primer lugar con el Centro de Estudios Brasileños que apoyó la Maestría y luego con universidades brasileñas, lo que posibilitó el intercambio docente y en 2004 la implementación del programa de Centros Asociados de Postgrado con la Universidad de Campinas y la de San Pablo, y a partir de 2011 con la Universidad Federal de Paraíba (proyecto de Fortalecimiento)-

La reflexión sobre los temas glotopolíticos, y particularmente las políticas lingüísticas destinadas a la integración regional, se realizó en el marco de la disciplina Lingüística Interdisciplinaria, que comenzó a dictarse como seminario para después constituirse como disciplina. Después estos temas se consolidaron en otra disciplina, también a cargo de E. Arnoux, Sociología del lenguaje.

En el año 1992, se publica la primera revista Signo y Señal, colección que contó con la participación de analistas del discurso brasileños.

Numerosos congresos sobre los temas glotopolíticos se han realizado en Buenos Aires, el último de los cuales es el II Congreso de Profesores de Lenguas Oficiales del Mercosur (2013).

Nuevos espacios y Publicaciones

Los espacios de formación docente dentro de las cátedras fueron trasladados a posgrados y especializaciones como son la maestría en Análisis del Discurso y la especialización en Procesos de lectura y escritura. Esta última se desarrolló en el marco de la cátedra UNESCO en Lectura y Escritura que se conformó en un encuentro en Cali (Colombia) de representantes de las diversas universidades latinoamericanas. La Universidad Católica de Valparaíso de Chile, la Universidad del Valle de Cali y la Universidad de Buenos Aires se constituyeron en las sedes fundadoras. Se fueron agregando otras sedes nacionales y a su vez creando subsedes. En Argentina, actualmente, existen catorce subsedes.

Además, las actividades de docencia e investigación permitieron abrir otros espacios de publicaciones como las colecciones: “Enciclopedia Semiológica” e “Historia de las Políticas e Ideas sobre el lenguaje en América Latina”.

21 de mayo de 2013

2 APENDICES

Cuadernos del Instituto de Lingüística, Análisis sociolingüístico del discurso político – Ano 1- Número 1, Agosto 1986

Artigo/Material didático	Corpus	Unidade de análise	Teoria mobilizada
"Decir y Aludir una propuesta metodológica" B. Lavandera	Fragmentos dos discursos: Alfonsín (10/12/1983) Tróccoli (4/07/1984) Documento Final de la Junta Militar rádio e televisão (28/04/1983) Discurso del Presidente Alfonsín en el congreso Mejicano (26/3/1985)	"recursos mitigadores"	Na base de descrições dos recursos gramaticais em espanhol empregados com função "mitigadora", ambígua.
"Hacia una tipología del discurso autoritario" B. Lavandera	"Documento de Punto Final de la Junta Militar" (28/04/1983); Ubaldini (13/05/1985) discurso oral Borges (13/12/1984) nota publicada no jornal Clarín	Discursos: "autoritário ditatorial" "autoritário-demagógico" "autoritário-desautorizado"	Benveniste (Enunciação, enunciado), Grice (princípio cooperativo e as máximas), a teoria dos atos de fala de Austin, reformulada por Searle, os universais de cortesia de Brown e Levinson, polifonia e discurso dialógico de Bakhtin e Goffman
"El lugar aparente dos lecturas desde la Iglesia del "Documento Final de la Junta Militar"" S. M. Menéndez	Documento del Episcopado (6/04/1983) Documento de la Comisión Nacional de "Justicia y Paz" (5/04/1983) Documento Final de la Junta Militar (28/4/1983)	Campo semântico Referente temático Referente ideológico Ficción ideológica	Ideologia e aparatos ideológicos de Estado (Althusser) Ideograma (Kristeva)
"Hacia una redefinición de las nociones de "tema" y "rema": de la oración al discurso" M.L. Pardo	Documento del Episcopado (6/04/1983) Documento Final de la Junta Militar (28/04/1983) Discurso del Ministro del Interior Tróccoli (4/07/1984)	Tema e rema no discurso Carga semântica Focalização	Tema e rema na oração (Mathesius e Firbas) Focalização (Halliday)
"El discurso referido en busca del contexto perdido" M. Zoppi Fontana	Artigos e editoriais dos principais jornais da cidade de Buenos Aires da época	Discurso relatado Traços funcionais	Enunciação/enunciado, relação forma /contexto (Jakobson e Benveniste) Relações entre os planos enunciativos do discurso relatado e do discurso marco. Traços formais e representacionais (Sternberg)
"Hacia un análisis de la dinámica del discurso: el discurso del Dr Tróccoli" M. M. García Negroni; A. Raiter	Discurso del Ministro del Interior Tróccoli (4/07/1984)	Papeis discursivos Alocutário/destinatário Terceiro Discursivo Conexões intra e interdiscursivas	Rede discursiva, interdiscurso/intradiscurso (Pêcheux) Teoria de la enunciação Polifonia enunciativa (Ducrot) Conexão discursiva (Halliday) Texto y Contexto (Van Dijk)
"Del desplazamiento de	5 discursos pronunciados	Realidade discursiva	Discurso

un signo ideológico (Análisis lingüístico del discurso político)" A. Raiter; S. M. Menéndez	por Alfonsín: Na televisao 21/4/1985 Na Plaza de Mayo 26/4/1985 Na televisão 14/6/1985 Na ceia de camaradagem das Forças Armadas 5/09/1985 Em Villa Regina, Rio Negro 17/1/1986	Função de persuasão Pragmática/Interdis cursividade Formação Discursiva	Interdiscurso Rede discursiva Formação discursiva (Foucault) Condições de produção e condições de recepção
--	---	--	--

Artigo	Corpus	Unidades de Análise	Teorias de base mobilizadas
"La negación en el discurso: patrones y rupturas" B. Lavandera; M.L. Pardo	Discurso de Alfonsín pronunciado no Congresso (10/12/1983)	Paradigma Negação/afirmação Relação Conteúdo/forma	Negação (Bosque) Dizer e não dizer (Ducrot) Abordagem discursiva (Foucault, Lavandera) Pressuposições discursivas para emissões negativas (Givón)
"Roles protagónicos y actos de habla" M. M. García Negroni	Discurso de Alfonsín (21/4/1985) emitido na Rádio e Televisão	Macro-Ato de fala	Atos de fala (Austin, Searle) A ciência do texto Macro-Ato de fala (Van Dijk) Destinatário e Alocutário (Bonafous)
"Un lector privilegiado: el discurso del titular" S. M. Menéndez	Discurso de Alfonsín (21/4/1985) Manchetes dos jornais: Crónica, Clarín, La Nación e La Prensa do dia 25/4/1985.	Discursiva dominante Tópicos primários e secundários	Denotação/Conotação (Eco) Formação discursiva Tópicos primários e secundários (Van Dijk)
Diálogo discursivo e iniciativa discursiva A. Raiter	Ubalini (25/3/1986) Discurso de Alfonsín (23/5/1986)	Diálogo Condições de produção Signo ideológico Temporalidade discursiva	Poder dizer (Foucault) Discurso político (Klauss) Fundamentos discursivos do discurso peronista Sigal e Verón
Los gritos del silencio. La voz del otro en el discurso autoritario. M. Zoppi Fontana	Documento Final de la Junta Militar emitido por rádio, televisão e nos jornais (28/4/1983)	Intertextualidade Dialogismo Terceiro Discursivo	Dialogismo (Bakhtin) Discurso autoritário (Faye, Lavandera)
Resenha: "Sigal, Silvia y Verón, Eliseo (1986): Perón muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Buenos Aires: Legasa" A. Raiter	Discurso peronista	Enunciadores segundos Unidades propostas na crítica de Raiter: "Destinatario encubierto" Discurso político	Semiosis Social (E. Verón)
"Intertextual relationships: Missing people in Argentina" 1985	Documento Final de la Junta Militar Documento del Episcopado Documento de la Comisión Nacional de "Justicia y Paz" Discurso del Presidente Alfonsín en el congreso Mejicano (1985) oral	Discurso autoritário Tema e Rema discursivo Relações de intertextualidade	Dialogismo e intertextualidade (Bakhtin) Tema e Rema discursivo (Pardo) Recursos Mitigadores (Lavandera)

Apostilas de “Elementos de Semiologia y Análisis del Discurso” E. N. de Arnoux e colaboradores, 1985, 1986

	Temas	Autores	Textos analisados
1.	1.Comunicação A semiologia, Signo, Valor Esquema da comunicação Semiótico/semântico Sistema modelizantes Signo/objeto Língua falada/língua escrita	F. de Saussure L. Prieto R. Barthes J. Jakobson Benveniste J. Lotman; B. Uspenskij C. Peirce F. de Saussure L. Prieto	Texto “Historia semiótico-amorosa para no iniciados” Exercícios sobre sistemas semiológicos. Adatado de Martinet “Clefs pour la sémiologie” Paris, Segners, 1973 “La clave de los sueños” (texto onde é atribuído um objeto a um número) Aviso publicitário da Volkswagen
	1.2. A escrita A escritura na história Escritura e relações sociais	J. Kristeva Levi-Straus W. Raymond L-J. Calvet	
	1.3 A leitura do jornal. A tirinha A página do jornal Mensagem oral/icônico O desenho humorístico A tirinha	J. Peytard R. Barthes V. Morin R. Gubern, P. Frenseult-Beruello, O. Steinberg	Tirinhas de Mafalda
2	2.1 Estruturas Estilísticas y retóricas Variedades, língua como diassistema Registro/Diaeto, socioleto, cronoleto Sociologia estrutural da língua Situação de comunicação Funções da linguagem Gêneros do discurso Tipologias do discurso Competência comunicativa, linguística Crítica sociológica à linguística Reformulação do esquema da comunicação de Jakobson	E. Coseriu J. Ross Bourdieu Halliday Jakobson M. Bakhtin Van Dijk Lyons Bourdieu Kerbrat-Orechioni Todorov, Ducrot	Fragmentos para análise dos lectos: En la sangre de E. Cambaceres, Blues en la noche de Germán Rozenmacher, Entrevista a Cochengo Miranda, Corso de Rodolfo Walsh, Diles que no me maten de J. Rulfo, Don Segundo Sombra de R. Güiraldes, Triste Marlowe de Jorge Manzur, Tortito e Los premios de J. Cortázar, Recorte de nota jornalística de Luca Prodan rock argentino, La señorita estrella de J. J. Hernández Fragmentos para análise dos registros: Recorte de Jornal sem as referencias sobre R. Videla e o Mundial de 1978, Recorte de Jornal de coluna social Entrevista de M. V. Vásquez a J. L. Borges e E. etc ¹⁹ Exemplos de diálogos, jornais, publicidades, gêneros jornalísticos, incluídos em romances. (La gran Aldea de Lucie V. Lopez, El fin del viaje de Ricardo Piglia, Drácula de Bram Stoker, El camino de hiperbóreas de Hector Libertella, etc.)

¹⁹ G. Kieffer Testemunho da classe operária, Carlos Gardel nas vozes do povo, Recorte de jornal sobre economia, Rayuela J. Cortázar Corpus do espanhol falado de B. Lavandera, Receita de cozinha, Regulamento de uma piscina, Gracias por el fuego, M. Benedetti, Fragmentos orais: a intervenção de uma professora em sala de aula, um comerciante no transporte público, Los complementarios Antonio Machado, Los olvidados de los Andes, J. H. Adoum, Teorema de Pitágoras, Cataluña vista desde afuera, Baltasar Porcel, etc.

	As figuras retóricas Estruturas retóricas	Van Dijk	Identificar as figuras retóricas em Slogans publicitários e políticos.
	A conotação	Kerbrat-Orecchioni U. Eco Barthes	Diferentes tipos de conotação: Un mensaje imperial de Kafka, La modificación de Michel Butor, Los chantajistas no matan de Raymond Chandler, Por el caminos de Swann de Marcel Proust Exercício sobre conotações afetivas: Caso Dora de Sigmund Freud, Betinoti de H. Manzi Conotação axiológica: recorte de jornal Clarín, Sumarios Policiales de Chamico, Don Quijote de la M, de M. de Cervantes, etc.
	2.2 A metáfora	J. Le Galliot M. Le Guern C. Metz M. Angenot Lakoff e Johnson J. Molino	Dios se desnuda en la lluvia e Cantemos de Juan L. Ortiz, Hablame de Benjamín Péret, Aquí a un culpable de P. Eluard.
	2.3 O discurso poético.	Reisz de Rivarola V. A. Bravo J. Salens Delas y J. Filliolet U. Eco Barthes A.A. Moles Barthes	Blanco de O. Paz, Fidelidad de B. Otero, La cruz del sur de J. Cortázar, Vidalita de M. H. Walsh, Cantos de Vida y Esperanza de R. Darío, Persuasión de los días de O. Girondo etc. Publicidade da rádio Continental
	A mensagem publicitária O cartaz político		Cartazes do dia do trabalhador
3.	Enunciação Dêiticos Modalizações Apelativos	Ducrot Kerbrat-Orecchioni Benveniste Parret D. Maingueneau	Fragmento do comentário final sobre a projeção televisiva "Nunca Más" E. Sábado (4/7/1984), Carta a Miguel Unamuno de A. Machado, textos académicos de A. Alonso e E. Coseriu. Fragmentos: dos discursos de Alfonsín na posse do governo (10/12/1983) e nos cem anos de governo do discurso de Perón em agosto de 1955 de um discurso de protesto dos trabalhadores em Córdoba em 1971
	O discurso narrativo	T. Todorov, G. Genette	Características do discurso e do relato: Documento Final de la Junta Militar 19/4/1983 "Rostros de bronce" Néstor Ortiz Oderigo Fragmento do discurso de R. Alfonsín (Marzo 1984) e aos cem dias de governo Fragmento de um discurso de J. P. Feinmann Gestos de S. Sarduy, La muerte de Artemio Cruz de Carlo Fuentes, Pronunciamento de Urquiza "La regeneración 1851", Registro Oficial de lei 1936
	A crónica jornalística	J. F. Lyotard, D. Maldidier e R. Robin, T. Trew	Sobre Malvinas: "Júbilo popular en plaza de Mayo", jornal La Razón 2/04/1982 "Desde tempranos las calles mostraron mucha animación" La Prensa 3/4/1982 "Apoyo popular a la recuperación de Malvinas" Clarín 3/4/1982 "La ciudadanía exteriorizó su adhesión" sem referência, "Jublio Argentino" 3/04/1982
	O discurso histórico	R. Barthes W. Hayden	Sobre "El combate de obligado" El combate de obligado, In: Ibañez, J. Historia de las instituciones políticas y sociales argentinas, Bs As: Troquel 1981.
	Ideologia	R. Boudon e F. Bourricaud R. Robin e D. Maldidier E. Verón	Las intervenciones francesa e inglesa, In: Astolfi, J. Historia para 3er año, Bs As: Kapelusz, 1981.

			<p>Fragmento de Miretzky, R. Historia 3, Bs As: Kapelusz, 1981.</p> <p>Ilustração em tirinhas de J. Limura</p> <p>Sobre a destituição de Yrigoyen</p> <p>"La caída de Yrigoyen" Ibañez J. Historia III, Bs As: Troquel, 1985.</p> <p>"Yrigoyen es llevado a la Plata", Rosa J. Historia Argentina Vol 9, Bs As: Oriente.</p> <p>"XV. Prisión y destierro", In: Galvez M. Vida de Hipólito Yrigoyen, Bs As: TOR, 1951</p> <p>Sobre a destituição de J. D. Perón:</p> <p>"Primera y segunda presidencias de J. D. Perón" e "'La revolución Libertadora'. Presidencia de P. E. de Aramburu" In: Ibañez J. M. Historia 3, Bs As Troquel. 1985.</p> <p>"Dieciseis de Junio", In: Bidart Campos, G. Historia política y constitucional Argentina, Bs As: Atlántida, 1967.</p> <p>"La 'estrella' de Perón declino..." In: Levene G. Historia Argentina, Tomo II, Bs As: Austral, 1969.</p> <p>"El 'moralismo' de la clase media" In: Ramos Jorge A. Revolución y contrarevolución en Argentina. Bs As.: Ed. La Rreja, 1961.</p> <p>"El régimen peronista se desvanece sin combate y sin honor", In: Peña, M. Masas, Caudillos y elites. Bs As: Fichas. 1971</p>
4.	<p>Polifonia</p> <p>Intertextualidade</p> <p>Enunciados relatados</p> <p>Transtextualidade</p>	<p>M. Bakhtin</p> <p>C. Kerbrat-Orecchioni,</p> <p>D. Maingueneau & Gresillon</p> <p>O. Ducrot</p>	<p>Reconhecimento de diferentes vozes</p> <p>"Así agradeció la escritora" Agradecimento no jornal de M. H. Walsh</p> <p>Poema "Oda a la democracia" de M. H. Walsh</p> <p>Letra da Música "Algo personal" de Joan Manuel Serrat</p> <p>Fragmento do romance "El libro de Manuel" J. Cortázar</p> <p>Intertextualidade entre os textos:</p> <p>"La saga/fuga de J.B." G. Torrente Ballester e "Cerraron sus ojos que aún tenía abierto?" G. A. Décquer.</p> <p>Soneto de Luís de Góngora e "procura desmentir" Sor Juana I de la Cruz.</p> <p>"Los Cortázar" J. Cortázar e "Junin" de J. L. Borges,</p> <p>"La responsabilidad moral del científico" A. Einstein</p> <p>Etc.</p>
	Discurso polémico	<p>Kerbrat-Orecchioni</p> <p>M. Angenot</p>	<p>"El anti-imperialismo y el APRA" de Haya de la Torre</p> <p>"El idioma de los argentinos" de R. Arlt</p> <p>Fragmentos:</p> <p>Facundo de D. Sarmiento</p> <p>"Vidas de muertos" Ignacio Anzoategui e diálogo polémico com Homero Manzi</p> <p>"Um argentino y el Partido Socialista" M. Ugarte</p> <p>"Qué es esto", E. Martínez Estrada e diálogo polémico com "Los profestas del odio" A. Jauretche.</p> <p>"Industria, burguesía industrial y liberación nacional" M. Peña.</p> <p>Etc.</p>
5.	<p>Atos de fala</p> <p></p> <p>Crítica a Austin</p> <p>Macro-Ato de fala</p>	<p>J. Austin</p> <p>E. Benveniste</p> <p>F. Recanati</p> <p>J. Searle</p> <p>M. Formel</p> <p>P. Bourdieu</p> <p>D. Slakta</p> <p>Van Dijk</p> <p>F. Nef</p>	<p>Tirinhas de Meiji y Tabaré da revista <i>Humor</i></p> <p>Discurso de J. D. Perón 1973</p> <p>Testamento de J. de San Martín</p> <p>Preâmbulo da Constituição Nacional (Argentina)</p> <p>Discurso de Alfonsín 10/12/1983</p> <p>Fragmentos de peças de teatro:</p> <p>"La patota" C. M Pacheco</p> <p>"La isla desierta" de R. Arlt</p> <p>"Fuenteovejuna" de Lope de Vega</p> <p>"Noche de Epifanía" de W. Shakespeare</p> <p>Discurso J. D. 17/10/1954</p> <p>"El truco" de E. Carriego</p>

	O manifesto	P. Bourdieu C. Abastado S. Yahalon	Manifesto para analisar um manifesto. "Manifesto Liminar de la Reforma Universitaria" (1918) Manifesto de la fundación de F.O.R.J.A. (1935) Manifesto da Conferência da II Internacional contra a I Guerra Mundial (Suíça, 1915) Manifesto de "Martín Fierro" Fragmento Manifesto de Hidalgo (1810, México) Fragmento 2º Manifesto do surrealismo de A. Breton Primer Manifesto Político de A. C. Sandino (Nicaragua, 1927)
6	Los implícitos Subentendido Pressuposto	O. Ducrot P. F. Strawson V. Voloshinov H. P. Grice U. Eco Schmidt C. Kerbrat-Orechioni	Sessão da Câmara de deputados 13, 14/03/1986 Diálogo con Iglesias, Clarín 08/1985 Parco y evasivo testimonio de um ex oficial de Marina, Clarín 10/08/1985 "Mastropiero que nunca" de Les Luthiers Corpus gravado de conversas pelos alunos da cátedra de Lavandera, 1985 Editorial: Soberanía y desarrollo, Clarín, 1985 "El voto femenino" e "las argentinas", Clarín Prólogo de Operación Masacre de Rodolfo Walsh Etc.
7	Coesão e coerência Coesão léxica Progressão temática Referência anafórica e catafórica Isotopia Istopia conotada Estrutura da fala	Halliday e Hassan Van Dijk Lozano, Peña Marín e Abril Greimas Kerbrat Orecchioni Hudson	Entrevista a Pino Solanas, El despertador, 1986 Introducción al conocimiento científico, Guibourg e Ghiglioni Politiquiar de G. García, Unidos, 1986 Suplemento deportivo, Clarín, 1986 Entrevista a Charly García, Revista Quiero ser Manual de instruções de máquina de lavar. Resolução do Ministério de Educação